

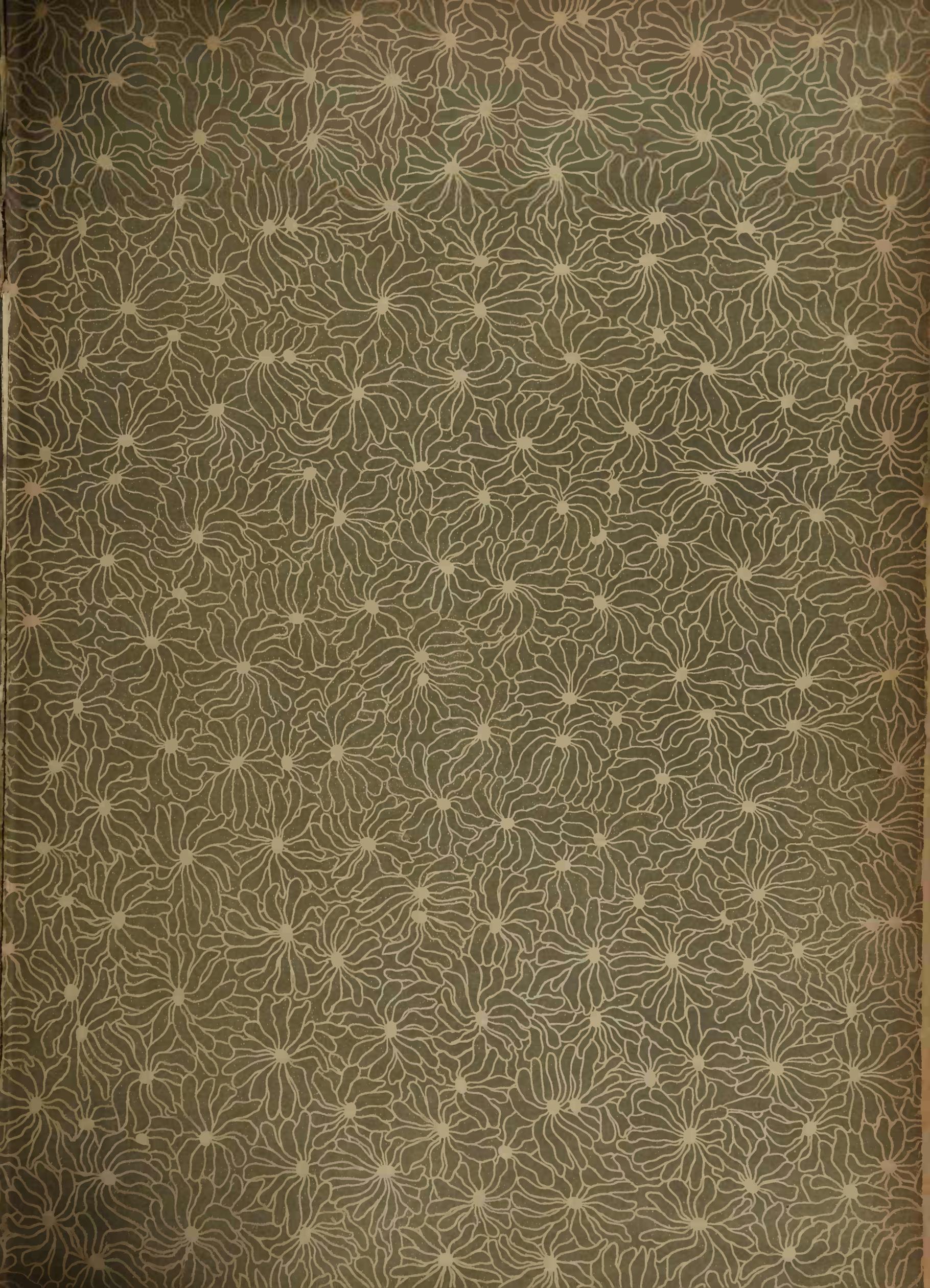


Je ne fay rien  
sans

**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





# AMERICA BRASILEIRA

DIRECTOR: ELYSIO DE CARVALHO • RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

N. 5 — ANNO I — NOVA SERIE

RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1922



ARTIGOS PRINCIPAES DESTE NUMERO:

A responsabilidade da Guerra do Paraguay

AMEMOS O BRASIL

Os Problemas do Centenario - Questões de defesa nacional

Revisão Constitucional

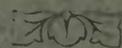
Latinos-Americanos



O programma  
da "AMERICA BRASILEIRA"

julgado pelo

Sr. Estanislau Zeballos



Origens do sentimento nacional brasileiro

**AMERICA BRASILEIRA**  
REVISTA DE CULTURA NACIONAL

CRITICA E ESTUDO DOS PROBLEMAS NACIONAES  
DEFESA MILITAR E ECONOMICA  
RESENHA DA VIDA INTERNACIONAL  
SYNTHESE DAS POSSIBILIDADES E REALIZACOES BRASILEIRAS  
EXPOENTE DA CULTURA NACIONAL EM SUAS VARIAS MODALIDADES

Director  
ELYSIO DE CARVALHO

Redactor chefe  
THEOPHILO DE ALBUQUERQUE

Secretario da redação  
RENATO ALMEIDA

Redactor  
CARLOS RUBENS

Collaboradores

João Ribeiro, Alberto de Oliveira, Graça Aranha, Oliveira Vianna, Mario de Alencar, Celso Vieira, Alberto Faria, D. Julia Lopes de Almeida, Rodrigo Octavio, Victor Vianna, Capitão Genserico de Vasconcellos, Amadeu Amaral, Rocha Pombo, Tristão da Cunha, Affonso de E. Taunay, João Pinto da Silva, Mario da Silva, Mario Pinto Serva, Monteiro Lobato, Ronald de Carvalho, Carlos de Vasconcellos, Selda Potoka, Gustavo Barroso, Alvaro Moreyra, Octavio N. de Brito, Hildebrando Accioly, Severiano de Rezende, Léo Vaz, Claudio Ganns Manoel Bandeira, Mucio Leão, Tristão de Athayde, Homero Prates, Alves de Souza, Commandante Tancredo Burlamaqui, Nuno Pinheiro, Matheus de Albuquerque, Rodrigo Octavio Filho, Raul de Leoni, Carlos Pontes, Mario Simonsen, Ribas Carneiro, Rubens Barcellos, Felipe de Oliveira, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Mario de Vasconcellos, Pontes de Miranda, Viriato Correia, Austregalindo de Athayde, S. Galeão Coutinho, Sergio Burque de Hollanda, Annibal Fernandes, Claudio de Souza, Albertino Moreira, Menotti del Picchia, Carlos D. Fernandes Bernardino de Souza, Mario de Vasconcellos, Jorge Jobim, Lima Barreto, Pedro Lobão Filho e outros nomes escolhidos entre os que illustram a nossa actualidade na sciencia, na litteratura, na politica e na economia.

"America Brasileira", publicação como até hoje não teve o Brasil, resolveu a questão de pensarmos uma grande revista de cultura e informação geral ao alcance de toda gente.

Assinatura annua par. todo o Brasil  
12 numeros, ..... \$300

Numero avulso de maio, 300 réis

REDAÇÃO E ADMINISTRACAO:  
B. A. MONTEIRO MERCANTIL

REDAÇÃO E ADMINISTRACAO:  
RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 86, 2.º

RIO DE JANEIRO — BRASIL  
DE N. 1912 — Caixa Postal 1723

# LIVRARIA J. LEITE

Obras classicas, raras e preciosas

Livros antigos e modernos

## PEÇAM CATALOGOS

### EDIÇÕES DA CASA:

REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS, pelo famoso Classico Paulista, Mathias Aires. Reprodução fac-smile da 1ª edição de 1752. Rarissima  
1 vol. brochado ..... 15\$000

«...o mais fino e prespicaz da litteratura Brasileira...» (Ronald de Carvalho).

«...O Brasil tem, talvez no insigne moralista, a sua maior gloria classica fóra da de poesia» (Andrade Muricy).

«A lingua portugueza amplia-se sob a sua penna, em um milagre de plasticidade e elegancia, sempre muito limpida e apurada...» (Barbosa Lima Sobrinho).

«...Todo o homem de bom gosto, amante realmente das nossas letras, deve ler este livro...» (Jackson de Figueiredo).

«... Não conheço, em toda a litteratura portugueza, outra obra no genero com o valor que tem esta...» (Nestor Victor).

«...é o seu engenho dos mais agudos e interessantes de seu tempo...»

«...manejando o vernaculo com a mais encantadora perfeição, e a naturalidade elegante de quem tem muito que dizer, e sabe mais do que escreve...» (Tristão de Athayde).

«Em cerca de dous seculos (1580-1756) de litteratura, que neste volume historiámos, não encontrámos escriptor tão ricamente dotado do poder de insuspecção, e de expressão como este esquecido paulista». (Fidelino de Figueiredo).

SUMMA POLITICA: pelo Bispo-Conde D. Sebastião Cesar de Menezes. Reprodução fac-smile deste preciosissimo livro. Extremamente, raro. 1 vol. brochado..... 10\$00

«...verdadeiro monumento litterario. O auctor foi notavel pela reputação gigante da sua sciencia politica». Camillo Castello Branco).

«Eu li bem de vagar este livro... é sizudissimo, é claro, é breve. Juntou impossiveis» (D. Francisco Manoel de Mello).

«Estylo claro, profundidade de conceitos, agudeza e concisão reunidos á perspicacia e rigorosa elegancia, formam no juizo dos bons entendedores o caracter desta obra» (Innocencio).

DESAPROPRIAÇÃO POR UTILIDADE PUBLICA, por Solidonio Leite, 2ª edição augmentada, posta de accôrdo com o Código Civil e seguida da jurisprudencia em ordem alphabetica. 1 vol brochado..... 10\$000

«...é obra que se guarda na estante para consultar, sempre que se tem necessidade de estudar o assumpto». (Pedro Lessa).

DE D. JOÃO VI A INDEPENDENCIA, pelo Dr. João Romeiro. Estudo sobre os factos que mais contribuíram para ser proclamada em S. Paulo, no dia 7 de Setembro 1822, a emancipação politica da Patria. Nova edição (a 1ª fóra sómente de 200 exemplares) com a biographia do auctor e os juizos da imprensa. 1 vol broch. \$5000

«...é obra de um pensador na forte madureza do espirito longamente esclarecido pelo estudo e pelas experiencias da vida» (Basilio de Magalhães).

### NO PRELO:

DIALETICO INDO-PORTUGUEZ DE GÓA, por Mens. Rodolfo Dalgado.

A LINGUA PORTUGUESA NO BRASIL, por Solidonio Leite.

## PEDIDOS A J. LEITE & C.

RUA TOBIAS BARRETO, 12

RIO DE JANEIRO

# AMERICA BRASILEIRA

Director: ELYSIO DE CARVALHO

RESENHA DA ACTIVIDADE NACIONAL

NUM. 5



RIO DE JANEIRO, ABRIL DE 1922



ANNO I

## A AMERICA BRASILEIRA JULGADA PELO SR. ZEBALLOS

Para o illustrado publicista argentino Sr. Estanislau Zeballos, nome assás conhecido na historia das nossas relações com a Republica Argentina, "a ruina financeira do nosso paiz" terá "por unica causa" a hypothese de um "perigo argentino". Essa é a essencia profunda do longo ensaio que, gentilmente, dedica em sua conceituada "Revista de Derecho, Historia y Letras", aos fins moraes, politicos e sociaes da *America Brasileira*. O escriptor platino vê, nas palavras e nos paragraphos do nosso programma, o veneno subtil e mal disfarçado de uma propaganda solerte contra a sua patria.

Não lhe sendo possível recusar o nosso testemunho de que estamos sós na America, insinua que, decorre naturalmente o reconhecimento desse facto, a politica de aggressão ou de desconfiança que, segundo elle, norteia o pensamento da nossa Revista.

Deve saber o Sr. Zeballos que, sendo tradicional esse insulamento, e, em que pése á sua reserva acerca da magnanimidade da politica imperial, não tendo os nossos dirigentes mostrado jámais ambições inconfessaveis de expansionismo e de conquista, não é licito suppor que, agora, fossemos pedir armas para atacar os nossos visinhos. Os trechos do nosso programma referentes ao desenvolvimento das nossas forças não podem nem devem de modo algum, ferir as susceptibilidades nem provocar os sentimentos de desconfiança do nosso commentador. Estamos fazendo, simplesmente, no puro campo doutrinário, o que os nossos amigos do Prata já realizaram praticamente. Basta uma inspecção summaria, um balanço rapido entre as forças militares argentinas e brasileiras, de mar e terra, para se verificar a sem razão dos que nos tacham de imperialistas perigosos. A Argentina, com um territorio de 2.877.700 kilometros quadrados, e uma população de menos de 9 milhões, possui um exercito superior ao nosso,

não só em numero mas, tambem, em abundancia de material. Sua capacidade de mobilização, mercê de extensas rêdes ferroviarias convergentes sobre as nossas fronteiras, é infinitamente maior do que a nossa. Tudo isso por que? Porque, enquanto os nossos politicos se entretinham em discussões nutridas sobre o divorcio nos Estados Unidos ou sobre a Constituição da Republica da Liberia, os dirigentes argentinos, patrioticamente, contratavam no estrangeiro missões militares chefiadas por generaes prussianos, compravam metralhadoras, canhões pesados e de campanha, construíam estradas estrategicas e obras de engenharia dispendiosissimas, preparando-se para não *soffrer sorpresas*. Enquanto os nossos administradores, baseados num dispositivo positivo de da Carta Magna, clamavam contra a illegade do *sorteio*, os nossos visinhos, cuidando intelligentemente da defesa do paiz, applicavam a lei do *serviço militar obrigatorio*. Cada cidadão era um soldado, apto, no momento preciso, para entrar em campanha, munido da sua caderneta de reserva, como qualquer granadeiro da Pomerania. Todos os annos as suas tropas se adestravam na dura disciplina das manobras, e, diariamente, no jogo da guerra, se exercitava a intelligencia dos officiaes do Estado Maior.

Quanto á marinha o mesmo se observava. Para assegurar a tranquillidade das nossas immensas costas, de leguas e leguas de extensão, os nossos Almirantes propunham medidas, versavam themas, escolhiam pontos estrategicos, determinavam posições excellentes. Mas a tudo ficavam surdos os nossos politicos, e os planos mirificos iam dormir o somno burocratico, das pastas nos archivos. Os nossos visinhos, porém, não nos imitavam nesse particular. Longe d'ahi. Refugiando ás improvisações inuteis e os debates lyricos, traçavam rapidamente os contornos da Bahia Blanca, transformando-a em um

porto militar de primeira ordem, munido de todos os petrechos bellicos que a experiencia da guerra moderna indicava. Depois do periodo aureo do Segundo Imperio, a marinha brasileira só um momento esteve em condições de superioridade sobre a da Argentina, quando fizemos a *encommenda do Minas e do S. Paulo*. Immediatamente, porém, os poderes argentinos trataram de estabelecer a supremacia antiga, construindo navios mais poderosos que os nossos, apesar de terem um littoral muito menos vasto que o da nossa patria.

Não vimos nunca, em todos esses preparativos, um proposito de aggressão. Estavamos praticamente desarmados em face da Republica platina, mas, nem por isso, os nossos publicistas e os nossos dirigentes vislumbraram uma febre imperialista na politica do paiz lindeiro. De modo que, se bem entendemos os argumentos do illustre Sr. Zeballos, quando a Argentina se arma devemos todos ficar tranquilos, certos das suas boas intenções, mas quando o Brasil cuida da sua defeza descurada, o caso muda de figura. De um lado, um paiz menor e menos populoso gasta sommas fabulosas com os seus armamentos, mas com os melhores intuitos; de outro lado, uma nação maior e de gente mais numerosa procura organizar as suas forças, mas, logo se vê, levado por motivos bellicos e prejudiciaes. Por que, santo Deus?

Saiba o nosso amigo Sr. Zeballos que, se fazemos uma propaganda seria e patriotica em prol das nossas forças militares, não nos move um interesse, nem um ideal de conquista, que nunca tivemos e que não está na indole da nossa raça. Não precisamos de expansões territoriaes nem economicas. Somos, mercê da fortuna, bastante grandes e opulentos para tramar insidias contra os povos com quem convisinhamos. Esteja confiante o Sr. Zeballos. O Brasil não vive temeroso do espantinho do perigo ar-

# A HISTORIA ILLUMINADA

DE RIBAS CARNEIRO

Quem conhece o admiravel trabalho do Abbade Pascal — "Lettres sur l'histoire de France" — de tão brilhante estylo, de tão graciosa linguagem, póde chegar á conclusão de que, em materia de ensino de Historia e principalmente de Historia Nacional, estamos em uma lamentavel pobreza de livros, pobreza em numero, pobreza em qualidade, pois que, dos escasos que ha, a grande maioria é o que póde haver de mais anti-pedagogico, determinando por parte do estudante uma invencivel repugnancia á materia, de tal fórma se apresenta, inexpressiva, estafante em datas e nomes, sem um conceito proprio, sem a mais vaga vibração patriótica, sem uma pagina que falle á imaginação.

Cito, como exemplo, a obra do Abbade Pascal pela perfeição na synthese. São paginas de uma frescura encantadora que, em largas linhas, mas sem prejuizo de perspectiva, abrange toda Historia da França, desde os tempos barbaros, até a época contemporanea de pleno seculo XIX, paginas suggestivas, de uma penetrante analyse, illuminadas por um admiravel orgulho de raça, é grande amor ás tradições veneraveis da terra da suprema graça que em meio das apprehensões mais graves, justamente num momento sobremaneira critico, festejou com pompa o seu Molière.

Quanta vez folheando o livro do Abbade Pascal e relendo as suas paginas de uma clareza encantadora, estive a pensar como faria bem os nossos collegiaes uma Historia do Brasil que deixasse de ser uma

enfadonha exposição de factos, que não torturasse a memoria com uma enfiada de datas e de compridos nomes, mas que em largos paineis pintasse, com suggestivas cores, as épocas memoraveis de nossos antepassados, épocas caracteristicas das etapas da evolução da nossa terra e da nossa gente, que despreziosamente, de uma forma simples e captivante recapitulasse a bravura dos nossos desbravadores do sertão, dos reaes conquistadores de nossas fronteiras, dos achadores das minas, e accentuasse o seu temperamento perseverante, tenaz, inflexivel, provas da energia soberba da nossa raça, hoje tão mal haviada, por leviana e infundada critica. Como seria interessante um livro que soubesse ir aos poucos formando no espirito das crianças uma consciéncia de patriota, um orgulho de ser brasileiro por saber os feitos prodigiosos que fizemos ao enfrentar a invasão dos hollandezes, sem armas quasi, sem organização nenhuma, levados somente pelo amor á terra e ás tradições. Quanta suggestão provocaria na imaginação dos collegiaes uma pagina bem feita sobre a união das tres raças na luta contra os homens de Nassau, quanta illação se tiraria da fidelidade dos bravos de Henrique Dias e do heroico esforço da gente de Camarão!

Entretanto esse periodo de formação nacional, a conquista da terra ao indio e á natureza brava e a defesa das invasões dos europeus, que tantos themes fornece para incentivar o animo das crianças no amor ao seu paiz; justamente esse periodo

de prodigios, de heroismos, é duramente sacrificado, exposto em nossos compendios escolares com uma pallidez chlorotica num estylo chatissimo de almanach. E a criança obrigada a repetir os nomes estrambóticos e tremendos de toda militança de Nassau e o numero de soldados com que em cada refrega se batiam os luso-brasileiros, vai cahindo numa invencivel displicencia por estes estudos, displicencia já insinuada em seu espirito desde as primeiras lições com a monotona exposição daquelle capitulo famoso sobre as Capitánias Hereditarias e com aquelle enumerar de tribus indigenas, cujos usos e costumes são espantosamente falseados.

A evolução do nosso paiz, o modo porque passou do periodo de conquista ao de colonização, a promoção de colonia a reino, os progressos que se foram verificando, o aperfeiçoamento das condições de vida, a modificação nos usos e costumes, e a força de concentração nacional, a explicação do modo por que a independencia do Brasil se foi conquistando, o retrato dos grandes homens da época e desse curioso typo do nosso primeiro Imperador e os vultos da Regencia, e a significação historica desse formidavel periodo da menoridade, o Segundo Imperio, a estabilidade politica desses sessenta annos de governo, a extincção do trafico e a epopéa a licionista, a acção do Brasil no Prata, Brasil em face da America Hespanhola dividida, subdividida, tumultuada pelos caudilhos, que succederam os libertadores, em guerrilhas fratricidas, toda essa admiravel successão de factos demonstrativos de uma evolução continua, gradativa, como que presidida por um soberano espirito de logica, quanta lição arrebatadora, quanto exemplo de civismo, de trabalho, de intelligencia, de honestidade, suggeriria aos professores a quem está confiada essa geração que vai caminhando para um futuro, cujos horizontes ninguem conhece por certo, mas que são adivinhados pelos que sentem a convicção de fazer parte de uma Nação fadada á culminancia.

Precisamos mais que nunca, nessa época de competições agravada com a última guerra, insistir na educação dos nossos meninos, insufflando-lhes um forte patriotismo, um vivo orgulho nacional, uma clara consciéncia de brasileiro, ciúsc de seus direitos, de seus privilegios, de suas tradições, e para se conseguir apurar os sentimentos civicos dessa geração que vai despontando, o programma é ensinar a historia de seus avós, mas ensinar com amor e intelligencia, para que cada lição não venha só á memoria, mas alcance o coração, produzindo mais que um trabalho mental, uma grande influencia moral.

gentino. Não nos arruinaremos, como o notavel ex-Ministro das Relações Exteriores julga, correndo o pareo dos armamentos. A politica internacional do nosso paiz, não está, como o Sr. Zeballos escreve (pg. 422 da "Revista de Derecho", etc.) "fundada en una hypothesis erronea", a hypothese de um ataque argentino. Seria mister, para tanto, que o mundo inteiro se reduzisse ás fronteiras platinas. Nossa politica exterior tem os seus rumos traçados numa velha tradição de clareza, harmonia e segurança. Temos dado, nesse especial, provas exuberantes de que nunca forjamos intrigas perigosas á paz do continente sul-americano. Todas as nossas questões têm sido resolvidas por arbitragem ampla, de um modo sério e honesto.

Se pedimos aos nossos dirigentes uma organização militar digna da nossa patria, se denunciámos á parte esclarecida do nosso povo as falsidades de alguns pretensos ami-

gos, não quer dizer que estejamos pregando a guerra, uma guerra descabida, uma guerra antipathica, uma guerra que repugna ao coração brasileiro. Porque razão o Sr. Zeballos, que sempre foi partidario do preparo militar do seu paiz, nos nega a nós o direito de pretender para o Brasil as vantagens de um regimen que a propria Argentina já adoptou ha muitos annos? A America Brasileira, para ser uma realidade historica precisa tornar-se forte, mas forte dentro da lei e da justiça, forte dentro da consciéncia que um dever secular de paz e de trabalho nos impõe. Fique tranquillo o nosso commentador, o Brasil não desembainhará a espada se não em defesa dos seus direitos, unico caso em que a Constituição nos faculta pegar em arma.

Afóra essas considerações, muito lhe agradece a Direcção da America Brasileira, a attenção que lhe mereceu o seu programma leal e sincero.

# ORIGENS DO SENTIMENTO NACIONAL BRASILEIRO

POR

ELYSIO DE CARVALHO

É curioso assignalar em nossa historia as origens do sentimento nacional. Antes de tudo, podemos affirmar que desde o primeiro seculo, senão desde o primeiro dia da colonização, começamos a sentir um Brasil nosso, uma terra que nos ficou no peito, como se fosse o torrão natal de nossos pais. Basta invocar os mais antigos testemunhos, examinar os primeiros chronistas, compulsar as cartas e os annaes das missões, para ter a prova de que os nossos maiores entraram aqui deslumbrados de todos os esplendores desta natureza e ufanos de serem acolhidos como num seio de mãe fecunda e generosa. Tudo nos leva a dizer que amamos a terra desde que a conhecemos.

Nos tempos primitivos, no entanto, as nossas preferencias pelo novo *habitat* nasciam, dir-se-hia, de uma gratidão commovida da nossa ventura pelas munificencias que se nos deparam de todos os lados, em todas as latitudes e em todas as zonas. Fomos, porém, apenas gratos. Por uma razão que se encontra no fundo da propria psychologia humana, entretanto, o amor que se funda na gratidão nunca será tão forte e tão sólido como o amor que nasce com o trabalho, que surge com o soffrimento, que se gera na grandeza e solemnidade do sacrificio. Só se preza devidamente aquillo cujo preço pagamos com a espantosa resignação dos esforços heroicos. Só se ama profundamente, e com todos os extremos da alma, o que foi objecto das nossas ancias, dos nossos desvelos, dos nossos devotamentos, e que veio, por isso mesmo, a tornar-se para nós um como irresistivel motivo de culto.

Explica-se, pois, como é do segundo seculo em diante que o amor da terra se transforma subitamente num verdadeiro sentimento de patria, e até mais que simples sentimento de patria, porque se fizera poderoso e intenso impulso creador do largo nacionalismo que palpitou em seguida em todas as paginas da nossa historia. Deste modo, marcamos o periodo que vai de meados do primeiro a meados do segundo seculo como sendo a phase da criação do nosso espirito nacional. Essa é a idade heroica da nossa formação de povo. Começamos expulsando os Francezas da Guanabara em 1567: nessa obra associou-se o heroismo do novo portuguez que se fizera na Bahia e em S. Vicente ao valor e á grandeza moral do selvagem, que já representava pela primeira vez o seu papel na formação social que se inicia. Depois, fomos tocar de todo o littoral do norte o mesmo intruso que se obstinava em disputar-nos dominio. Todavia, em todas essas funcções exercemos o nosso valor na defesa da terra, mas em nenhum dos pontos que defendemos resaltou mais que o nosso sentimento da patria. O espirito propriamente nacional vai sair de um encontro mais formal e heroico do nosso amor á terra com o intento decisivo de intrusão. E só das guerras hollandezas, é que vamos lograr a nossa consciencia de povo e um largo surto do nosso instincto nacional — porque é só nesta phase que as lutas para nós tomaram um caracter excepcional e tivemos de travar-as em condições mais extraordinarias ainda. O que em 1654 nos exaltava não era só a ufania de haver libertado a terra á custa do nosso heroismo: mais que o orgulho da victoria, era o sentimento de que já eramos povo, e povo digno de

assumir o seu papel no convívio internacional, porque nos sentiamos capazes de affirmar pelas armas a nossa existencia politica.

Quando se estudar as origens da nacionalidade, é preciso, portanto, auscultar a alma dos colonos de Martim Affonso ao pisarem o sólo do Brasil em 1532; mas, ao encarar a gente trasladada um seculo depois, já o historiador ou o philosopho, em vez de almas, terá de interrogar factos. Então começará a fazer historia e não mais psychologia, pois, o que desde o primeiro dia se encontrava no intimo dos corações; agora, em 1654, está palpitante a vibrar naquella grandiosa epopéa de 24 annos de soffrimentos indivisiveis, de accentos sublimes e de lances homericos. Ha de partir, pois, o indagador das nossas origens dos campos dos Guararapes, onde se tornou formal e augusto o nosso protesto. Da epopéa da Reconquista por diante, a evolução do sentimento nacional define-se por uma affirmação firme, continua e crescente da nossa consciencia de povo. De meados até fins do seculo XVII, o mesmo espirito que triumphára contra os batávios se accusa no Maranhão contra os abusos da metropole. Bequimão é um brasileiro que se insurge contra o regimen que a côrte, ingrata e prepotente, se obstinava em manter na America para opprimir aquelles mesmos que lhe haviam guardado o opulento patrimonio. O escarmento dos revolucionarios maranhenses não consegue suffocar as aspirações que andavam latentes em todas as almas e que só esperavam ensejo de explodir. Quasi 30 annos depois, surge de novo no Recife a aneja que mal se continha desde 1654: quer dizer que se soffrera alli mais de meio seculo de indifferença e desdem pelos destinos daquella mesma patria que se redimira do intruso estrangeiro para vel-a outra vez jungida ás inclemencias da propria metropole. Da mesma natureza da *Guerra dos Emboabas*, quasi ao mesmo tempo daquella. O portuguez aqui era como figura da côrte de Lisboa, com todos os seus intentos, as suas exigencias, os seus desdens, ferindo os brios, pesando nas almas como succubos de morte. E o que se passou na região das Minas não deixou menos vestigios que o conflicto entre Olinda e Recife: ao fim das lutas feridas, tanto no norte como no sul, a alma daquellas gentes estava menos portuguezá e mais brasileira do que antes. Vem depois aquelle desespero que teve como desfecho o nefando sacrilegio contra o indomito coração de Felipe dos Santos, ante cujo cadaver asphacelado estremeceu num fremito de loucura a sensibilidade escarmentada de terror, mas refeita na sua incomparavel insubmissão dos mineiros redivivos. Em seguida, o grande sonho commovente da Inconfidencia, e logo o lugubre desenlace de tragedia: a traição, a devassa, as prisões, a alçada — tudo isso com o seu cortejo de ignominias, até a pompa daquelle espectáculo do largo da Lampadosa. E quem quizer saber como sahio dalli, no seu grande silencio, a piedade das turbas que assistiram a scena, que consulte as chronicas dos ultimos dias do Conde de Rezende no Rio de Janeiro.

Finalmente, entrando no seculo XIX, a logica dos successos e a eloquencia das manifestações vão se fazendo de dia para dia mais formidaveis. Num certo momento, pensou-se que a presença da

côrte viria desviar do seu rumo as tendencias dominantes no animo dos Brasileiros. No entanto, foi o contrario exactamente que se deu. Logo que tivemos o Rei no Brasil, a nossa primeira postura foi de expectativa. Quando nos convencemos de que no Rio a côrte de D. João VI continuava a ser para nós o que haviam sido todos os Reis portuguezes, então nos levantamos. Bastou a revolução de 1817 para dar ao Soberano os mesmos avisos que lhe havíamos dado durante tres seculos? Não: o Rei, tendo conseguido suffocar o nosso clamor, ficou impassivel ante o nosso martyrio. Então, erguemo-nos outra vez; e agora não clamamos apenas: fallamos alto e claro ao proprio Rei, e, afinal, tocamos-lo da terra que era nossa.

O que se segue após a saída daquella côrte que nos perseguia, nos humilhava e nos tolhia, entravando o nosso destino, é sabido de todos. A fortaleza, o radicalismo do nosso espirito nacional e a segurança da nossa orientação historica, não vacillaram no meio de todos os acontecimentos que sobrevêm. Desde o dia em que obrigamos a côrte a deixar-nos, podemos dizer que estavam separados da metropole. Effectuamos uma independencia que já estava em nosso coração; entramos a exercer um direito que desde muito era nascido e vigente em nosso espirito de povo. O Principe foi naquella momento da nossa historia um personagem secundario do drama, uma figura de ornamento, um comparsa de ultima hora, uma nota imprevista de epilogo. Sem elle, nem os Andradas, sem nenhuma das circunstancias excepcionaes daquelle instante, que é um final de acto, teriamos feito a nossa obra — a obra que trezentos annos de provações tinham edificado na capacidade da nossa raça. O que tudo fez em 1822 foi, não D. Pedro, nem José Bonifacio, mas a alma nova que se havia creado na America Brasileira como em todas as Americas. Tudo aquillo que vivia em nós — a larga consciencia do nosso futuro — fez-se nação brasileira. Ainda mais: e, no dia em que, do facto da emancipação politica em diante, qualquer poder, quaesquer erros ou quaesquer instituições se atreveram a pôr-se em contraste com os impulsos dominantes do nosso coração — surgia o heroico espirito do nosso indefectivel e soberano nacionalismo a impôr o seu gesto de silencio ou o seu grito de ordem. As provas disso ahi estão em todos os lances que se seguem ao episodio do Ypiranga. Quando o Imperador se mostrou leviano e violento, rebatemos-lhe a levandade e a violencia com aquelles protestos geraes que se concretizaram na revolução de 1824. Quando elle se esqueceu de que era chefe da nação, e não apenas chefe de partido — impuzemos-lhe o 7 de Abril de 1831. Devia Pedro I ter então sentido que a nação eramos nós. E tanto eramos nós, que fizemos daquelles nove annos da Regencia a phase mais brilhante do Segundo Reinado.

Assim podíamos resumir toda a historia da evolução do nosso espirito nacional numa synthese perfeita: creada pela natureza e pelo céu, a nossa alma americana cresceu de seculo em seculo nas proprias vicissitudes, e quasi que se diria que ella — a nossa alma de nação — é filha da nossa dor, e que por isso mesmo é intangivel como todas as cousas sagradas. Tudo em nós é, antes de tudo, brasileiro.

# A REVISÃO CONSTITUCIONAL

Já não é mais possível obscurecer aos olhos da nação a necessidade insofreada da revisão constitucional, imposta a todas as consciências, como o meio decisivo de tentar a reorganização do paiz, depois de uma experiencia de mais de seis lustros, ter demonstrado á sociedade os vicios fundamentaes do pacto de 24 de Fevereiro de 1891. E' certo que a felicidade e a grandeza do paiz não dependem de suas leis; transcendem, antes, de causas e factores de ordem mais elevada, que se confundem, afinal, com as proprias faces do character de cada povo. Mas, por outro lado, não é menos certo que a harmonia entre a lei e o espirito da nação é um indice seguro de sua força politica, propulsora energica de seu maior imperio. Dest'arte, todo o povo, cuja lei não exprime os traços de sua mentalidade e cultura, para favorecer o desenvolvimento dos seus pendores naturaes, não poderá nunca realizar uma obra duradoura de civilização, incompativel com essa desarmonia latente que dispersa as forças. De boa fé, ninguem mais occultará que sofreremos, no Brasil, essa dolorosa contradicção. A Constituição da Republica não foi a resultante de aspirações nacionaes, mas a implantação subita de um regime alheio, uma experiencia perigosa. Os fructos immediatos do erro avultaram aos olhos surprezos dos constituintes idealistas: Deodoro, violentou-a, brutalmente, para logo depois abandonar o governo, onde Floriano, ferindo-a na sua essencia (art. 42), implantou a dictadura. Tornou-se claro que a Republica, a despeito de seus pruridos de liberalidades, constituia o Executivo em governo pessoal, despotico e irresponsavel, pela extensão mesma do poder. E, de facto, é o que temos tido, invariavelmente. O governo do Presidente, manobrando o outro poder politico, ao sabor das oportunidades, certo de sua absoluta submissão, de sua illimitada complacencia. Do golpe de estado subtilissimo do Sr. Epitacio Pessoa, para assumir a dictadura financeira do paiz, as scenas têm variado pouco na commediographia presidencial. Temos provado, provadissimo, que o Cattete é a Constituição, a lei, o tribunal, o feixe de raios de Zeus, nesse olympo republicano.

Com essa singular organização haviamos de chegar, sem duvida, a essa indiferença do povo pela cousa publica, deixando-a entregue ás machinas olygarchas dos Estados, onde tudo se repete, lendo pela mesma cartilha. E' certo que o vicio não é republicano. Vem da monarchia, com o poder absoluto da Corôa, delegado nos partidos "prostituidos á realza", "usurpando o conservador os principios do liberal, para os estragar, em beneficio do throno, e substituindo o liberal as proprias idéas pelas conservadoras, para não se indispor com o sceptro", segundo o depoimento forte de Ruy Barbosa. Mas o dever da Republica era extirpar o mal

e não enraizal-o, levando-o ás ultimas consequencias, numa corrupção desregrada. Só mudaram as fórmas. Não mandava mais o Imperador do que o Presidente, não lhe era mais servil o Parlamento do que a este é o Congresso. Apenas, lá era menor a ambição, porque a Corôa hereditaria não permittia essa disputa á presidencia, que é o espectáculo mais deprimente em nossa vida republicana. Como quer que seja, esse poderio ostentoso do Presidente da Republica, sustentado pelos despotismos similares dos Estados, constitue o embaraço mais sério á nossa democracia. A ambição dos postos, principalmente da cadeira presidencial, se tornou o movel do nosso politico, justificando todas as aggressões e desforços, todas as espoliações e manejos, friamente preparados num assaio ao Cattete, onde se assenta, sob a capa falsa do systema representativo.

Não é preciso insistir. E' a realidade que está na consciencia de todos e que, em todos, encontra a mais absoluta repulsa. Enveredando por esse caminho, teremos comprometido seriamente a nossa cultura civica, junjada ao aprazimento pessoal e absorvente do Chefe do Estado, symbolo de um despotismo organizado pelas camarilhas politicas, em que o ideal apodrece e de que a moralidade se demittiu. Os methodos e os processos dessa regra de subserviencia reciproca, sob a scintillação da mediocridade, incomparavel esteio dessa ditosa harmonia olygarchica, e os seus autores, que falseam á Republica, estão á sombra da Constituição! Ella é a geradora fecunda de todos esses abusos e prevaricações, que a violentam e desfiguram. Foi o erro de um presidencialismo excessivo, transplantado para um paiz com tradições parlamentares, ainda que artificiaes, e passando do systema unitario para um largo federalismo. Afastado o periodo extra-republicano da dictadura militar, esboçou-se logo a chamada politica dos governadores, que é a imposição do Governo pelas vinte olygarchias estaduais, cujos chefes são quatro ou cinco grandes Estados. Todos os presidentes têm sido fructos directos desses interesses inconfessaveis, dessa machina omnipotente. O resultado é o amollecimento de nossas energias civicas, o descaso dos cidadãos livres e independentes pela politica, de que se afastam as elites, incapazes de dominar nesse torvelinho interesseiro e apaixonado.

Só a reforma da Constituição entravaria essa onda, que ajudou a se precipitar. Dous são os pontos mais importantes da revisão politica de nossa Carta: o primeiro, referente ao poder presidencial, e o segundo, á descentralização federativa. sem embargo este de incorrer na prohibição do § 4º do art. 90, que declara não poderão ser submettidos á apreciação de futuras Constituintes quaesquer projectos tendentes a abolir a fórma re-

publicana federativa. A primeira parte, de que mais nos occupámos neste artigo, embora deva encontrar a mais viva opposição por parte dos politicos profissionaes, exige uma solução que liberte o governo da dictadura irresponsavel do Chefe do Executivo. Não será, por certo, esse o parlamentarismo, pois que a solução de continuidade de mais de 30 annos o tornou, por sua vez, inadaptable ao nosso temperamento cambiante e ambicioso. O remedio, de cuja fórmula se incumbirão os mestres de direito, estaria, porventura, em repartir as responsabilidades do governo com o ministerio que, sem ser órgão parlamentar exclusivo, tivesse o beneplacito do Congresso. Cesaria, com isso, a sujeição do Legislativo, em que se baseia a omnipotencia presidencial. Não é preciso citar exemplos, tantos são os que ponteiam a nossa historia republicana. Envolvendo numa interdependencia os dous poderes politicos, seria possível estabelecer aquella harmonia do art. 15, que só existe pela subserviencia legislativa. Em taes circumstancias, obrigados que fossem os Estados a seguir tambem esse modelo em suas Constituições, haveriamos de ter, por força, as responsabilidades delimitadas, o que equivale a estabelecer a ordem, ao invés do arbitrio. O despotismo republicano tem sido a fonte de nossos mais graves erros e sua impunidade o incentivo mais ardente para a violencia e a reacção.

Na parte referente á centralização, que examinaremos mais longamente, de outra vez, comquanto não se modifique a essencia do regime, será necessario uma divisão de attribuições mais harmoniosa e mais accorde com as necessidades da economia, da defesa e da prosperidade nacional. A federação descentralizou o poder, mas creou o seu monopolio. As situações estadoaes, sobretudo nas unidades menores, dependem, unicamente, do bafejo do Governo da União. Do contrario tombam, como fructos pódres, ainda que ás vezes seja preciso balançar as arvores... Vimos a deposição collectiva de Floriano, vimos as intervenções indebitas, de quando em vez, vimos as famosas *salvações*, no quatriennio de 1910 a 1914, e vimos, por ultimo, a expedição militar á Bahia, para comprimir a vontade livre do povo, por não estar de accordo com a politica do presidente. Portanto, não ha-de ser esse simulacro de autonomia o impecillo nobre para uma melhor e mais equitativa divisão de attribuições, corrigindo as falhas do regime presente, não só sob o aspecto politico, hem como sob o fiscal, judiciario, administrativo e economico. Analysaremos, posteriormente, esses diversos elementos do problema da revisão, que constitue, pela sua relevancia e magnitude, o ideal mais alevantado de quantos possam empolgar os que se interessam pela grandeza e prosperidade do Brasil.

# LATINOS — AMERICANOS

Meu caro Elysio de Carvalho.

Você que com tanta galhardia sustenta este órgão dos interesses superiores da intelligencia, ha de ter notado e experimentado, como eu e outros muitos de nós, as difficuldades quasi insuperaveis que separam os espiritos de escol no continente latino da America.

E' deploravel a ignorancia reciproca dos sul-americanos. Por vezes, em momentos discontinuos, apparece um nome glorioso como o de Santos Chocano ou o de Amado Nervo, quando qualquer fatalidade ou qualquer accidente grave os impelle á curiosidade das gazetas.

Então, corremos precipites ás livrarias, buscamos informação, sempre difficil, escassa ou impossivel.

Esse mesmo interesse é passageiro e ephemero.

Fóra dos momentos dramaticos, tudo mergulha no silencio.

Entretanto, os americanos latinos falam uma lingua que quasi se confunde com a nossa, possuem no corpo e na alma as mesmas affinidades compositas da remota civilização iberica e da alma indiana. Essas tendencias atavicas ainda se tornam mais vigorosas e intensas pelo ambiente communicante da America. Nasceemos sob o tecto commum.

Sem embargo dessa eviterna consanguinidade que seria o alicerce da mais segura alliança entre elles, os povos latinos da America não têm uns para os outros mais que uma percepção tactil, diffusa e elementarissima.

Sabemos e sentimos que existem e, pois, que existem, quasi segundo a fórmula cartesiana, é certo que pensam. *Sunt, ergo cogitant.*

Mas que cousas pensam?

Quem poderá dizel-o na ignorancia impermeavel e hermetica em que vivemos?

Voltados para a Europa, damos as costas á vizinhança ignorada.

Sou, como você sabe, um curioso que tenho a avidez de conhecer o movimento intellectual da America. Não tenho o pessimismo daquella critica, tambem continental, que affirmou "a tremenda inferioridade do espirito americano".

Ha excesso nesta sentença terrivel. Os Americanos gostam de realizar cousas praticas, de enriquecer, conquistar, ganhar e vencer na vida pelo exito. Mas, é tambem a America uma terra de idealismo e de sacrificio.

A phase da conquista está a extinguir-se *sine materie*.

Se ainda impera entre nós o germen do conquistador, tambem começam a soar as vozes dos vencidos, dos desafortunados e dos que não herdaram o materialismo do instincto. Soffremos e temos achado por vezes a expressão do soffrimento.

E' a alma nova que se annuncia.

Filtrando essa brutalidade espessa e vulcanica, apparece o fio d'agua, limpido e crystalino, que desaltera a sede dos heróes e põe-lhes na alma o encanto da poesia.

E é esse veio crystalino que todos nós quasi ignoramos, ao passo que conhecemos as caudas da lama, as tremendas convulsões politicas, as barbaras agitações dos interesses e dos egoismos regionaes.

POR

JOÃO RIBEIRO

Quantos nomes conhecemos de puro espirito nessa immensa materialidade?

Muito poucos.

E creio que esse juizo não é pessoal. Da minha parte, conheço RUBEN DARIO, que considero uma gloria mundial, como creador e renovador da poesia castelhana; e não sei se o Brasil poderia no presente a este oppôr outro nome de igual ou approximada valia. Não vejo na historia um pouco longa da nossa poesia um vulto que sob certos aspectos se compare ao do grande poeta latino da America, sob certas luzes especiaes do seu genio.

Sem duvida, falta-lhe um pouco de americanismo diluido nas incoherencias cosmopolitas de sua psyche.

Póde entrar qualquer sympathia nesta ousada apreciação. E', porém, o que sinto com absoluta franqueza.

Nenhum dos nossos poetas logrou a perfeição verbal, nem as proprias qualidades de imitação que possui Ruben Dario. Na poesia franceza elle seria um Verlaine, se não fosse um Gautier ou um Banville maior que o proprio Banville.

Sua arte ornamentista do arabesco, a perfeição das linhas com que compunha seus quadros hellenicos e mythicos, talvez damnificassem até certo gráo o caracter americano da sua poesia que é essencialmente europeia. E' um absenteista de genio.

Creio, porém, que elle foi o mestre de toda a poesia moderna da America espanhola e até da propria Espanha, ensinando a uma e a outra o segredo maravilhoso da expressão de idéas e de sentimentos inéditos.

Faltou-lhe apenas o tempo para o retorno do filho prodigo.

Outro nome que tambem conheço e admiro intensamente é o de SANTOS CHOCANO. Ainda ha pouco, regressou á patria, acolhido como um semi-deus que escapara das coleras de Jupiter.

Foi uma resurreição gloriosa que ainda mais consolidou o dogma de sua immortalidade.

Santos Chocano é o poeta da raça vencida que aperta a mão do vencedor. E' o orgulho do inca aliado á avidez do colono. Elle timbra em cantar a sua — *Alma Americana* — em offerenda á Espanha; marca, pois, o limite em que desaparece o odio extinto da raça incasica despojada que abraça a civilização e o christianismo.

O proprio poeta, interposto ás duas civilizações, confessa-se:

Algo precolombino, algo conquistador.

Ao contrario de Ruben Dario, cosmopolita, europeizante e sempre lyrico, Santos Chocano é quasi sempre épico pela forma e pelo fundo e é assencialmente um poeta americano, que põe nas suas paizagens a flora e fauna regional e as anjmas com os espectros da raça inrece quasi a ultima voz da sua raça.

Temos em nossa litteratura um poeta como Santos Chocano e é Castro Alves. Um e outro possuem a emphase de Victor Hugo, as imagens ousadas, o culto do indigena agonizante.

Marca para todos nós um horizonte que se afunda sob as alluviões crescentes

e progressivas da cultura inevitavel. Pafinito e das cousas immensas. Santos Chocano e Castro Alves são "condoreiros", provavelmente ignorados entre si, mas irmãos quasi gêmeos e nascidos na mesma zona tropical, quasi sob o mesmo paralelo.

São grandes bastante para se verem um ao outro, a máu grado da cordilheira que se interpõe entre ambos.

Quem mais conheço?

Conheço ainda um poeta philosopho, AMADO NERVO. A sua morte, em Montevideo, vulgarizou aqui o seu nome até então para quasi todos nós inteiramente ignorado. Agora mesmo não sei se é ainda lembrado ou esquecido.

Li grande parte, quasi toda a sua obra poetica, que é realmente admiravel. Senti que leve erudição philosophica, as suas tendencias reflexivas, frequentemente metaphysicas, diminuiam os seus impetus lyricos.

*El Estanque de los lotos, Serenidad, Perlas Negras, Elevación*, são livros que obrigam a meditar e a reflectir como as grandes obras de ethica religiosa. O poeta diz algures que, como os povos felizes e as mulheres honradas, não tem historia e, pois, unica biographia do poeta está em suas canções.

A biographia de um philosopho theista, um pouco sceptico, contradictorio e desenganado, lhe assentaria maravilhosamente.

E' um christão fatalista, se é possivel amalgamar as duas palavras, como se amalgamaram mouros e christãos na península.

E' a propria alma do Mexico, grande e convulso, agitado e inconstante como um mar que não achou ainda as suas praias.

Resumindo, ha tres grandes poetas latinos da America que eu conheço: Ruben Dario, Santos Chocano e Amado Nervo.

Esse conhecimento é inteiramente casual. Sei de uma legião de poetas inferiores ou secundarios que não vale a pena conhecer e estão ahi pelos parnasos e collectaneas.

Mas, quantos verdadeiramente grandes existem, eptretanto, ignorados no Brasil?

Eis o que não estou habilitado a dizer sem receio de erro e omissão clamorosa.

Eu quizera que você na sua revista facilitasse o intercambio dessas grandezas estellares que uma nuvem rebelde e feimosa occulta ao nosso firmamento.

Qual é (entre os novos já se vê) o grande poeta argentino?

Não existirá, no momento?

Póde ser que a grande Republica esteja sob um eclipse momentaneo; mas o mais provavel é que o eclipse seja a nossa propria sombra de inveterada ignorancia.

Est'outro dia, Barbosa Lima Sobrinho fallou me um grande poeta argentino, cujo nome esqueci (como era natural, tratando-se de menção rara e unica).

Sei, por acaso, de um que deve ser ainda joven, o Sr. EVAR MENDEZ, que ha

# A MUSA DE PORTUGAL

(ALLEGORIA)

A ELYSIO DE CARVALHO

POR  
LOBÃO FILHO

Oh! Musa de Portugal, Musa do Tejo, onde Camões "chorou no exílio amargo", a tragedia amorosa da sua raça apaixonada e triste, desventurada e alegre, feliz no sorriso e na graça. Foste tu, oh! Musa querida, que resurgiste a epopéa miraculosa dos navegadores de além-mar. Foste tu, oh! Musa adorada, a fonte renascedora e excelsa desses decasyllabos sonoros que vieram eternizar uma raça de titans. Desfilaram por entre os filões do teu idioma classico e afortunado, a batalha de Ourique e a batalha de Aljubarrota, e D. Manoel entresonhando as miragens do seu espirito, e Vasco da Gama com as naves pandás á flôr do oceano immenso, em busca da promissora terra da sua exaltação de navegador. Foi ainda no escachoar harmonioso do teu idioma que sentimos e amamos as lutas homericas de um punhado de bravos luzitanos, com mouros e espanhóis. Foi na corrente amazonica das tuas emoções sentimentaes que exurgira Camões soldado e poeta, apaixonado e heróico, ora compondo rima a rima os sonetos lyricos em que fremem os amores do Passo, traspassados com suspiros de enternecimento e com o arfar dos seios de Catharina de Athayde ou ainda Camões empunhando a arma da peleja

na Africa, onde haveria de perder o olho que depois o inutilizara para as suas investidas encontaveis de poeta cortezão. Era Camões amante e rhapsódo, soldado e vicorioso. Era a tua Musa divina, oh! Portugal, que semeava o cyclo de uma epopéa no Oriente ao passo que depois criava os enxames que fabricariam os favonios paradiziacos das tuas rimas lyricas. Eras tu mesma, oh! Musa excelsa, em hosannas ao Amor do genio luzitano, "que era o seu pão de cada dia" como felizmente dissera Joaquim Nabuco. Foste o berço genetriz da nossa civilização em caminho do Centenario Politico da nossa Independencia, que te irá encher de orgulho na hora solemne dessa consagração de eleitos. Fostes tu mesma que lançaste a primeira pedra nesse edificio que se vae erigir na historia da nossa patria. Certamente que não poderias ficar alheida ao sentimento que nos impelle poderosamente ao entusiasmo tropical e bravo de uma raça adolescente e renascedora de forças congeneres. E então, para representares a alma luzitana nessa festividade historica que se aproxima, escolheste o maior dos teus filhos vivos, afim de que Guerra Junqueiro na sua sombria e magestosa serenidade de rebelde e santo,

possa compor o hymno de louvor ao Brasil, como vergonteia legitima e maior desza grande arvore mãe que se chama Patria (Portuguesa! Certamente que nenhum outro dos teus intellectuaes na actualidade poderia melhormente representar o fulgor da tua terra e da tua gente. O genio de Guerra Junqueiro soube casar victoriosamente a fecundidade do teu sólo ao esplendor symbolico e personalissimo dos teus filhos. A tua Musa, oh! Portugal, abrangendo varios seculos de miragens e de sonhos prodigiosos eternisava desapercebidamente uma raça de heróes. És tu mesma ainda, Musa querida, que resurges o tempo da tua augusta mocidade em Guerra Junqueiro, esse Dionysos corôado pela cans da velhice, perpetuando as estrophes dessa epopéa sonora de rimas que encerram cem annos de fulgor. É a tua "Musa em Férias" quem nos confessa verdadeiramente:

"E' nos dóce parar na encosta da collina  
E olhar para traz o nosso olhar plangente,  
Para traz, para traz, para os tempos remotos  
Tão cheios de canções, tão cheios de embriaguez  
Porque, ai! a juventude é como a flôr do lotus  
Que em cem annos floresce apenas uma vez.

Permittam os deuses que Guerra Junqueiro ao pisar no sólo brasileiro, possa incutir na sua Musa divina o sopro de vida e de belleza á Terra, enternecido daquelle sentimento religioso que já o fizera declamar estas rimas virgilianas:

"O' clarieiras do bosque! O' penumbras sagradas!  
Como o sól entra aqui a rir ás gargalhadas,  
E como a natureza é virginal e é pura!  
A alma se me esvae, fundida de ternura,  
Em murmurios d'amór, em extasis de crenta!  
Como isto moralisa e divinisa a gente!  
Dá-me vontade de ir subindo essas encostas,  
Ajoelhando, a beijar, a terra de mãos postas!"

E continúa, mais adiante essa oração sagrada do seu ritual de pantheismo:

"O' Natureza, ó Terra, ó minha mãe! eu sinto,  
Sinto bem que nasci do teu enorme flancó,  
E que o homem e o tigre e o cedro e o lírio branco  
São filhos a quem dá de mamar no teu seio  
Eternamente bom, e eternamente cheio!"

Tu, oh! Musa de Portugal, vieste desde esse tempo cumprindo a tua missão perante os deuses, pregando em hymnos de ascensão á Vida e á Terra, o sacrificio dos teus poetas em prol do Bem e da Verdade, cantando a derrocada do inimigo que tomba desfallecido ao solo e á felicidade edificante do vencedor que chega na vertigem do tempo, enthronado no carro de triumpho!

doze annos, em 1910, publicou na flor da idade um volume de versos — *Palacios de Ensueño*.

Por um unico documento não posso julgar-o com segurança; é um poeta modernizante, em cujos poemas o influxo da poesia franceza, de Baudelaire para cá, é assás vivo e transparente. Ruben Dario parece ser tambem um dos mestres do modernismo de Evar Mendez.

Apesar da escassez documental, estou convencido de que Evar Mendez merece talvez o titulo de notavel poeta americano, e desejaria possuir as obras posteriores a essa estréa encantadora — *Palacio dos Sonhos* — onde se entrevé a alma lyrica e inspirada de um verdadeiro poeta.

Quaes os outros da culta nação argentina?

Ora, você, meu caro Elyσιο, compreendendo como está longe da saturação a minha avidez sequiosa.

Se estas linhas puderem commovel-o, estou que a sua revista de actualidades abrirá com esta carta, que é a expressão da franqueza, um novo caminho ás relações intellectuaes entre os latinos do nosso continente.

Os nossos compatriotas teriam augmentado as suas horas de prazer e de esthesia.

Sei que existe em Pariz uma *Revista Latina*. Mas, em Pariz, os litteratos da America são em grande parte aves de arribação, homens ricos e viajados e principalmente diplomatas, o que dá, em summa, uma média falsa, imperfeita, emphatica e ás vezes deploravel. São quasi todos freguezes exhibicionistas e

pedantes que querem, antes de tudo, augmentar a boa fortuna ou o seu negócio com a aureola das letras.

Não poderíamos, acaso, por nós mesmos, fazer alguma cousa neste sentido, sem a preocupação do reclamo ou do mundanismo?

Creio que você estará de accôrdo commigo. Sinto préviamente que vou ao encontro de suas idéas que transparecem, já da antiga diligencia e dedicação pelo culto da Arte e do Ideal.

Falei, aqui, apenas de alguns poetas; mas a erudição é já um capitulo apreciavel na vida mental da America. A historia, a eloquencia, a philologia, a critica são ramos incipientes, mas fecundos, da cultura ibero-americana.

O romance tambem não estacionou no famoso idyllio sentimental de *Maria*, de Jorge Isaacs, nem as tendencias classicas e archaizantes nos livros de Montalvo.

O que nos falta a nós Brasileiros é coordenar toda essa litteratura que nos devia ser familiar, e que, entretanto, parece mover-se num systema de mundos ignotos e inaccessiveis.

A aproximação economica não tem andado mais melhor que a dos espiritos; mas, quando fóra uma dellas impossivel pelas condições geographicas ainda impervias, restaria a consolação de unir as intelligencias e os corações que palpitam nas terras americanas.

Eis o que espero da sua grande tenacidade e da sua formosa intelligencia, e creia-me seu amigo dedicado,

# COMMENTARIOS

## A MISSÃO NAVAL

Ainda não está assentada a escolha da missão naval que vamos contratar no estrangeiro. Já se esboçam, porém, os inevitáveis movimentos de partidarismo, nascidos, ás mais das vezes, das paixões e dos sentimentalismos que caracterizam todos os nossos julgamentos. Ha, assim, o grupo dos anglofilos, o dos americano-philos e até o dos francophilos. Argumentam os primeiros com as glorias tradicionais da maritima Albion. Ninguém melhor que os ingleses, segundo elles, poderia organizar a nossa marinha, dotando-a com os elementos necessarios á sua efficiencia. Além disso, foram elles os que mais ensinamentos tiraram da lição da grande guerra, pela prática diturna dos combates navaes, sem esquecer, ainda, que os nossos couraçados, cruzadores e torpedeiros foram construidos na Inglaterra. Os que inculcam os francezes, apoiam-se na necessidade de se manter uma igual doutrina no mar e em terra, embora a marinha de França, apezar do seu glorioso passado, não tenha attingido nunca os esplendores dos seus irmãos de armas terrestres. Balanceados todos esses prós e contras, e julgando sem sentimentalismo o caso, parece-nos que o Brasil não pôde deixar de contratar a missão naval nos Estados Unidos da America. Concorrem para essa escolha factores de toda ordem. Em primeiro lugar, sem querer equiparar a experiencia dos ingleses durante a guerra com a dos americanos, não é licito negar aos yankees um solido preparo e uma capacidade de organização de que, na propria guerra, deram elles abundantés provas. Todos os technicos de todos os paizes militares do mundo reconheceram nos americanos qualidades admiraveis de adestramento e disciplina. Seus arsenaes, suas fabricas, suas usinas de material bellico são iguaes, ou superiores em quantidade, a quaesquer outras da Europa de agora. Quanto á efficiencia das suas esquadras é, hoje, ponto incontroverso que ninguem discutirá. As percentagens de tiro dos navios são optimas, a capacidade manobreira dos seus officiaes e marinheiros é extraordinaria. Aos nossos profissionais que lá estiveram, por occasião dos concertos no S. Paulo e no Minas, causou a melhor impressão o modo por que se exercitam no mar os nossos amigos do norte. Todos os dias, de bom ou máo tempo, saham para o oceano, onde ás vezes passavam semanas, esquadrihas poderosas, acompanhadas de hydroplanos de combate. O corpo de inferiores, a bordo dos navios, é excellenté. Pelo lado do preparo, portanto, nada deixam a desejar. Acresce, porém, que já temos aqui technicos de muita competencia, contratados pelo Governo para a Escola Naval de Guerra. Teriamos, assim, continuidade de doutrina, porquanto, no jogo de guerra do nosso Estado Maior, observamos, geralmente, os preceitos americanos. Ha um ponto, contudo, de maior relevancia, e vem a ser a questão de politica exterior que o caso suscita naturalmente. A nossa boa amizade com os americanos do norte é tradicional. Caminhamos sempre de par; nunca houve o menor estremecimento nas nossas relações, e o Governo dos Estados Unidos manteve regularmente conosco um trato de alta polidez. As condições de ambos os paizes são muito semelhantes, no que se refere á sua situação politica e geographica nos dois continentes. Talvez provenha, em parte, dahi, a singularidade historica da

sympathia que nos une. Ainda na grande guerra fomos juntos á belligerancia, e, na paz, os americanos se mostraram atentos a todas as nossas reivindicações, como se collige, entre outras demonstrações, do Protocollo Wilson-Lloyd George. Tudo indica, portanto, que o Governo do Brasil contratando a missão naval nos Estados Unidos, não fará mais que retribuir por um gesto de alta significação as gentilezas que o povo yankee nos dispensou.

## A ESTRADA DE FERRO DE JACUIBA A SANTA CRUZ

Acaba de ser assignado, entre os Governos da Republica Argentina e da Bolivia, o accôrdo para o prolongamento do caminho de ferro de Jacuiba a Santa Cruz. Esse accôrdo é para ambos os paizes de importancia tal que não se faz preciso encarecel-o. Prevê-se, por elle, a construcção de uma via ferrea de 470 kilometros, custeada pelo Governo argentino. As elevadas despezas que acarretará essa obra de consideravel alcance, serão fartamente compensadas pelos rendimentos que advirão dos fretes dos transportes. A região que a nova ferro-via atravessará é a mais rica da Bolivia, e está situada entre os contrafortes dos Andes e as planicies que terminam nas fronteiras do Paraguay. Fôrma ella um vasto quadrilatero de milhares de kilometros de territorio fertilissimo, cujas condições climatericas excellentes permittirão a cultura intensiva do assucar, tabaco, café e algodão de qualidade superior, além de, pelas suas immensas pastagens, prestar-se tambem á industria pastoril. Acresce que existe nessa região petroleo de boa qualidade que um syndicato americano está explorando com vantagem. Em alguns annos, graças ao caminho de ferro, essa porção de terras incultas e inhabitadas, hoje, terá um excellenté papel economico e commercial na vida administrativa da Republica vizinha, facilitando as relações mercantis entre a Argentina e a Bolivia. Mire-se o nosso Governo nesse espelho, e veja o mal que nos tem feito a desidia dos homens de responsabilidade do Brasil, que, aos interesses collectivos e ao bem da comunidade, preferem cuidar dos seus negocios particulares e da sua felicidade domestica. Ha muitos annos que a nossa politica economica, neste continente, nos aconselhava seguir o caminho que a Argentina acaba de traçar nesse accôrdo com a Bolivia. Não faltariam, da parte dos nosso amigos neste ultimo paiz, suggestões e propostas para que realizassemos uma estrada de ferro capaz de servir ao escoamento dos productos bolivianos pelos nossos portos. Os nossos especialistas no assumpto reforçaram os argumentos dos technicos bolivianos, porém nada se fez, se não a troca de aclamações e de idéas em que somos fertilissimos. Oxalá que, por igual, não fique no papel o traçado da estrada de ferro entre o Paraguay e o Brasil...

## UM FIM PARA A LITTERATURA DE ESGOTO

Tem encontrado o mais decisivo apoio, em todas as classes sociaes, a campanha de reacção contra essa litteratura de revistas immorales, que se pretende implantar entre nós. De todas as partes, as vozes avisadas têm mostrado os inconvenientes dessa pornographia, que tão facilmente amollenta a juventude descuidada, sobretudo no seu periodo inicial. Aos meninos dos collegios, na crise vio-

lenta da puberdade, quando uma forte educação moral e uma serena disciplina devem evitar os desvios perigosos do sexo, a estes, sobretudo, essas revistas vão perturbar, com suas paginas lubricas e suas gravuras obscenas. A venda em todos os jornaleiros, annunciada aos pregões, facilitados ao primeiro que chega, torna sua divulgación de um maleficio consideravel, contaminando os costumes na mais impune liberalidade. A defesa apresentada é dos que causariam o riso, se não produzissem logo viva indignação. Basea-se no facto de revistas do mesmo genero, francezas, serem vendidas no Brasil. Sem defender essa venda, somos forçados a não ver nisso uma milionesima parte do mal causado pela divulgación das nossas. Em primeiro lugar, as revistas francezas são vendidas em algumas casas, somente, que não as expõem com reclame; segundo, são escriptas em lingua muito conhecida, mas pouco accessivel aos collegiaes, que, todavia, lhes ignoram as existencias. Portanto, entre isso e as edições nacionaes (porque em geral copiamos as estrangeiras) da *Vie Parisiense* e outras que haes, ha forte differença, onde está exactamente todo o mal, todo-o perigo. O Governo tem o dever de agir. O acto do Chefe de Policia, queimando uns exemplares, não teve seguimento e pôde ser de legalidade duvidosa. Mas, nos lembramos e suggerimos remedio proveitoso. Ha um artigo do regulamento dos Correios que prohibe a franquia aberta a revistas ou publicações immorales. Portanto, só podem ser expedidas, fechadas, fagando o porte de cartas. Foi isso que, em 1910, executou o Dr. Ignacio Costa, quando Director dos Correios, matando um surto de revistas immorales, semelhante a actual. Com a circulação limitada a esta Capital e obrigada a pagar taxas postaes superiores ao custo do numero, todas as *Maçãs* hão-de cahir peccas...

## A NACIONALIZAÇÃO DO ENSINO

Repercutiu de modo intenso, nos circulos europeus, em que se cogita de emigração para o Brasil, a nacionalização do nosso ensino, decidido pela "Conferencia de Ensino Primario", que se reúne nesta Capital, em Novembro proximo passado. Os jornaes allemães a têm commentado por varias fórmas, extranhando, em geral, a decisào visto como pretendem que não temos meios de effectivação, como se pôde concluir das seguintes declarações de um alto funcionario da Inspectoria de Imigração Allemã:

"O povo que emigra da Alemanha para o Brasil presta com o seu trabalho inavaliavel serviço ao seu paiz de adopção, transformando um deserto em região fertil e cultivada. Essa gente deseja dar educação aos seus filhos e estes desejam recebê-la. Se sujeitam-se a ir para regiões desertas, não querem o deserto da educação. Dahi a politica escolar de uma educação nacional, sem meios para effectivação, é uma offensa feita a quanto é mais caro ao coração de qualquer homem que tiver a mais simples noção de cultura. Se essa revolução na politica escolar for approvada no Brasil, a Alemanha, em taes circunstancias, não encorajaria os seus filhos a viverem sob tal lei. Noutras palavras, seria um principio para os allemães: "Sem escolas, não ha emigração."

Illude-se, porém, o illustre funcionario germanico. Não queremos deixar sem instrucção os filhos dos colonos que

nos procuram, mas precisamos obrigar o estudo de nosso idioma, o conhecimento de nosso paiz e a formação pelos nossos valores. O que se pretende terminar, é com o abuso de certas escolas, em que se não lecciona o portuguez, sendo todas as disciplinas estudadas através da lingua estrangeira. Não vamos sequer limitar a faculdade do ensino das outras linguas, apenas obrigar o da nossa, cessando aquella extranha anomalia, que constitue extravagancia e absurdo. Também nós, na America, temos o commercio com os sabios allemães, ao menos para lhes aprender as lições fecundas, sobre a influencia logica da lingua na formação das nacionalidades.

**DELINQUENCIA**

Não pôde passar despercebida a conexão existente entre os ultimos e numerosos crimes da cidade, quando não em seus intuitos, quasi sempre nos seus actos externos. Para os que se interessam pela manutenção da ordem social, que não é um simples caso de policiamento, mas a resultante de innumeradas forças moraes, economicas e politicas, o que temos observado é o fruto de grande incuria em nossa organização de sociedade, cujos problemas mais graves ainda não conseguiram mover a distraída observação de nossos mentores. O factor primacial, o que mais directamente concorre para essa epidemia delinquente, é a noticia do jornal. O escandalo em torno do crime, os titulos pomposos, as photographias mais minudentes, a pormenorização das causas e dos episodios occorridos, a devassa a mais completa em todos os elementos concernentes ao caso, a excitação da sensibilidade dos leitores, com a descrição atambichadas das scenas de dor e de desespero, eis os factores directos dessa contaminação alarmante, repetindo-se os delictos em condições semelhantes e de causas aparentadas. Sobretudo, no referente a crimes passionaes, como acontece no periodo actual, a influencia dessas noticias sobre os animos fracos, excitaveis ou morbidos, é poderosissima. Ao primeiro crime de mulher, seguiram-se varios. Ao primeiro crime com o suicidio do matador juntaram-se logo mais tres ou quatro, revelando bem a parte suggestiva dessas noticias escandalosas, que a defesa social é a primeira a condemnar. Se, ao invés dessa literatura de crimes, em que os reporters se iniciam na profissão, os jornaes se limitassem a noticiar simplesmente os factos, evitando os commentarios e as discussões apaixonadas em torno, não teriamos, por certo, essa contaminação delinquente, cujos resultados deploraveis vivemos a lastimar. Caberia, pois, á nossa imprensa, numa nobre solidariedade, encerrar essas reportagens de sangue, que é uma perpetua suggestão ao crime. Um outro ponto, já discutido pela imprensa, é o da venda das armas de fogo, ao primeiro comprador que se apresente. Apesar da contravenção que pune andar armado, ninguem della se recorda e só não traz seu revólver quem dellé não se lembrar, ou não o quizer. Vimos, agora, uma senhora, fugida de casa, em estado de loucura declarado, adquirir uma arma, com que, horas depois, tiraria a vida a um medico illustre. Nas casas de armas, nos *belchios*, em toda parte, emfim, se pôde adquirir uma pistola ou um revolver, sem que haja o minimo entrave. É a cousa mais natural do mundo, como comprar os cigarros ou o jornal. No entretanto, as substancias toxicas têm sua venda cercada de numerosos resguardos, como se a bala matasse menos do que a strichinina, ou o lysol. Se essas especies não pódem ser adquiridas senão em determinadas circumstancias, em que haja uma inducção de seu emprego licito, não deviam as armas de fogo gozar de im-

munidade, antes, sua compra deveria, tambem ella, estar cercada de certas garantias, evitando, porventura, ou, ao menos difficultando, a aquisição por qualquer individuo que as pretendesse. Na sociedade moderna, o fundamento de punir deslocado da vingança para a defesa e sellacção, o dever do Estado está em prevenir, já representando a repressão um erro inicial, uma falha de sua acção. É bem verdade que, em materia de lei penal e regimen penitenciario, tudo que temos é tão velho e absurdo, que parece incrível. Rege-nos um código apressado, obsoleto e velho, crivado de reformas, nem sempre presas a um mesmo criterio que constitue o maior beneficio das codificações. Sua pratica, não é menos defeituosa e sua actuação penal, por via de regra, deplorabilissima. Ainda não temos sequer a prisão cellular, que o Código introduziu. A repressão, salvo em alguns centros mais cultos, ainda é um admiravel incentivo para o crime. Basta olhar, uma cadeia do interior, em cujos cubiculos escuros e infectos os presos passam, annos e annos, remoendo, dia a dia, toda a vingança negra contra aquella sociedade, que o encarcerou como a uma fera, naquella jaula immunda! Evidentemente, taes factos se unem, na mesma resultante, para lembrar aos nossos legisladores a necessidade de um novo código e, sobretudo, de leis de prevenção e defesa, para evitar o crime, a contaminação nas almas fracas ou predispostas, e a facilidade em obter seus instrumentos mais communs. Precisamos de uma prophylaxia social, como elemento indispensavel de educação do povo.

**A CAÇA AOS PREPARATORIOS**

Seria difficil imaginar peor organização didactica do que a dos nossos preparatorios. Temos, nas varias reformas, contribuido, efficaçmente, para difficultar o estudo, incentivar o máo preparo por essa ridicula "caça ao preparatorio", com que os pais, avidamente diplomam os filhos, com a receita da sebedoria official. O regimen actual, de todos, parece o mais funesto. Pela seriação, ao menos o alumno era obrigado a frequentar o collegio, durante oito mezes, sem 30 faltas; era obrigado a ouvir as aulas e dar provas de seu aproveitamento, em sabbatinas e cursos, preparando as médias, que o garantiam, em parte, do insuccesso de um exame. Agora, não. Só existe uma prova — o exame. É esse o unico cadinho da competência do estudante, o que vale dizer é o meio mais precario de se lhe estimar o preparo, pois através das exames da banca, ninguem poderá dar conta exacta de seu proprio valor.

Mas, a "caça ao preparatorio" offerece, ainda, aspectos mais edificantes.

Com a preocupação do doutoramento, que fascina todos os pais brasileiros, poucos, rarissimos, são os que não dispõem os filhos, desde os onze annos, para começar a "tirar os preparatorios". Os primeiros são: portuguez, arithmetica e o geographia, que, até os doze ou treze annos, devem estar liquidados. Portanto, temos um menino, ainda sem o desenvolvimento precizo, habilitado no estudo do nosso complicadissimo exame e em toda a arithmetica, cuja comprehensão, aliás, não lhe é possível. Dahi por diante, com bases tão frageis, os absurdos se vão succedendo, mas, aos 16 ou 17 annos, estudante habilitado, officialmente, em 14 disciplinas basicas, tem o *necessario* preparo para se matricular nos cursos superiores. Lendo a percentagem das reprovações no Collegio Pedro II, sente-se bem como a manipulação dos preparatorios se faz.

Vejamos, por exemplo, a cadeira basica-portuguez. Na 1ª época este anno,

inscreveram-se 922 examinandos, tendo prestado o exame '847, destes 453, ou 53 % foram reprovados. Dos aprovados 297 foram simplificados; 92, pleni-ficados e 5 distinctos. De sorte que, dada de barato a justiça desses resultados, apenas 97, dos 394 aprovados, têm um certo conhecimento da lingua, que não ha-de ser, contudo, de grande firmeza. Em arithmetica — outra disciplina primacial — o caso não é menos suggestivo. Inscriptos 1.043, prestaram o exame — 956, reprovados 445, ou 46 %. Aprovados 511, sendo 9 distinctos, 149, plenamente e 353 simplesmente. A consequencia a tirar, de novo, é que a enorme maioria dos aprovados não tem o conhecimento devida da materia. Isso vae se repetir em todas as disciplinas, accusando o total de 2.275 reprovações em 7.339 exames, com 3.111 simplesmente para mil e poucos plenamente e apenas 245 distincções. Este é o quadro lastimavel dos exames de preparatorios, denunciando um estudo apressado, para *passar*, não perder muito tempo, matricular-se cedo, doutorar-se mocinho... Isso que ahi temos é uma contrafacção do ensino, a maior culpa desse bacharelismo ignorante que, todos os annos, sae das faculdades, não só das de direito, mas de todas as escolas sem bases, sem elementos de cultura, nem capacidade para vencer.

Para estes só a burocracia, essa larga porta e todas as incapacidades, que tira o estímulo e alquebranta a vontade. O erro está no começo, mas quando teremos coragem de remedial-o?

**"CAMOUFLAGE" ARGENTINA**

Um alto commerciante de Assumpção, Sr. José Monserat, dirigiu ao consul do Brasil, naquella Capital, uma carta, declarando que os tecidos do Brasil são, alli, muito apreciados, sendo adquiridos na Argentina como productos inglezes, e lamentando que tão florescente industria brasileira seja desconhecida, uma vez que a seus productos se nega a origem. Tudo isso resulta da situação de anarchia (não pôde ser outra a expressão), em que temos vivido, concernente ao nosso desenvolvimento economico. Tudo que aqui temos é o fruto louvavel da iniciativa particular, lutando tenazmente contra todos os entraves, constantes e systematicos do Governo, cuja maxima preocupação consiste em auferir de qualquer nova fonte de produção um imposto elevado, para contrabalançar os *deficits* que suas loucuras inflam, cada vez mais. O caso em questão é typico. Creamos, com grande esforço, uma industria de tecidos, mantemos fabricas de primeira ordem, conseguimos igualar nosso producto ao similar estrangeiro, e, no fim de contas, ainda elle é vendido como de outra procedencia. Onde estão os nossos representantes, encarregados de defender nossos interesses? Porque, como é sabido, não é só com o tecido que se dá tal facto, nem isso acontece pela primeira vez. Com o nosso café, estamos cansados de saber que elle é beneficiado, em centros europeos, para ser vendido como café de Moka, sendo tido o café brasileiro como de segunda qualidade. E o Governo, que tem feito? Embaixadas de ouro... Não temos propaganda no estrangeiro, mas, ao menos, tivessemos defesa, evitando que nosso esforço passasse como alheio e o fruto honroso de nosso labor e de nosso dinheiro não viesse a receber chrismas em outras terras. O negociante paraguayo lembra a necessidade de nossas fabricas e casas de tecidos estabelecerem representações em seu paiz, onde o producto nacional é tão bem aceito, mercê de sua qualidade superior. Cabe-nos, é certo,

grandes culpas em taes factos e nossa proverbial desidia, juntamente com nosso conhecimento do descaso do Governo por taes assumptos, já deveriam ter orientado melhor a nossa propaganda nos meios commerciaes estrangeiros, independente de qualquer acção official. Estamos convencidos de que as associações commerciaes, sobretudo as mais directamente ligadas ao assumpto, hão de tomar em devida conta o aviso do Sr. Monserat, que encerra, aliás, uma dura lição.

**EMBAIXADOR FONTOURA XAVIER**

Foi uma dolorosa perda para as letras e para a diplomacia, a de Fontoura Xavier, fallecido em Lisboa, onde era acreditado Embaixador Extraordinario junto ao Governo portuguez. Saliu-se, na vida publica, desde os tempos entusiasticos da propaganda republicana, formando na sua vanguarda, ao lado de Julio de Castilho, Assis Brasil, Ramiro Barcellos e outros proceres rio-grandenses, onde sua acção foi das mais decididas e brilhantes. Ainda por algum tempo, fez o jornalismo. Em 1885 entrou para a carreira diplomatica, onde galgou todos os postos, até o de Embaixador. Foi, durante a guerra, nosso Ministro em Londres, o que equivale a um elogio á sua capacidade de diplomata. Como escriptor, Fontoura Xavier publicou varios livros, salientando-se *Opalas*, versos lyricos, que lograram tão larga estima, e uma série de *trioletes*, feitos com grande sensibilidade e finura. Era um espirito de espôr e soube sempre se impôr, pelas qualidades e virtudes do estadista e do cavalheiro, num mesmo circulo de respeito e admiração. Antonio Fontoura Xavier nasceu a 7 de Junho de 1856, era filho de Gaspar Xavier da Silva e de D. Claudina da Fontoura Xavier, descendente de velha familia de alta nobreza portugueza, cuja arvore genealogica está registrada na Bibliotheca Nacional de Lisboa. Vindo para o Rio de Janeiro, em 1870; estudar humanidades, matriculou-se em 1874, na antiga Escola Central, mas em 1878 abandonou este curso, partindo para S. Paulo, em cuja Faculdade se matriculou. Abandonou os estudos e veio para o Rio de Janeiro, com reputação de poeta. Entregou-se então ás letras, collaborando no *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Noticias*, no *Reporter*, no *Bezoiro*, na *Revista Illustrada*, fundando por fim, com Arthur Azevedo e Annibal Falcão, a *Gazetinha*. Em Porto Alegre redigiu a *Federação*, com Assis Brasil, Julio de Castilhos, Ramiro Barcellos, Venancio Aires e outros. Em 1885, foi nomeado Consul do Brasil em Baltimore e, em 1891, removido para o posto de onde foi promovido a Consul Geral na Suissa e em seguida a Consul de 1ª classe, na Republica Argentina, de onde seguiu no mesmo caracter para Nova York. Representou no Mexico o Brasil, como 1º Secretario da missão especial, que tinha como Presidente o Dr. José Hygino Duarte Pereira.

**IMMIGRAÇÃO JAPONESA**

Informa-se, com segurança, que o nosso governo se entendeu com o do Japão, afim de abrir aos amarells insulares as terras do Brasil, favorecendo-lhes a immigração. No caso, ha dois pontos a discutir: primeiro, a conveniencia de fazer a immigração onerosa; segundo, a utilidade do braço japonéz. Abandonemos aquelle, por não ser o momento de discutil-o, para cuidar do segundo, que tão directamente nos interessa, no momento em que se pretende incentivar semelhante corrente immigratoria. Os paizes novos e que dependem do braço estrangeiro, devem buscar orientar sua immigração, de modo intelligente e precavido, evitando

difficultades economicas, perigos ethnicos, ou a formação de centros heterogeneos. Antes de tudo, por mais que tenhamos em conta o esforço e o trabalho japonezes, convenhamos em que não ha entre os amarells e nós a minima relação, que os torne, sob o nosso sol, um elemento homogeneo na communhão nacional, como acontece com os demais colonos brancos, ou aconteceu mesmo com o preto. Indole e caracter inteiramente diversos, vivendo retrahidos, só se juntando com seus patricios, os japonezes são e serão, no Brasil, homens apartados, isolados, sós. O caldeamento, aliás não aconselhavel, não se daria nunca, por uma divergencia fundamental entre as raças que não cruzam, de sorte que os nipponicos não têm a menor possibilidade de se fundir no conjunto nacional. Portanto, são indesejaveis como immigrants. Tambem não são bons elementos pelo lado economico. O japonéz é extremamente sobrio, ao revés dos occidentaes, tem uma grande capacidade de trabalho e produzindo muito, gastando pouquissimo, mesmo com a alimentação, se contentam com vencimentos moderados. O resultado é vencerem facilmente na concorrência com os do paiz, que vão eliminando aos poucos, uma vez que lhes falta força para segregar-os. O resultado é estabelecer uma verdadeira crise nacional, como aconteceu nos Estados-Unidos, na California, obrigando esse estado a prohibir a immigração nipponica, como medida de salvação publica. Esse aviso não nos devia passar despercebido. Mas o que attrahe nossos fazendeiros e os leva a solicitar o trabalhador japonéz, é a modicidade de seus salarios. O Estado, porém, em face desses interesses particularistas e das necessidades nacionaes não deveria nunca titubear, muito menos favorecer aquelles, como está acontecendo. Essa preocupação de mandar buscar japonezes, quando outros povos mais em harmonia conosco estão dispostos a incentivar sua immigração para o Brasil, não se justifica, como ainda pôde vir a estabelecer uma crise de consequencias gravissimas, para as quaes é licito chamar a attenção de nossos estadistas, prevenindo dissabores os mais amargos. O problema da immigração não pôde ser resolvido por um jogo de interesses pecuniarios, mas pela tendencia de nosso povo, seus pendores e suas ne-

cessidades. Incorporar o immigrante á terra é o dever primordial do paiz que o recebe, do contrario, estará semeando as mais serias complicações para sua propria estabilidade, acolhendo filhos indesejaveis. Por essas razões não podemos applaudir a vinda dos japonezes e estimariamos que o Governo, meditando de novo no assumpto, arrefecesse seus entusiasmos por essa gente, admiravel sem duvida, mas inadaptavel ao nosso meio e ao nosso destino.

**A REFORMA DE CONSTITUIÇÃO DOS ESTADOS**

Merece bem as honras de um commentario o *steeple-chase* em que andam empenhados varios Estados da Federação no que diz respeito á mudança continuada das respectivas constituições. A politica dos Estados é que deve formar a politica da União. Entretanto, os representantes da Nação, que são os politicos dos diversos Estados, não admittem que se toque na Carta de 24 de Fevereiro, ao passo que batem palmas a quanta innovação queiram os Governadores introduzir, em cada periodo administrativo, nas leis que são o fundamento da organização politica estadual. O phenomeno só tem uma explicação: receiam os *lobatarios* das diversas capitancias do Brasil que, na forma da Constituição Republicana, se consiga fazer uma melhor distribuição de rendas, uma mais perfeita fiscalização contra a má pratica do regimen uma oportuna intervenção nos Estados, que exijam a repri-menda da União para se conter dentro das normas da moral administrativa. Com a Constituição que temos, é facil burlar a acção central, que se sente impotente para por termo a uma sequencia de desatinos, que deixa de prejudicar o Estado, onde é praticada, para ferir fundamentalmente o nome do Brasil. O art. 6º jámais conseguiu uma regulamentação detalhada. Nos termos geraes em que está redigido permite estabelecer a duvida nos casos que vão ocorrendo, e para não abrir precedentes, de consequencias desastrosas, se não houver muito criterio na interpretação do texto, deixa-se aos Estados a liberdade de tudo fazerem, venha embora a União ser victima do erro commettido. Para não fallar em todas as consequencias dessa liberdade

**O ENSINO PRIMARIO NO DISTRICTO FEDERAL**

Todos quantos se interessam pelo problema da instrução primaria entre nós, não podem mais esconder o seu espanto deante do que se vai observando, dia a dia, na capital do paiz. Os nossos administradores municipaes, se quizessem, propositadamente, mostrar o seu descaso no tocante ás questões pedagogicas, não poderiam dar melhores attestados de incuria e incapacidade que esses que se nos deparam. A Prefeitura pede, para a reforma da instrução, milhares de contos no estrangeiro, o Conselho vota os creditos passivamente, o dinheiro entra para os cofres do erario municipal, mas o seu aproveitamento é uma incógnita dolorosa. A frequencia das escolas é exigua, infinitamente mofina, se attendermos ao desenvolvimento da população no Districto Federal. Faltam docentes e escasseiam as escolas publicas. Certos districtos apresentam o triste phenomeno de não terem uma só escola com matricula aberta, sendo que, na maioria dos outros, a lotação de alumnos é excedida de muito, crendo, assim, sérios embaraços no tocante ás condições de hygiene e moralidade. Que faz o Prefeito? Ao invés de abrir manda fechar escolas, adquire predios inadaptaveis a fins pedagogicos, a exemplo do que acaba de fazer em Jacarépaguá. A pretexto de ser preciso concertar os predios velhos e revelhos, ordena a interrupção das aulas, como acontece, agora, com a escola da Muda da Tijuca, fechada por motivo de reforma. Ficam, pois, sem instrução todas as crianças que ali a recebiam, porquanto, só muito longe, na Estrada Velha da Tijuca, poderiam encontrar matricula este anno.

Emquanto isso, o barro do Morro do Santo Antonio, entregue á incompetencia de um syndicato bisonho, rola, em alluviões, nos dias de chuva para o centro da cidade, entulhando irremediavelmente as ruas principaes do Rio de Janeiro, transformando-as em succursaes dos atoleiros e das picadas intransitaveis do sertão. Emquanto isso, as obras da Avenida Atlantica sugam, subrepticiamente, o ouro das arcas municipaes; emquanto isso, continuam as explorações dos aterros do Castello e da Lagôa Rodrigo de Freitas. Será crível que, no anno em que commemorámos o primeiro Centenario da Independencia, ainda supportemos uma administração que prefere dar margem aos pequenos escandalos de imprensa, a abrir escolas para os nossos filhos?

ampla, basta recordar as dores de cabeça da União, quando lhe chega ao conhecimento que algum dos Estados, que a compõem, deixa por descaso, por falta de boa orientação, na direcção dos seus negócios, ou por motivo de crise angustiosa, sobrevida á depreciação do seu principal producto de exportação, de pagar o "coupon" da sua divida externa. O prestamista, saiba mesmo que o Governo Federal não é responsável pelos actos do Estado, a que emprestou o seu dinheiro, vem bater-lhe ás portas do momento em que lhe negam o pagamento. E, queiram, ou não, a pessoa juridica perante as Nações é sempre o Brasil, representado por seus poderes federaes. Portanto, aos Estados mal governados, que precisam de numerario para este, ou aquelle fim licito, ou illicito, nada mais facil que pedir a economia dos estrangeiros com que gastar á larga num reduzido periodo de administração local. Quem vier depois que feche a porta e a União que pague, se não quizer ver em cheque o nome do Brasil. Uma reforma da Constituição evitaria essas facilidades, o que lhes não pôde servir. Mas aos interesses do partidario, que apoia esses magnatas das situações estadoaes, convém, uma vez por outra, reformar a Constituição do Estado. Por que seja ella por força de disposições da Constituição Federal, obrigada a respeitar os principios cardaes do regimen, a magistratura é vitalicia. Mas, o odio partidario, por esses feudos afóra, não consente que os magistrados mantenham a independencia que lhes vem dessa vitaliciedade. E para feril-os, sempre que se apartam das graças do Governo, só um recurso encontram os detentores do poder, que é a reforma da Constituição para declarar em disponibilidade os juizes recalcitrantes. Ou para isso, ou para permittir a reeleição do Governador, nunca é um motivo digno o que orienta as reformas. Não haverá meio de se lembrar a esses politicos que a politica é uma coisa séria? Valham-nos, ao menos, os tribunales de justiça! Considerem inconstitucionaes esses trabalhos atabalhoados e anarchicos, por occasião do julgamento dos feitos, que se basearem na reforma. Mostrem assim os tribunales dos Estados, o Supremo Tribunal, os juizes singulares, que ainda ha juizes no Brasil...

(Do "Jornal do Brasil").

**"PARADOXO"**

Noticia-se, com dados positivos, que o Brasil tem importado feijão de Argentina e do Chile! Não fosse a fonte de onde vem essa noticia, e seria caso de pol-a em duvida. Uma vez, porém, que, para nosso mal, ella é verdadeira, e estamos a comprar feijão, a preço de ouro, merece o facto os mais sérios commentarios. Não se trata de bordal-os; em lyrismo, lamentando a má sorte que nos levou a importar o alimento mais genuinamente brasileiro; mas de procurar na incuria de nossos governantes a causa primacial desse symptoma de decadencia economica. Vivemos constantemente a clamar contra o erro palmar de pôr entraves ao nosso desenvolvimento com a plethora de impostos, asphyxiando a produção, num circulo de tenazes, de que não lhe será possível libertar-se. Por outro lado, os transportes carissimos, sem que o Governo cuide de estabelecer uma melhor situação para as vias ferreas e maritimas, obrigadas a elevar as suas tarifas, tornando-as, não raro prohibitivas. O resultado é que o feijão importado é vendido pelo mesmo preço do producto nacional. A nossa lavoura vive, sobretudo a de cereaes, no mais completo abandono, ao léo da sorte adversa, sem o estímulo e até sem forças para vencer as difficuldades que se lhe antolham.

O Governo, ao em vez de proteger, difficulta, incapaz de tomar medidas de

grande alcance, que ponham termo a semelhante estado de cousas. Não estamos a fallar em abstracto, mas citamos o caso do feijão, cuja importação, não só nos prejudica, como até nos humilha. O feijão é o alimento basico da nossa população, sobretudo das classes pobres; sua produção é abundante e seu cultivo facil; entretanto, devemos importal-o, porque o nosso não chega para o abastecimento, por apodrecer ao longo das linhas ferreas, ou não consegue vencer todos os onus que cerceam sua entrada nos mercados. Se o producto estrangeiro é vendido aqui, por preço igual ao nosso, significa que os paizes vizinhos têm melhor aparelhamento economico (e de facto têm), de sorte que seus productos vencem as tarifas e taxas de importação, para ficar em situação igual aos nossos. Ha poucos dias, citamos caso semelhante com o xarque e, agora, se renova com o feijão. O interessante, e lastimavel, é que se tratam de dous productos de primeira necessidade e que possuimos em abundancia. Não exportal-os, já seria um máo symptoma, importal-os é sem justificativa.

**DISCURSO DE ANATOLE FRANCE**

Damos a seguir a peroração do notavel discurso de Anatole France, na "Liga dos Direitos do Homem", cuja grandeza não é preciso exaltar. São estas as palavras do mestre:

"A força nada consegue, quando se applica de encontro á natureza das cousas. Já não estamos mais no tempo das victorias douradas. A ultima guerra esgotou a Europa. Erguem sobre as ruinas dos Estados fortunas privadas que já começam a abysmar-se no desmoronamento da fortuna publica.

E pôde-se indagar, com os socialistas e os communistas, se não é realmente o fim do regimen capitalista que vem. A Historia nos mostra sempre a guerra produzindo essas destruições assombrosas. Hoje, que as nações estão ligadas umas ás outras por laços que se não podem romper sem as enfraquecer ou matar e que uma corrente de vida circula por todos os seus orgãos, originando-se de uma mesma fonte commum; hoje, que os Estados Unidos da Europa, a despeito das resistencias, das suspeitas e dos odios, vão em mais de meio caminho para definitivamente comporem-se; hoje, que, segundo uma forte expressão que aliás não é minha, toda e qualquer guerra é uma guerra civil; hoje, que a sorte das armas é tal que os vencedores não se distinguem dos vencidos, — reparemos conjuntamente as nossas ruinas e, se possível, apiedemo-nos de nossa fraqueza commum. Até agora, nós não sou-

bemos fazer a paz. E' uma arte difficil, mas necessaria, tão necessaria para nós quanto para os outros povos. Sua pratica, para a massa dos homens, força grandes sacrificios dos sentimentos mais naturaes que parecem os mais legitimos. Mas é preciso applicarmo-nos a essa arte necessaria. E' preciso refazer-se a Europa. Disso depende a nossa vida. Não mais espirito de guerra!

Certamente, devemos reclamar obter as reparações que nos são devidas. Isso é de estricta justiça. Mas, não reclamemos com violencia pueril, a uma nação unica, sommas que todos os Estados do mundo, esvasiando seus cofres, não nos poderiam pagar. Eu não digo a meus compatriotas: "Não odieis mais, esquecei!" Conheço demasiadamente a pobre natureza humana para fazer-lhe essa exortação inutil.

O que lhes digo é: "Sede razoaveis e sede pacificos! Não leveis mais longe uma experiencia de força bruta que destróe o que a exerce tão fatalmente como o que a supporta. Francezes! não ambicioneis mais uma hegemonia de hoje em diante impossivel sobre a terra e sobre o mar! Não sonheis mais com victorias e conquistas; não ambicioneis a sorte da grande Inglaterra: ella não é invejavel. Sejam moderados: nossa propria existencia depende disso.

Reduzamos nossos effectivos; encurtemos o tempo do serviço militar. E' absolutamente necessario poupar-nos a essas despézas enormes e inuteis.

Na desgraça commum de todas as nações, é talvez a França a menos infeliz. Não soffremos uma crise de falta de trabalho igual á que attinge os operarios inglezes. Se nossa pequena burguezia está na miseria, resta ainda alguma coisa das enormes riquezas ganhas durante a guerra, riquezas no ar, que nada sustenta e caem todos os dias. Hoje, isso é ainda toleravel; mas, amanhã! Essa miseria, que nós não experimentamos, cerca-nos de envolta. Estende-se, amplia-se por territorios vastissimos, todos os dias ganha terreno, approxima-se de nós e ameaça submergir-nos.

Para conjural-a, se possível, não temos senão um meio unico: a paz, a paz verdadeira, não a que lá está no estúpido tratado e no papel inerte, mas a paz que está latente nos corações, a paz que reparará a Europa.

Por piedade! se amamos a Gloria, se queremos realmente ser a primeira nação do mundo — que isso seja pela razão, pela prudencia, por uma justa intelligencia do que é possível e do que é bom, por um olhar tranquillo que abrace todo o genero humano. Afinal, conforme a bella expressão de Goethe, sejamos bons Europeus!"

**SEMPRE A MESMA**

O jornal argentino "La Prensa", orgão, por onde, durante muitos annos o Sr. Zeballos, seu director procurou, por despeito, perturbar as boas relações argentino-brasileiras, de ha muito que não se occupava do nosso paiz, tendo mesmo, ultimamente, aquelle ex-chancellor, feito varios rapa-pés ao Brasil e aos seus filhos. Os intuitos reservados do Sr. Zeballos, que não perdoava, o saudoso Rio Branco, ao ter sahido victorioso no caso das Missões, não eram outros senão o de provocar na grande nação amiga uma atmosphera de antipathia pelo Brasil. Felizmente, a brilhante orientação de Rio Branco coadjuvada por Sáenz Peña, Julio Roca e outros, pôde, em tempo afastar e incompatibilizar na opinião argentina o falsificador do telegramma numero 9. Mas não é propriamente do Sr. Zeballos que queremos tratar. Queremos tão sómente dizer algumas palavras aos nossos collegas de "La Prensa" que se mostraram queixosos porque as manobras de quadro do nosso

Exercito no Sul não tiveram a presença dos addidos militares estrangeiros e mesmo dos addidos militares brasileiros junto aos nossos vizinhos. A referida folha portenha ao que parece, não conhece bem o Brazil. Somos por temperamento delicados e por certo se tivéssemos de fazer manobras do Exercito não as faríamos sem convidar os addidos militares estrangeiros. O actual movimento de tropas no Sul não é positivamente manobra do Exercito brasileiro, é uma simples manobra de quadros que não interessa sinão á nossa organização que está sendo praticada no Exercito pela brilhante Missão Militar Franceza. Foi uma pequena experiencia e um simples ensaio. Pôde "La Prensa" estar segura de que quando fizermos, no Rio Grande do Sul, ou em Matto-Grosso manobras com o nosso Exercito, o Brazil saberá convidar os addidos militares estrangeiros. Muitas vezes temos perdido por sermos excessivamente delicados e generosos...

(Da "Noticia")

# A RESPONSABILIDADE DA GUERRA DO PARAGUAY

PELO  
SARGENTO ALBUQUERQUE

É talvez o livro mais curioso, entre os publicados sobre o Paraguay dos Lopez, o do illustre escriptor espanhol D. Ildefonso Antonio Bermejo, sob o titulo de *Republicas Americanas — Episodios da vida privada, politica y social en la Republica del Paraguai*, e do qual se fez uma segunda edição em 1908, na cidade de Assumpção, capital daquella Republica.

Convém, antes de tudo, saber-se a historia do escriptor. Foi em Pariz que D. Ildefonso Bermejo conheceu o segundo Lopez por 1853 ou 1854. Achava-se alli Francisco Solano como ministro plenipotenciario do pai, Carlos Lopez, junto de Napoleão III. Não sabe D. Ildefonso bem por que o representante paraguay tomou rapidamente por elle grande afeição. Vendo a vida mofoina que Bermejo levava em França, propoz Francisco Solano ao amigo uma visita á ainda lá na Europa mysteriosa Republica, de que o pai era mais do que senhor absoluto. Assegurou-lhe mesmo que no Paraguay encontraria elementos para fazer grande fortuna, e que dentro de pouco tempo voltaria da America muito rico. Explicou mesmo Solano que a sua insidencia nascia do desejo de ter aqui Bermejo como seu auxiliar para as reformas que ia emprehender no Paraguay, assim que succedesse ao pai no Governo da Republica. D. Ildefonso, que estava realmente em situação precaria em Pariz, deixou-se mover e resolveu partir para a America. Munido de uma carta de Solano para o Prêsidente Carlos Lopez, vem D. Bermejo desembarcar em Assumpção em Fevereiro de 1855. Não nos diz com clareza quaes os serviços de que o encarregaram no Paraguay, nem nada quanto os cabedae que pudesse ter alli ajuntado. Só se sabe que D. Ildefonso passou alli uns cinco ou seis annos, pelo que parece, mais estudando as cousas do paiz do que servindo a dictadura ominosa de Carlos López. Em todo o caso, é elle proprio quem nos diz que em cinco annos a "Republica mudou de physionomia", e até que teria prosperado mais "se Francisco Solano não tivesse querido continuar a conducta dictatorial de seu pai". É interessante o que nos conta ao fechar o seu livro.

Diz Bermejo: "Quando falleceu Don Carlos Antonio López (em 1862) tinha a Republica um arsenal, onde se construíam navios, e até vapores (!); a administração estava regularizada; havia mais benignidade na presidencia; seu poder não era tão onimodo; havia escolas, um seminario, aulas de latinidade; possuía fortalezas guarnecidas de canhões modernos; o exercito era numeroso e bem disciplinado; e só assim se explica como pôde o Paraguay resistir a uma guerra tão prolongada e sangrenta contra tres alliados poderosos, o Imperio do Brasil, Buenos Aires e Montevideo. Succedeu ao General Francisco López o que eu lhe prognosticára.

— Vou-me embora do Paraguay — disse-lhe eu.

— Mas que ingratidão! — respondeu-me. Eu o trouxe ao Paraguay. V. foi um leal amigo de meu pai, e na aurora de meu Governo é que V. me abandona!...

— General — respondi-lhe: quando V. succedeu a seu pai, acreditei que V. ia fazer o que me havia promettido — dar mais ensanchas ás idéas. Vejo, no entanto, que V. é mais oppressor do que seu fallecido pai.

— Sou um soldado — disse-me elle; e tenho de declarar a guerra ao Brasil.

*E' necessario dar uma lição ao Imperio para que as Republicas vizinhas me respeitem.*"

Sublinhamos essas palavras; e como é natural que o assombro que ellas devem causar a certos dos nossos espiritos venha de misturar com alguma incredulidade, ou mesmo suspeita contra a fidelidade com que as damos, queremos transcrevel-as do proprio original castelhanos:

— "Soy un soldado, me dijo, y tengo que declarar la guerra al Brasil. Es necesario que las Republicas vecinas me respeten dando una lección al Imperio."

Prosegue D. Ildefonso Bermejo:

"General — respondi-lhe — se todas as Republicas se unissem para aquietar o espirito absorvente do Imperio, ainda eu approvava a guerra. Mas é o contrario o que vai succeder. Os Estados vizinhos não de ver com sympathia esta luta; e por maiores elementos que V. tenha para resistir, o Brasil queimará até o ultimo cortucho, e por fim terá V. destruido em pouco tempo os bens alcançados em tantos annos de perseverança. Não desejo eu ser testemunha da ruina total do Paraguay.

— Peço-lhe que não vá — disse-me.

— Não declare V. a guerra ao Brasil, e eu ficarei — respondi-lhe.

— Não pôde ser, Bermejo — rebateu-me. Se deixei que meu pai firmasse a paz, é porque eu queria ter a gloria de mostrar ás Republicas vizinhas que basta o Paraguay para derribar aquella colosso. (No puede ser, Bermejo — me contestó. Si he dejado que mi padre firme la paz, es porque yo quería tener la gloria de mostrar á las Republicas vecinas que el Paraguai se basta para derribar á ese coloso.)

— General — disse-lhe eu apertando-lhe a mão — não quero vel-o derrotado. Vou-me embora.

"Quinze dias depois — conclue Bermejo — nos davamos o ultimo abraço."

(E aqui, entre parentese, diremos ao escriptor espanhol — que fez muito bem saindo dali: se tivesse ficado, quem sabe lá como teria pago os abraços do seu amigo...)

Eis ahi o enfermo, o typo lombrosiano com que o Brasil teve de avir-se, e num momento da sua historia em que precisava de paz e serenidade para cuidar, como ia cuidando, de organizar a sua economia interna, e depois da phase anormal que tinham vencido as instituições. Mas Francisco Solano López não é apenas o que as palavras do Dr. Bermejo nos dizem. Elle pertence a essa numerosa e sinistra familia de criminosos natos que atormentaram as populações espano-americanas no doloroso periodo da sua formação nacional, e que deixaram as paginas mais negras na historia do continente. Tem razão um autor dos nossos dias, quando escreveu que a guerra do Paraguay não é mais que o incidente mais grave daquella phase afflictiva em que se debateram os povos platinos, principalmente, durante o periodo da sua respectiva organização politica. "O espirito de caudilhagem foi o grande vicio que se gerou entre aquelles povos assim que se viram livres da tutela colonial, como se não pudessem sair de uma senão para entrar em outra escravidão. As grandes dictaduras imperia-listas não foram por alli senão verdadeiras extensões do caudilhismo. López e Rosas são chefes de caudillos. Urquiza, Oribe, Artigas, Rivera, Quiroga, Flores, Aguirre, Carrera e tantos e tantos, com um

pouco mais de exito, teriam igualmente chegado ás pompas do imperialismo. Enquanto tinham causa interna, limitavam-se os caudillos a pôr-se em competição uns com os outros e a trazer em afflicções e amarguras a pobre humanidade que ficava a seu alcance. Lutavam, até que um dos contendores fosse eliminado. E, então, o sobrevivente victorioso não via mais nada, mais ninguem, mais lei alguma, nem principio diante de si: era soberano em pleno deserto de almas. Fundado o seu imperio no interior, ia lançando as vistas para mais longe; as suas ambições iam ultrapassando as fronteiras, para além das quaes ha sempre condições de successo aproveitáveis. Particularmente, para o caudillo platino, todas as provincias que haviam constituído o antigo vice-reinado de Buenos Aires eram um magnifico theatro de façanhas. Em toda parte sentia-se elle na mesma patria. Tudo era terra e cousa sua. Como em toda parte a situação de desordem ou de miseria é a mesma, nada mais natural do que continuar, pelos mesmos processos, a fazer cada caudillo a sua obra na provincia vizinha, como se estivesse na sua propria. Essas sinistras figuras representativas felizmente não foram muitas; e por isso mesmo é que não custou ainda mais normalizar, pela ordem interna em cada paiz, a paz internacional no sul do continente. Acabados os grandes caudillos, acabaram-se tambem no Prata todas as complicações da natureza daquellas que custaram mais de meio seculo de amarguras para aquelles povos."

O mais completo entre esses sacrificadores de homens foi Carlos López. O vulto sinistro desse homem tem de fixar-se na historia da America só emparcerado com o de Rosas, mas muito mais accentuado do que este, se é possível; e, portanto, como a mais absurda alma damnada e mais impia entre as que mais offenderam a natureza humana nesta porção do mundo. Nem ha, para caracterizal-o outra phase, outra palavra senão aquella que sahio dos labios da propria irmã diante do cadaver d'elle em Aquidaban: *monstro*. Ainda assim é preciso acrescentar-lhe alguma cousa para que o termo se lhe ajuste: foi um *monstro sem igual na historia*. Sim. Porque houve já Denys, e Neros, e Ivans, e Copronymos, e Attilas, e Francias debaixo do sol, mas nenhum desses é comparavel sequer ao reprobado de Deus e do mundo que deixou todos os dias da sua vida como um longo rastilho de sangue a assinalar-lhe a trajetória. Nenhum daquelles outros monstros creou scenas como a do Tebiquary e como aquellas outras em que foi marcando de mortandades horriveis aquella fuga de demo para o seu inferno. Quem já fez na terra o que López fez com os proprios irmãos, e que só não fez com a propria mãe porque a espada de Chico Diabo fez parar, não o coração — que o sacrilego não tinha — mas a bolsa de fel com que aquelle animal nefando pôde envenenar toda uma época afogando tantas vidas? E não é dizer que o sacrificador sacrificasse para punir, como fizeram os seus emulos na maldade e no crime. López matava por volupia de sangue. Massacrava indefesos innocentes por gula de espectaculos infames. Nunca ninguem gozou de soffrimentos como elle. Quando um general não vencia e lhe ficava longe das mãos, assassinas, fazia matar a mulher e os filhos. Não tinha noção nenhuma de justiça; e era de todo avesso a sentimentos de piedade. Tendo-se apoderado perfidamente do inditoso Coronel Carneiro de Campos, submetteu-o aos maiores martyrios e a vexames e provações que se não encontravam na historia dos monstros communs. Prendeu o miserico a um cepo no pateo do quartel —

nú, agrilhado, algemado, ao rigor do tempo, e só recebendo o alimento indispensável para que aguentasse as torturas. Ao perverso Carrera, o oriental que se deixaram cair-lhe nas garras de tigre. Ao perverso aCarrera, o oriental que se fôra refugiar junto delle quando teve de sair de Montevideo — perverso, mas seu hospede e seu servidor dedicado — a este fez primeiro cortar a mão direita, naturalmente para punil-a de lhe haver escripto os manifestos ao mundo, quer dizer — as diatribes assacadas ás nações vizinhas... Que haviam feito, que culpa tinham essas pobres victimas daquella vesania homicida? Carneiro de Campos tinha o grande crime de ser brasileiro e ter sido nomeado Presidente de Matto-Grosso... A culpa de Carneiro era ainda maior: duvidára um momento de uma victoria que o scelerado contava segura... Mas López era perfeitamente louco até como homem de guerra. Parece mesmo que os seus erros não são propriamente erros, mas planos destinados só e só a sacrificar vidas humanas, pouco se importando elle com o sacrificio da propria causa. Para atacar o Brasil, pede á Argentina que lhe abra passagem pelo seu territorio; e como o Governo de Buenos Aires lhe dá a mesma resposta que já dera ao Brasil, o desastrado manda invadir Corrientes e apodera-se da provincia, levantando contra si como inimigo um Estado que até parecia nutrir por elle alguma sympathia. E' isto de homem politico? Incontestavelmente é de um barbaro desassisado.

Eis ahi o homem com quem o Imperio tem de entender-se para assegurar a ordem internacional na Sul-America. Pensam muitos que é só o Imperio que se insurge contra López, e só porque elle era o chefe de uma republica (chegam muitos, até brasileiros, a dizer — *chefe de uma democracia!*) e o Imperio era aristocratico! Mas é exactamente contra as Republicas vizinhas que mais se acirravam os odios daquelles dictadores do Paraguay... Esses odios eram alli tradicionais. Vinham desde a independencia daquella antiga provincia. Francia foi a fera no seu covil, retrusa e de olhar de morte accendido para o mundo, mixto de demonio e de furia. Para este o Paraguay era um paiz fechado, em completo isolamento de todas as creaturas que não fossem de seu rebanho de bestas. Um estrangeiro que por alli chegasse — fosse europeu, fosse americano, fosse até argentino — estaria seguro para toda a vida. O sabio Bompland foi apanhado alli; e nem bastou a intercessão de Bolivar para o libertar. Mas não se sabe se Francia teria odiado tão fundo os vizinhos como o atrabiliario Carlos López. Este parecia-se mais com um Satan descerebrado, ou conservando de encephalo só a bossa do rancor estúpido e brutal. Nos proprios papeis officiaes não dispensava este o seu signal, como se quizesse trazer o seu povo sempre avisado do dia que vem. Todos os papeis que saiam de repartições publicas traziam no alto estas palavras: *Muera el asqueroso e immundo Rosas! Muera el traidor Urquiza!*

E como o que desejamos mostrar nestas linhas é o que foi a acção do Brasil no convívio sul-americano, e principalmente na civilização desta parte do continente — aproveitaremos logo o ensejo de dar neste ponto o que era a civilização do Paraguay no momento da guerra. Basta este documento anterior de alguns mezes á investidura de Solano López, para suggerir uma idéa das condições civis em que se vivia por alli ainda em meados do ultimo seculo. O documento é o seguinte, e é excusado lembrar que tudo quanto aqui se prescreve em relação a estrangeiros era rigorosamente

nas para a gente de casa não era preciso dar por decreto o que já estava nos costumes. Eis aqui: *"Viva la Republica del Paraguay! Muera el asqueroso e immundo Rosas, titulado presidente de la federacion!... Muera el traidor Urquiza!"* — Como Presidente de la Republica del Paraguay, ordeno y mando: Todo extranjero, al entrar en los dominios de la Republica, observará las disposiciones siguientes: 1.<sup>a</sup> *Se descubrirá respetuosamente siempre que pasare por delante de una centinela en fucion.* 2.<sup>a</sup> *Tan pronto como haya oscurecido, no podrá recorrer las calles de la poblacion sin llevar linterna con luz.* 3.<sup>a</sup> *Cuando montare á caballo no podrá galopar por la poblacion.* 4.<sup>a</sup> *Si dentro ó fuera de la poblacion encontrase al jefe supremo del Estado, si el transeunte fuere á pé, hará alta y se descubrirá; si á caballo, se apeará y usará de igual cerimonia.* 5.<sup>a</sup> *Las multas en que incurrieren los contraventores de esta orden se satisfarán conforme á tarifa constante en el Departamento de Policia."*

Parece que nada mais é necessario para caracterizar aquella tyrannia que o Imperio vai destruir. Os que se tem occupado da guerra só com o intuito de liberado de deprimir o antigo regimen, só não se lembraram ainda de assignar as origens do conflicto. O mais que fazem é attribuil-o a intuitos imperialistas do Brasil... Mas, nem era necessario argumentar ou discutir: seria bastante ver os factos e sentir delles directamente a verdade. Se o Imperio tinha, com effeito, taes intuitos, nada mais facil, para o demonstrar, do que indicar as vantagens e os proveitos que elle, victorioso, auferiu da victoria. Nem ao menos o seu prestigio, ou a influencia que porventura passou a exercer no Paraguay, saio da guerra maior do que tinha sido antes della. Já não se falla em proveitos materiaes, que é muito facil saber quaes foram para o Brasil. Em consciencia, portanto, de boa fé e sem intuitos subalternos, não é possivel que haja quem affirme que a responsabilidade da guerra compete ao Brasil. Ella foi para nós uma imposição do destino, ferido do espirito do mal, e affrontado da loucura e perversidade de um homem. E' só Francisco Solano López o responsavel da guerra; é exclusivamente quem ha de na historia carregar com o peso do grande crime, cujas consequencias envolveram quatro povos do continente, e até hoje lhes pesam na vida.

Logo que succedera ao pai (em 1862) cuidou elle de pôr em pratica os planos politicos que o preocupavam desde muito. Quaes eram esses planos? Pelo menos o que se descobre no primeiro exame é exactamente aquelle que continha em si todos os outros, e que veio lançar-o nos azares da guerra. Sabe-se que López voltára da Europa trazendo o espirito mais aberto e a ambição de gloria mais dominante. Tem-se até vontade de ir adivinhando e surpreendendo o que andava no fundo daquella psychologia de anormal. Começou elle por um despeito irreprimivel contra as Republicas vizinhas e contra o Imperio, que desdenhavam (na sua falsa e enferma visão) o Paraguay, por ser pequeno e por ter até agora andado extranho, num isolamento humilhante, entre as Republicas sul-americanas. Desse despeito nasceu tudo. Tomaria a si fazer o Paraguay grande, poderoso, illustre. Para isso era preciso abrir caminho para o mundo. Chegar ao oceano, ter littoral maritimo, ter portos no Atlantico — é o vasto e immenso projecto que se gera no espirito trefego, leviano, infantil, daquelle homem. No seu entender, os outros povos que vai affrontar não sabem ver, nem possuem homens de genio que lhe descubram a astucia e sejam capazes de burlar-lhe os

intentos. Só elle estava formidavelmente aparelhado para uma campanha de reconstrucção politica, economica e geographica da America do Sul. Entre os povos desta porção do continente não ha nenhum que seja capaz de resistir-lhe aos golpes certos que vai vibrar. O proprio Imperio, na guerra contra Aguirre, acaba de mostrar quão mediocre é o seu poder militar. Quanto á Argentina e ao Uruguay, nem se falla: são nações desorganizadas á espera do primeiro que se disponha a fallar-lhes alto.

Eis ahi o que estava no pensamento de López. Até certo ponto, explica-se a illusão em que elle andava. Para um animo absurdamente exaltado como o delle, havia, não ha duvida, muito de verosimil nos planos que formulava. Realmente, se a esquadra do dictador tivesse vencido em Riachuelo, que teria elle feito no Prata? Nem os Uruguayos tinham esquadra, nem eram capazes de resistir a nenhuma investida, pois nenhum desses povos contava com fortificações de defesa, nem possuíam um unico vaso de guerra que pudesse enfrentar qualquer das unidades navaes de que López dispunha. Que teria então acontecido, se o dictador tivesse triumphado em Riachuelo? Nada mais simples de prever com toda segurança. Senhor do Paraná e do Prata, teria elle tomado conta de Buenos Aires e de Montevideo; e dalli dictaria leis em todas as provincias do antigo vice-reinado. Para sentir-se bem como isso lhe seria facil, basta não esquecer que, tanto na Banda Oriental como na Argentina, dispunha elle dos seus agentes e até de um partido que lhe não repugnava os intentos, porque elle fallava sempre em *união platina*, o sonho que por aquelles tempos andava a escaldar tantas cabeças. Ainda que não conseguisse travar politicamente as antigas provincias (cada qual á mercê dos seus caudilhos), é indiscutivel que alguma cousa lograria a sua politica de força, ao menos no sentido de assegurar de qualquer modo o seu trecho de littoral oceanico. E estaria elle com a sua politica victoriosa. Dahi por diante tudo lhe seria possivel e facil. Mas López se enganava redondamente apenas num ponto em que os seus calculos peccaram pela sua inverosimilhança: elle não contava com o Brasil alli, em Riachuelo, a embargar-lhe o passo. Tão despercebido do Imperio, e tão seguro do exito da sua esquadra estava López, que veio, muito prompto para o lanço da sua fortuna, pôr-se em Humaytá, de pé a bordo, para descer o rio no dia 12 de Junho e vir desembarcar em Buenos Aires, assombrando o mundo. Foi o seu grande erro: não contou com o Imperio pela frente; em Riachuelo morrera a sua causa, graças ao Brasil. Dalli por diante vai de recuo em recuo, até Lomas Valentinas; e de Lomas Valentinas por diante já não fazia mais guerra — agonizava, ou, antes, prolongava a sua agonia, até o expiro final em Cerro Corá...

Sabe-se em que condições estava o misero povo paraguayo no fim da guerra. Quando, ao mesmo tempo que se fazia a campanha das Cordilheiras, o nosso Ministro Paranhos tratava de reorganizar o Governo e a administração da terra sacrificada, não encontrou em Assumpção pessoas idoneas para os cargos politicos... se o monstro tinha exterminado toda a gente mais culta do paiz!... Foi necessario esperar que voltassem do exilio os unicos homens que escaparam á sanha do dictador, para com esses constituir uma Junta Provisoria.

E é assim que o Brasil andou pelo Paraguay levado pelo seu *imperialismo*? Que o digam os proprios paraguayos... e principalmente aquelles proprios que conosco estiveram em campo contra os desnaturamentos do tyranno.

# O MAPPA GEOLOGICO DO BRASIL

Naturalmente o nome do professor John C. Branner, agora desaparecido, não é extranho a grande numero dos nossos cientistas. E' elle uma figura de relevo nos annaes da nossa litteratura scientifica, pois, como se sabe, viveu em quasi todo o Brazil, perto de meio seculo de labor infatigavel. Os seus estudos da nossa geologia já se fizeram classicos e a sua autoridade é indiscutivel. Desde 1874 que se dedica ao estudo da nossa natureza, e os seus trabalhos correm mundo em varios volumes. Presidente da Universidade de Itanford (California, Estados Unidos), socio das mais reputadas sociedades geologicas do mundo, membro correspondente da Academia Brasileira de Lettras, o illustre professor deixou o seu nome cercado pelo mais bello fulgor, que lhe emprestou sua grande capacidade de cientista. O Brasil, onde sua morte foi tão lastimada, incorporou-o aos seus mais illustres filhos, pelo muito que fez para o estudo do paiz. Ainda agora o professor Branner publicou o resumo de sua obra consagrada á geologia do Brazil, e cujo valor nunca se poderá encarecer demais. Como nem todos os leitores cheguem talvez a conhecer este livro, não resistimos ao desejo de dar do mesmo uma noticia concisa, pela qual se possa ao menos fazer idéa das proporções e da importancia desta obra, que o autor modestamente considera como apenas uma contribuição para o conhecimento da nossa geologia. E para dar logo uma impressão que resalta do primeiro relance, é bastante dizer que o mappa collado ao texto é o primeiro que se publica integral sobre as características geologicas desta porção do continente. E' para a constituição desta carta que o sabio geologo empregou mais de quarenta e cinco annos de elaboração, só agora terminada. Com a circumstancia, nunca devemos esquecer, de realizar a impressão do livro e do mappa lá mesmo nos Estados Unidos, em Washington, e de fazer esta primeira edição em nosso idioma nacional: o que diz de modo muito eloquente das sympathias que o Dr. Branner dedica ao nosso paiz.

Sente-se bem a satisfação com que o eminente cientista norte-americano veiu a este termo dos seus intentos desvanecido de ver triumphantes os seus esforços de uma vida inteira, nestas palavras do seu prefacio: "Os dados representados no mappa e expostos no texto são agora publicados pela *Geological Society of America* principalmente como contribuição para o conhecimento da geologia da America; mas por minha parte, o faço na intenção de servir ao povo brasileiro, com o qual tenho convivido tantos annos, com o qual tanto sympathizo, pelo bem-estar do qual me profundamente interessado. Constitue um dos maiores prazeres da minha vida o haver podido contribuir desta maneira para o conhecimento da geologia do paiz onde principiei a minha carreira profissional". E não entra em materia sem dirigir aos nossos homens de governo este sabio conselho: "Após uma vida dedicada principalmente ao estudo activo da geologia e á direcção de estudos geologicos, seria uma omissão do meu dever para com o Brazil o não aproveitar a occasião para insistir junto aos estadistas brasileiros sobre a grande necessidade de uma forte animação e de apoio aos estudos scientificos da geologia por parte dos governos estadoaes bem como do governo federal. Na geologia, tanto como nas outras materias, a sciencia mesma tem de preceder a ap-

plicação da sciencia; e si o desenvolvimento dos recursos mineraes do paiz não fôr baseado no conhecimento scientifico da geologia, inevitavelmente dahi resultarão perda de esforços, perda de dinheiro, e o atraso do progresso nacional, inseparavel de methodos fortuitos."

Dá em seguida uma parte geral em que expõe: os dados valiosos que encontrou para a sua obra, e cuja insufficiente forma fragmentaria teve de assignallar; os poucos mappas, parciaes e geraes, que existem, destacando como melhores os do Barão Homem de Mello e Dr. Francisco Homem de Mello; as obras sobre a nossa geographia physica e sobre a geologia geral do Brasil, etc. Tratando dos mappas geologicos desta parte do continente, observa que udo quanto se tem feito neste sentido não passa até agora de tentativas, desde a de D'Orbigny em 1842, a de Foetterle em 1854 e 1896, a de Wappaens em 1884, etc. até a do Dr. Theodoro Sampaio em 1911. Entra depois no capitulo a que deu o nome de *Esboço da geologia estratigraphica*, no qual resume uma noticia, a mais completa que conhecemos, da nossa característica geologica geral. Ahi estuda e discrimina a geologia de todas as nossas regiões, assignalando terrenos e rochas pela sua idade, desde o archeano até as mais recentes camadas do cretaceo, illustrando de desenhos e estatisticas quasi sempre a exposição.

Passa em seguida ao *Resumo da geologia geral e economica dos Estados*, começando, em ordem alfabética, pelo territorio do Acre. Acerca de cada um dos Estados, acrescenta ao texto respectivo uma relação bibliographica: o que é da maior importancia sem duvida para os que se dedicam especialmente a estes estudos. Quer parecer-nos que é esta secção da obra a mais importante. Para dar uma prova disso bastaria indicar o que se refere a algumas regiões. Em relação á geologia geral do Amazonas, por exemplo, dá o autor, num rapido periodo que em seguida desenvolve, toda a caracteristica: "No Estado do Amazonas, escreve, ha duas arcas de rochas archeanas, uma ao norte do grande rio, e outra ao sul. Uma dobra, ou bacia synclinal, principiando no Estado do Pará segue o eixo do valle do Amazonas, pelo menos até a altura de Manaus e nesta bacia existem rochas sedimentarias das seguintes idades: siluriana, devoniana, e carbonifera, todas ellas com a inclinação suave na direcção do eixo do valle." E localiza e descreve conscientemente todas essas camadas. Na respectiva bibliographia, indica mais de quarenta obras.

A relação bibliographica relativa ao Estado da Bahia é ainda mais extensa, alcançando a mais de setenta obras. Quanto á geologia geral deste Estado, diz que "em muitos logares uma serie de rochas palcozoicas — quartzitos e outras rochas metamorphicas — têm sido dobradas e deslocadas, e forçadas para dentro das archeanas; e que depois da desnudação dessas regiões, as rochas referidas se destacam na topographia da região como picos, outeiros e serras, geralmente com as camadas em pé, ou com uma inclinação muito ingreme". Quanto a terrenos actuaes, além do que observa sobre rochas cretaceas, escreve: "Ao longo da costa, tanto ao norte como ao sul da Bahia corre uma zona de rochas sedimentarias que encobre as formações geologicas mais antigas que ficam mais para o centro do Estado. Esta zona está cortada em diversos logares pelos rios; e onde o oceano tem solapado as camadas, apresentam-se ellas, ou como

costa alcantilada, ou como margens de taboleiros, e de muitas côres que caracterizam esta parte da costa brasileira." Na parte referente á geologia economica, informa: "São estes os mineraes e rochas de valor economico no Estado da Bahia: ouro, diamantes, carbonatos, amethystas, areias monaziticas, manganez, folhelhos betuminosos, marmores, calcareos e argilas ceramicas... Ha, porém, outros recursos mineraes neste Estado que ainda não foram aproveitados; como, por exemplo, ferro (que existe em quantidade abaixo de Chique-Chique; cobre (que se acha em Carahyba); mica, talco, graphito e pedras de amolar; salitre e salgemma (no sertão)... Os calcareos e argilas, tão abundantes neste Estado, podem ser utilizados no fabrico de cimento Portland, mas ainda o não foram."

Referindo-se a Pernambuco, diz o autor: "Sobre a maior parte do Estado de Pernambuco afloram rochas archeanas. Ao longo da costa ha uma zona de sedimentos terciarios. Ao norte de Olinda esta zona tem a largura de uns quarenta kilometros, e em certos pontos sobpõem-se-lhes rochas cretaceas. Para o sul de Olinda esta zona só tem a largura de dez para doze kilometros, e é provavel que as rochas sejam todas terciarias. Na extremidade occidental do Estado as cumiadas das montanhas, nas fronteiras com o Piauhy e o Ceará, são de rochas cretaceas que contêm peixes fosseis. Em diversos logares no interior as rochas paleozoicas são dobradas ou falhadas, e enterradas no archeano."

Em taes proporções e medidas o que se encontra acerca dos demais Estados da União. Conclue com uma parte em que faz o resumo geral da geologia economica do Brasil, e um capitulo sobre legislação mineira, tanto federal como dos Estados. Não nos cansaremos de fazer o elogio sobretudo do mappa que vem appenso á obra, o qual não ha duvida nenhuma, é o mais completo, nitido e exacto que se publica até agora sobre a nossa característica geologica. A carta geral juntouse ainda uma particular do archipelago de Fernando de Noronha. Por esta vista de relance quer parecer-nos que se pôde avaliar o immenso serviço que nos prestou John Branner, o grande amigo do nosso paiz, cuja perda tanto deploramos.



# QUESTÃO DE DEFESA NACIONAL

POR UM OFFICIAL DO EXERCITO

## ORGANIZAÇÃO DO EXERCITO ACTIVO EM TEMPO DE PAZ

Desde o dia 31 de Dezembro do anno passado tem o Exercito activo, em tempo de paz nova organização que lhe foi dada pelo decreto n. 15.235 da mesma data. A sua organização obedece aos ensinamentos da ultima guerra e traça um programma a ser realizado pouco a pouco, dentro das nossas possibilidades financeiras. Era o menos que se podia projectar, desde que se tenham na devida conta a nossa extensão territorial, a cifra da nossa situação politica no Continente.

A organização, depois de executada, accresce de muito a nossa força actual. Apesar disso é apenas sufficiente para a garantia da nossa defesa. Como a nossa politica no ponto de vista externo, é defensiva, a ordem de batalha projectada está em harmonia com os designios da nossa tradicional politica exterior.

E' possível prever-se, no emtanto, que a realização do programma militar, se fôr completado pelo estabelecimento de uma rede ferro-viaria conveniente, assegura ao Brasil dias de paz e tranquillidade.

Dentro de dez annos seremos 45 milhões de habitantes. A nossa rede-ferroviaria, se fôr augmentada em obediencia á economia e á estrategia, assegurará, em certas condições de tempo e de espaço, a nossa concentração. O programma de 31 de Dezembro, com o desenvolvimento da nossa população e da nossa riqueza, sofrerá ampliação indispensavel. Nesses dez annos, de que fallámos, resolveremos o problema do ferro e do carvão.

As palavras acima significam que a questão da defesa nacional, dentro do Continente, estará resolvida, se permanecermos fieis ás idéas actualmente em voga, no espaço de um decennio.

Nesse dia teremos a hegemonia, isto é, nada poderemos temer dos nossos vizinhos, nem elles devem desconfiar do nosso progresso e do nosso fortalecimento.

O Brasil nada aspira além das suas fronteiras. Mas o Brasil, pela extensão territorial, pelas suas possibilidades economicas e pelo numero dos seus habitantes, será o mais forte, desde que o Governo e o povo não abandonem a nossa preparação militar.

Todos os brasileiros devem fixar a seguinte idéa: — em dez annos, se quizermos, seremos os mais fortes. A nossa paz e a tranquillidade continental estarão asseguradas.

## GRANDES UNIDADES

As grandes unidades do Exercito serão as seguintes: 5 divisões de infantaria, 3 divisões de cavallaria, 1 brigada mixta. Além disso possuirá o Exercito algumas pequenas unidades independentes.

A divisão de infantaria comprehende — Quartel-General; 2 brigadas de infantaria — 1 brigada de artilharia — 1 regimento de cavallaria divisionaria — 1 batalhão de engenharia — 1 esquadrilha de observação; pessoal e órgãos dos diversos serviços.

A divisão de cavallaria comprehende: — O Quartel-General — 2 brigadas de cavallaria — 2 grupos de artilharia a cavallo — 1 batalhão de infantaria montada — 1 esquadrão de transmissões — 1 esquadrilha de observação; pessoal e órgãos dos diversos serviços.

A brigada mixta tem a seguinte composição: o Quartel-General — 3 batalhões

de caçadores — 2 regimentos de cavallaria independente — 1 regimento de artilharia mixta — 1 batalhão de engenharia — 1 esquadrilha mixta.

As quatro primeiras divisões de infantaria guarnecem respectivamente:

— a 1ª Região Militar, que comprehende o Districto Federal e os Estados do Rio de Janeiro e Espirito-Santo; Séde — Capital Federal;

— a 2ª Região Militar, que corresponde os Estados de S. Paulo e Goyaz; séde — S. Paulo;

— a 3ª Região Militar — Estado do Rio Grande do Sul; séde — Porto Alegre;

— a 4ª Região Militar — Minas-Geraes; séde — Juiz de Fóra;

A 5ª divisão guarnece as 5ª, 6ª e 7ª Regiões e a 2ª Circumscripção:

— 5ª Região — Estados da Bahia, Sergipe e Alagoas — Séde — S. Salvador;

— 6ª Região — Estados de Pernambuco, Parahybá, Rio Grande do Norte e Ceará — Séde — Recife;

— 7ª Região — Estados do Piahy, Maranhão, Pará, Amazonas e Territorio do Acre; séde — Belém;

— a 2ª Circumscripção, Estados do Paraná e Santa Catharina — Séde — Curitiba.

A Brigada Mixta tem guarnição em Matto Grosso, que fórma a 1ª Circumscripção, com séde em Campo Grande.

## COMPOSIÇÃO DAS BRIGADAS

*Infantaria* — Quartel-General e 2 regimentos de infantaria, ou 1 regimento e 3 batalhões de caçadores.

*Artilharia* — Quartel-General e 2 regimentos de artilharia montada, 1 de artilharia pesada e 1 grupo de montanha.

*Cavallaria* — Quartel-General e 2 regimentos de cavallaria.

## AS ARMAS

Para a formação das grandes unidades acima referidas os corpos das diferentes armas são as seguintes:

*Infantaria* — 12 regimentos, 29 batalhões de caçadores, 3 batalhões de infantaria montada e 2 companhias de estabelecimentos.

*Artilharia* — 10 regimentos de artilharia montada, 8 regimentos de artilharia

pesada, 1 regimento de artilharia mixta, 5 grupos de artilharia de montanha, 6 grupos de artilharia a cavallo, e 5 grupos e 8 baterias isoladas de artilharia de costa.

*Cavallaria* — 15 regimentos de cavallaria independente, e 5 regimentos divisionarios.

*Engenharia* — 6 batalhões de engenharia, 1 batalhão ferro-viario, 1 companhia ferro-viaria e 3 esquadrões de transmissão.

*Tropa especial* — 12 esquadrilhas de aviação — sendo 5 de observação para as divisões de infantaria, 3 esquadrilhas de caça, 3 esquadrilhas de bombardeio e 1 esquadrilha mixta. 1 companhia de carros de assalto.

## EFFECTIVOS

Quando estiver realizado o programma alludido o effectivo do Exercito em tempo de paz será o seguinte:

|                  | Officiaes | Praças |
|------------------|-----------|--------|
| Infantaria ..... | 1.325     | 32.165 |
| Cavallaria ..... | 490       | 12.479 |
| Artilharia ..... | 911       | 21.383 |
| Engenharia ..... | 121       | 3.563  |
| Aviação .....    | 60        | 1.077  |
| Total .....      | 2.907     | 70.667 |

Incluindo-se o pessoal da artilharia de costa, companhias de aviação, carros de assalto e contingentes especiaes, o total do Exercito em tempo de paz será de 3.956 officiaes combatentes e 74.460 praças.

Em que tempo será realizada a organização? Não sabemos, nem o decreto o diz.

Em tres annos poderíamos completala. O problema da organização do Exercito reduz-se hoje a uma questão de ordem financeira. Todos os trabalhos preliminares estão feitos, inclusive os regulamentos de todas as armas e de todos os serviços. A instrução sob a direcção espirital da M. M. Franceza, prosegue com exito.

O problema sahio do dominio tecnico para o dominio da administração: construção de quartéis, aquisição de material, aperfeiçoamento da industria militar. E tudo isso é questão de orçamento, isto é, de administração e de governo.



# AMEMOS O BRASIL

CARTA AOS ESTUDANTES PORTUGUEZES

DE

CARLOS MALHEIRO DIAS

*Meus jovens amigos:*

Deixae-me tratar-vos assim, companheiros escolares de meu filho. Se o adagio avisa que nossos amigos são os amigos de nossos amigos, não será sem motivo que a minha *sympathia* vos abranja, desde as aulas universitarias até os bancos dos lyceus, vós, que sois a mais nobre substancia mental da geração de amanhã, sobre a qual impenderá a missão de sacrificio e de honra de reparar os erros das gerações culpadas e de reerguer a Patria do sombrio desalento em que ella jaz.

Permitti-me, pois, camaradas de meu filho, continuadores da linhagem intellectual que ascende aos escolares medievaes do bom Rei D. Diniz, um tratamento que nos acerca e que começa já por estabelecer entre nós uma afinidade sentimental, e, por isso mesmo, maior receptividade de entendimento. Sentir é meio caminho de comprehender, e eu quereria dirigir-me, simultaneamente, á vossa intelligencia adextrada em aprender e ao vosso coração prompto a emocionar-se, pois de pouco me valeria convencer a vossa razão, se não pudesse tocar o vosso sentimento.

Não será no tom sapiente de um reitor que me dirigirei a vós. Que sou eu mais do que um estudante? Ainda não cessei de estudar e antevejo curta a vida para o muito que me falta aprender. Ha entre a minha existencia no declinio e a vossa vida primaveril uma identidade: ainda não perdi a fé e conservo illusões. Uma bella miragem seduz-me mais do que uma feia realidade. Antes quero duas aves do Paraiso a voar do que uma coruja na mão. Foi com esta fé idealista que todas as nobres proezas se commetteram. A historia de Portugal não é mais do que a historia bella e triste de uma fé que se eleva, que attinge o sublime e que, depois, mingua, fenecce, até quasi extinguir-se nos bruxoleios do desvario. Uma voz sem fé não póde fallar da Patria sem sacrilegio; e é para fallar-vos de patriotismo que vos escrevo esta carta e vos dirijo este appello.

Apresento-me perante vós com uma vida sem maculas, o que compensa a sua falta de brilho. São palavras estas que não podem soltar-se no exilio. O exilado não tem fiador do seu passado.

Qualquer adversario se atreverá, facilmente, a cercal-o de suspeitas insidiosas. Só este direito de poder fallar livremente basta para tornar querida a terra da Patria. Vós todos que conheceis os sacrificios que me têm sido impostos para a preservação da minha dignidade, e que sabeis que nunca trepidei em servil-a, nem quando ella se cercava de maiores perigos e a transigencia de maiores seducções, vós não ignoreis que sou incapaz de vos faltar á verdade.

Veje-vos illudidos e pretendo elucidar-vos. Quero dizer que estaes sendo as victimas de um equivoco, e, porventura, os cumplices, embora inconscientes, de uma injustiça. Vou fallar-vos bem do Brasil, entusiasticamente bem,

com a insuspeita autoridade de quem defrontou, sem que a razão se lhe haja turbado, as mais impiedosas hostilidades. Esses ataques rancorosos eu os invoco, nesta hora, como o maior prestigio de que póde revestir-se perante vós a minha modesta personalidade. Elles não deixaram residuo de malquerença no meu coração contra a terra generosa para onde me conduzio, desamparado, a intransigencia das minhas convicções politicas. Elles não perturbaram o meu raciocinio, nem me escureceram a visão da equidade. Continúo inquebrantavelmente a sobrepôr os interesses sagrados da Patria aos meus resentimentos mesquinhos. Aprendi a considerar a paixão o peor mal humano. Foi desse flagello que Deus se servio para nos castigar pelos nossos desatinos. Execrae a paixão, que allucina e cega. Só o amor nos esclarece, nos eleva e nos salva. *Ubi amor, ibi anima.*

No meio das vicissitudes a que o destino condemnou a nossa amada Patria, ferio-vos, em pleno peito, o eco de um desprezo insultuoso emanando de uma terra que a vossa afeição extrema de quantas ha no mundo.

O Brasil renegava a sua progenitora historica! Na mesma lingua que lhe ensinámos a fallar, o Brasil repudiavamos! Na mesma hora em que as vinte filhas americanas de Hespanha exaltavam com enternecido respeito a *Mãe Patria*, o Brasil diffamava a sua mãe gloriosa, cuspiam nas sepulturas dos antepassados, impetrava do tribunal da Historia a condemnação de Portugal, pelo crime de haver fundado, defendido e legado aos brasileiros a maior nação da America!

Se reflectirdes um instante, sereis os primeiros a rejeitar essa insinuação insensata, que pretende mostrar-vos um povo empenhado em desacreditar as suas origens, quando todos os povos as embellezam com as miragens exaltadoras das lendas ou as divindades tutelares da mythologia. Que interesse podia ter o Brasil em apresentar-se no convivio das nações com o villipendio da macula genetriz? Encarae, face á face, a hedionda intriga. Se ha para o Brasil um interesse, é contemplar a sua progenitora nimbada de respeito, illuminada pelo fulgor da sua gloria passada, na postura condigna de uma nação que é, entre as demais nações da Europa, a unica que já no seculo XIII acabara de delimitar o seu actual dominio.

Não vejo tambem que interesse possamos ter em prolongar, desmesuradamente ampliada do nosso lado, uma antipathia circumscripta a algumas dezenas ou centenas de lusophobos, isolados entre trinta milhões de brasileiros. Os interesses materiaes que hoje nos prendem ao Brasil são quasi invisiveis em confronto com os interesses espirituales. Em 1822, quando nos separámos, eramos ainda mais pobres do que hoje somos. Tudo aquillo que nos resta de grande não o realizámos com o ouro do Brasil. Não foi com o dinheiro das minas americanas que construímos a Batalha e os Jeronymos. Não foi com o dinheiro do Brasil que pagámos a primeira edição

dos "Lusiadas". Não era de ouro a espada de Nun'Alvares, nem com ouro brasileiro se pagou das suas taboas Nuno Gonçalves, o genial pintor. Mas outro interesse mais puro, mais alto, mais sagrado, nos liga e entrelaça ao Brasil: o da Historia e o do Sangue. A nossa dignidade requer que a prole lusitana prolongue, através dos seculos, o seu fraternal convivio. Não queiramos do Brasil senão aquillo que póde pretender-se em casa alheia, embora de familia. Sejam irmãos sem subserviência e sem indiscreção. Diligenciemos dar-nos ao respeito, que é o decoro da estima e retribuamos esse devido respeito, sem quebra da familiaridade, que o aquece de afeição.

## O PATRIOTISMO E A CONSCIENCIA, DA DIGNIDADE DA PATRIA

Queixae-vos de que nos hostilizam e maltratam no Brasil. E que era nossa vida em Portugal senão um combate entre irmãos? Porventura damos o exemplo da fraternidade e da moderação? Não nos ensanguentamos periodicamente em revoluções, attentados e morticínios? Somos nós pacificos para podermos accusar, com autoridade, os discolos extranhos? Zelamos sufficientemente o nosso pundonor para nos insurgirmos com o desrespeito alheio? Estae certos de que não são as diatribes irreverentes de alguns estrangeiros que nos infamam, mas a corrupção que lavra em nossos corpos, o desvario que exacerba os nossos instinctos, o sangue que salpica as nossas vestes. Os massacradores da noite do Arsenal fizeram-nos mais damno que uma invasão inimiga. Um só dos tiros disparados naquelle *S. Bartholomeu* demagogico (que escolheu para ara de holocausto o mesmo recinto em que expiraram D. Carlos e o joven e resolute Luiz Felipe), são mais alto que todos os insultos ignaros e todas as irreverencias infames publicadas num pamphletto, que não é uma pagina da Historia.

Essas irreverencias offenderam-nos? Ai de vós, se assim fóra! Assim cuidaes que qualquer pamphletario tem o poder de attingir na sua honra uma Patria oito vezes secular? A montanha vê, indifferente, a enxurrada do valle. Sêde montanha!

A verdade é que nós estamos soffrendo as consequencias perniciosas de uma imagem falsificada da Patria. Deixae a injuria aos injuriadores de profissão. A honra não se desaggrava de insultos com o insulto. Insurgi-vos, mocidade, contra essa fraudulenta imagem de uma Patria, onde nos sentimos exilados. Proclamae que essa não é a Patria que temos guardada nos corações, como a hostia no sacrario; que essa não é a Patria de que sois dignos e que tantos sublimes artifices vos prepararam com a espada e a não, com a cruz e o arado, com o cinzel e o calamo, com a penna e a lyra. Não vos queixeis como miseros, antes alçae as vossas almas juvenis e incorruptas até ás alturas da fé; reconquistae a consciencia plena do que sois, reinte-

grae-vos na Patria dos avoengos e continue-a pelo vosso esforço e o vosso amor.

Que, perante o Brasil, a Madre Patria não perca nunca a compostura veneravel e indulgente de progenitora. Não consenti que, além do Atlantico, para lá dos mares que primeiro navegámos, na terra que primeiro descobrimos e onde vertemos sangue, suor e lagrimas na sementeira de uma nova Patria, em qualquer momento o Portugal do Contestavel, do Infante e de S. Francisco Xavier possa parecer uma regateira descomposta, fallando, em vez da linguagem grandiloqua dos "Lusiadas", a linguagem torpe da "Corneta do Diabo".

Não percamos a consciencia do que somos para não considerar que alguns salpicos de lama podem embaciar as armas rutilantes com que, perante a historia da humanidade se apresenta a quasi milenaria figura da nossa Patria gloriosa. De que teria então valido que a providencia nos houvesse concedido um D. Diniz e um D. Duarte, D. João I, Nun'Alvares e o Infante D. Henrique, Bartholomeu Dias e Duarte Pacheco, Vasco da Gama e Pedro Alvares, Affonso de Albuquerque e D. Francisco de Almeida, Camões e Bernardim, Gil Vicente e Antonio Ferreira, legiões de heróes, de navegadores, de poetas e de santos; que tivéssemos descoberto meio mundo; que houvessemos batalhado cinco seculos; que attingíssemos os paramos da gloria — para que um qualquer escriba pudesse infamar-nos num pamphleto?!

Comprehendamos todos que o que nos offende na irreverencia alheia é o proprio reflexo do nosso abatimento. Não accusemos os outros pelas nossas culpas. Ninguem mais e melhor do que nós tem trabalhado para afastar o Brasil da nossa communhão moral. Não ensinam os manuaes de historia patria, adoptados nos nossos lyceus, que Cabral descobriu o Brasil por acaso? Não foram os nossos Governos que decretaram a differenciação orthographica da lingua commum e alteraram o padrão da moeda, que proclamava a nossa mesma progenie? Não foram os nossos politicos que se obstinaram em destruir, vandalicamente, no culto, na lei, nos costumes, quasi tudo o que denunciava o nosso parentesco moral e espirital com o Brasil? Não foi o grande Oliveira Martins, o proprio glorificador de Cesar e de Scipião, o Africano, que se empenhou em pintar os nossos heróes romanos da Asia maculados de sangue e de latrocinios? Gerações negativistas e scepticas, que haviam perdido o sentimento da raça, que se haviam despolarizado e desintegrado da grey, prepararam o ambiente de altruismo patriótico de que só agora, leccionados pelo infortunio, nos redimimos. Vós sois, mocidade ungida pelo martyrio, a geração do resgate!

Ha muito tempo que em Portugal não se cumprem tantas acções nobres e se não vêem tantas attitudes corajosas e se não contam tantas almas idealistas como nesta hora crepuscular de calamidade nacional, vespera da alleluia. Como já vos disse, com a eloquencia da poesia, o illustre, o vidente precursor do nosso neo-nacionalismo, Affonso Lopes Vieira, *Portugal nunca foi tão bem amado como nos ultimos annos, porque nunca foi tão amavelmente estudado pelos seus artistas e sabios, que têm erguido o monumento das nossas tradições, dando-nos o orgulho da razão de ser da nossa existência nacional...* Quero crer que estaes educando e instruindo as vossas consciencias nesse culto redemptor, que nos reintegrará na Patria, tal como a fizeram os antepassados. Vejo-vos, pois, preparados para comprehender, para saudar com effusão fraternal a aurora de além-mar: o nacionalismo brasileiro.

### O NACIONALISMO BRASILEIRO

Este nacionalismo, que vos pintaram animado de um espirito aggressivo aquelles que se mostraram incapazes de entender as proprias vozes da nossa Historia eminentemente nacionalista, quanto mais as vozes que fallam nas almas dos outros povos, marca na evolução da nacionalidade brasileira a consciencia plena, integral, da soberania, como o nacionalismo pernambucano do seculo XVII attestava a idéa, já concebida de patria, como o nacionalismo transbordante da era precursora da independencia testemunhava o ideal amadurecido de liberdade. Louvemo-nos porque, synchronicamente, as duas Patrias irmãs se alvoroam com o mesmo sentimento exaltador: o Brasil no entusiasmo da sua opulencia, na fé em seu destino, na alegria da sua ascensão entre as potencias; nós no aneio ainda afflictivo de nos reintegrarmos na tradição e resurgirmos.

O nacionalismo brasileiro é o mesmo e militante sentimento de Patria, que nos fez grandes e nos defendeu da absorção; é o mesmo anelo vehemente de liberdade e de amor ao sólo natal que nos deu estatura de gigantes na era de Quatrocentos; é o brio civico sem o qual um povo não é nação; é a seiva da mocidade projectando-se para um ideal de força varonil e collectiva. O nacionalismo brasileiro é o mesmo da prole: o que lá implantámos outr'ora, combatendo, semeando, trabalhando, soffrendo, e que no seculo XVII já frutificara na geração brasileira dos heróes da reacção contra o jugo hollandez. Não o encareis como affronta, mas como lição. Disseram-vos que esse nacionalismo era, na essencia, anti-portuguez e anti-tradicionalista. Porém, não é verdade. Elle é, simplesmente, nobremente, dignamente brasileiro. É esse nacionalismo que hontem venerava nas cinzas do heróe portuguez Estacio de Sá, o defensor e primeiro capitão-mór do Rio de Janeiro. É esse nacionalismo que imprime a alguns dos edificios da Exposição do Centenario o estylo colonial. É esse nacionalismo que inspira a Bilac o soneto admiravel á lingua portugueza; que dita á intelligencia radiante de Graça Aranha as paginas da "Esthetica da Vida", dedicadas a Portugal; que compõe com o verbo eloquente de Celso Vieira um hymno á raça no banquete dos intellectuaes brasileiros no Paçaca-Hotel. É esse nacionalismo que erigiu uma estatua a Cabral e vai erguer, sob a presidencia do Chefe do Estado, um monumento a Camões. É esse nacionalismo que ainda recentemente reunia em volta da figura esbelta e da palavra insinuante de Luiz de Almeida Braga os academicos da Faculdade de Direito de S. Paulo. Mas, sobretudo, é esse nacionalismo que origina o renascimento militar do Brasil, que agita a consciencia nacional na salutar e dignificante fé nos destinos da Patria, que opera os progressos vertiginosos da civilização brasileira.

Sem duvida, esse sentimento impetuoso por vezes se inflamma em fanatismo, se desvaira na intolerancia. Sempre no culto do patriotismo se immiscuem os exploradores do patriotismo. Quando vos fallo com tamanho entusiasmo no nacionalismo brasileiro e vol-o aponto como exemplo, vós me invocaes, melindrados e retrahidos, o nativismo brasileiro. Pois bem: já que assim o quereis, fallemos do natiivismo, sem hypocrisia e sem pusilanimidade, pois que eu nunca tive medo senão da deshonra.

### O NATIVISMO

Não vou repetir-vos o libello surprehendentemente sagaz que Eca de Queiroz articulou num estudo analytico celebre, dedicado a esta modalidade mor-

bida do patriotismo. Todo o homem de origem ariana, producto da civilização greco-latina, continuada na civilização christã, sentirá por esta doutrina a mesma repulsa e a mesma extranheza que tão vivamente chocaram a nobre intelligencia do autor da "Cidade e as Serras".

A civilização é um patrimonio commum da humanidade, em que trabalharam todos os povos e estulticia seria a da nação que, por demencia, imaginasse poder divorciar-se da communhão universal, violando as leis da fraternidade humana e enclausurando-se nas suas fronteiras, alimentando-se com os seus exclusivos recursos materiaes e espirituales. Todas as nações da America se edificaram com materiaes europeus. As linguas da Europa são a sua lingua; a religião christã a sua fé; as artes creadas pelos seus antepassados europeus são cultivadas pelos seus artistas; da Europa receberam as sciencias que applicam e desenvolvem na elaboração da sua civilização. Os americanos civilizados não são outra cousa senão os descendentes dos inglezes, dos hespanhóes, dos portuguezes, dos francezes, dos allemães, dos italianos e dos slavos. Foi com sangue estrangeiro que se fizeram os povos americanos. E' com o braço estrangeiro, em grande escala, que ainda hoje se elaboram a civilização e a riqueza americanas. Foi, em grande parte, com capitaes estrangeiros, que as grandes nações da America do Sul se apparelharam para o progresso. Como podeis crer que essas nações de prole europeia possuam uma alma asiatica? Abri as constituições desses jovens e liberaes paizes. Encontrareis nellas o mais categorico repudio dessas doutrinas malsãs. Uma mesma lei, uma mesma liberdade regula, sem distinguil-as, a personalidade juridica do nacional e do estrangeiro. Pelo que respeita o Brasil, a constituição exclue apenas do exercicio das funções de Chefe do Estado o estrangeiro naturalizado, e um complexo de leis e disposições facilita ao immigrante a sua integração nos direitos de cidadania, regulando-lhe os privilegios de residente, incorporando-o quasi automaticamente na communhão nacional. Póde dizer-se que a legislação brasileira é, neste assumpto, um conjunto de leis aglutinadoras incorporadas da população, como convém a um paiz a cujo organismo gigantesco só falta um fluxo copioso de sangue.

Como se poderá, pois, ajustar a doutrina nativista a uma concepção juridica desta especie? E, entretanto, ha uma seita nativista no Brasil, do mesmo modo que ha israelitas, budhistas e musulmanos entre uma população na sua quasi totalidade christã. Para vos dizer toda a verdade, esse nativismo é tão artificial, tão precario e tão tendencioso que as suas manifestações se cingem quasi exclusivamente em affirmar, por entre vociferações vãs e apostrophes tão truculentas como ridiculas, escriptas em portuguez, subscriptas por nomes portuguezes, a sua antipathia ao portuguez!

Não nos deixemos impressionar por essa antipathia. Principalmente, não a generalizemos. Não comettamos o desatino de confundil-a com o sentimento brasileiro. Ella nunca impedio os portuguezes de trabalharem livremente, de se integrarem na familia brasileira, de crearem no Brasil os seus filhos, de educarem no Brasil os seus bens, de edificarem no Brasil os seus bens, de edificarem no Brasil as suas casas e as suas sepulturas.

O nativismo brasileiro só póde até hoje implantar-se nos dous grandes nucleos de população portugueza: o do Prata, prestes a extinguir-se, e o do Rio de Janeiro. O futuro se encarregará de demonstrar se a acção nativista no Pará,

afugentando a unica corrente emigratoria que se aventurava a arrostar com o clima equatorial, foi benefica ou nociva ao Brasil. Mas o facto incontestavel é que o nativismo não conseguiu infiltrar-se nos Estados em que a população portugueza se distribue sem apparente supremacia. Em todos os Estados do sul, de população mais heterogenea, debalde se procurará rastro de lusophobia. Assim, esse pseudo Brasil nativista circumscreve-se ao Rio de Janeiro, e no Rio de Janeiro á pequena sala de redacção de um pamphleto jacobino, onde alguns patriotas escrevem desaforos a Portugal e aos portuguezes, a que o Sr. Homem Christo replica no "Povo de Aveiro", com desaforo ao Brasil e aos brasileiros. Deste pamphleto, lido quasi exclusivamente pelos portuguezes, se originou a visão deformada de um Brasil lusophobo. E' dar importancia exorbitante a uma revista semanal e depreciar, humilhantemente, uma nação do tamanho da Europa, fazendo-a caber no tinteiro de um pamphletario.

### O CASO DOS POVEIROS

Eis a vossa ultima objecção!

Este incidente deploravel já foi sufficientemente analysado, sob o criterio brasileiro. Jornalistas com o genio combativo de Paulo Barreto, jurisconsultos com a autoridade de Pedro Lessa e de Rodrigo Octavio impugnaram quer a falta de equidade da medida violenta, quer a inconstitucionalidade da lei que a originou.

Muito outro tem de ser o criterio com que deveremos examinar essa delicada questão. Não nos cumpre apreciar se a lei da fiscalização dá pesca é, ou não, anti-constitucional. Cada um em sua casa commette os erros que quer, admitindo que essa lei seja inspirada por um erro. Os legisladores brasileiros entenderam que convinha ao Brasil a applicação de principios novos, não applicados nos demais paizes da Europa e da America, ao exercicio da pesca nas aguas territoriaes? Quem lhes pôde contestar o direito soberano de legislar em sua casa como lhes aprouver? Aliás, essa legislação não attingia apenas os pescadores portuguezes, mas impunha a naturalização a todo o pescador estrangeiro, sem distincção.

Dessa lei só conhecemos aqui as clausulas que reputámos intolerantes, e, contudo, a famosa lei brasileira, cuidando de arregimentar, instruir, sanear e proteger os nucleos de pescadores dispersos na immensidão do littoral, possui um aspecto altruista, digno de incondicional admiração.

Quando, ha uns quatro annos, o pequeno cruzador auxiliar "José Bonifacio" zarpou do Rio de Janeiro, levava-o para os mares uma missão humanitaria das mais bellas que jámais foi confiada a um navio de guerra! Commandava o "José Bonifacio" um official que duas vezes devia a vida a portuguezes: pela sua ascendencia e pela hospitalidade que encontrara, na hora de perigo, a bordo de um navio portuguez. Sem duvida, não infundia grande terror a pequenina bellonave. Apesar do seu armamento moderno, ella não teria atemorizado, ha quatrocentos e vinte e dous annos, a armada de Cabral, se lhe houvera appellido no Porto Seguro de Vera Cruz. Mas a sua missão não era de guerra, antes de assistência e de paz.

Vós sabeis o que succedeu. No cumprimento da lei, que lhe cumpria fazer acatar, o commandante do "José Bonifacio" houve-se de modo a merecer as aclamações dos nativistas. Os poveiros foram compellidos a naturalizarem-se ou

a abandonar a sua profissão. Abrira-se um conflicto em que, de parte a parte, estava em jogo o brio patriótico. Esse conflicto — e esta é a parte essencial da questão, que sempre vos tem sido sonhada — attingio a plenitude num momento em que as atenções do Governo estavam absorvidas na recepção dos Soberanos da Belgica. Porém, dias antes da sua culminancia, o Sr. Presidente da Republica recebeu, com sympathia, no Palacio do Cattete, uma commissão de poveiros, que lhe ia offerecer um exemplar gigante da fauna littoreana, e que o Presidente pediu para que fosse antes offertado ao seu real hospede, o Rei Alberto, a quem os mesmos poveiros o foram entregar.

Dias depois, ausente o Chefe do Estado, que acompanhara os Reis da Belgica a Bello Horizonte e a S. Paulo, o incidente dos poveiros alcançara a sua phase critica, e, sem aguardar a solução official, em que a negação de um "habeas-corpus" pelo Supremo Tribunal tirara a esperanza, os poveiros heroicamente se prestaram a ser os penhores da honra portugueza, preferindo guardar a fidelidade á sua Patria e regressar a Portugal, do que renegarem, por interesse, o seu nascimento e concorrerem para intensificar e prolongar um conflicto que ameaçava abranger toda a colonia e suscitar um estado de animosidade entre portuguezes e brasileiros.

Para nós, esse incidente valeu por uma apologia do amor patrio. Consentimos testemunhar o nosso resistente nacionalismo. Deu-nos o ensejo, na obscura hora presente, de commetter uma bella acção, talvez romanesca, mas honrada. De que nos queixamos, pois? Aquelles que encaminharam o conflicto para este theatral desenlace cumpriram, com resolução, um dever. Mas o Governo brasileiro não teve directa e immediata responsabilidade nessa solução imprevista.

Os poveiros deixaram os seus barcos e as suas rédes, mas guardaram a sua Patria. Abandonaram a sua profissão, mas trouxeram intacta a sua honra. Foi um bello dia para Portugal. Não nos queixemos, nem por nol-o ter proporcionado, queiraes mal ao hospitaleiro Brasil, para onde muitos delles já voltaram!

### ORIGEM E CONDICIONALIDADES DO NATIVISMO

E' preciso affirmar, sem evasivas, que esse Brasil lusophobo, contra o qual o pundonor de alguns jornalistas vibrou tão hervados dardos, não existe fóra de um minúsculo arraial jacobino, sem projecção politica e sem influencia social. Esse nativismo esporadico e trulento, que um seculo depois da independencia ainda enrouquece a gritar, puerilmente, que o Brasil é dos brasileiros — pois de quem havia de ser? — não é mais do que um remanescente anachronico do modesto conflicto da emancipação, em que, aliás, tantos portuguezes se envolveram, e que encontrou num principe portuguez o seu instrumento docil e a sua encarnação symbolica.

O que tornou possível a revivescencia desta modalidade aggressiva do patriotismo americano foi um mero phenomeno economico. Tendo durante longos annos abandonado ao estrangeiro as actividades productivas do commercio e das industrias, a nova e ambiciosa geração verifica, com indiesimulado desapontamento, que — aliás como simples e transitorios depositarios — os portuguezes, os italianos, os allemães detêm uma parcela importante da riqueza nacional. Os que não, são pamphletarios nem parasitas do Estado aprendem na lição do estrangeiro e esforçam-se em

concorrência leal por occupar, gradualmente, as posições que seus pais e avós tinham abandonado ao espirito de sacrificio e á tenacidade dos colonos.

Os outros vociferaram. São os nativistas.

O nativista insurge-se contra a hegemonia do commercio estrangeiro, pré-ga contra a interferencia do estrangeiro na politica nacional, e como a setta bellicosa se concentra no Rio, onde se localiza a maior caudal da emigração portugueza, desde os tempos atemorizadores da febre amarella (que afugentava para os Estados do sul o exodo italiano e allemão), é contra os portuguezes que se move a ira dos vociferadores jacobinos.

Isto não significa a existencia, no Brasil, de uma politica nativista. O nativismo não chega a ser um partido. E' uma crise.

Uma politica nativista no Brasil não só constituiria um phenomeno aberrativo da civilização e uma violação das tradições e da lei escripta, como tambem a mais lesiva e ruinosa das orientações economicas, pois affectaria a nacionalidade nas suas necessidades impreteriveis de aquisição de braços e energias productoras.

Ora, é precisamente esta absoluta necessidade de augmentar a sua população com a caudal estrangeira que origina um movimento defensivo e legitimo de perservação da soberania. O brasileiro entende, e muito bem, que só elle pôde mandar em sua casa, e que a acção do estrangeiro, embora intimamente associado á vida economica da nação, não deve transpôr os limites em que passaria a parecer uma intervenção perturbadora na vida privada e politica do paiz. Mas isto não chega a ser um postulado nativista, porque é a base de todo o civismo; uma sadia doutrina patriótica, que só os povos disvirilizados não professam.

A nossa posição no Brasil, por isso que somos os mais proximos parentes dos brasileiros; porque fallamos a mesma lingua; porque com elles nos achamos intimamente entrelaçados na historia e na familia; porque nos agglomeramos excessivamente nas cidades, onde a cultura civica é mais instruida — impõe-nos uma conducta exemplarmente discreta. Por vezes, os nossos movimentos sentimentaes impellem-nos a attitudes que, mal interpretadas, podem dar lugar a que nos tomem por parentes intromettidos, quando ninguem mais do que nós tem o dever de zelar, de respeitar e de fortalecer a soberania brasileira, consagração apothetica da nossa obra antiga de constructores do Brasil.

Examinemos agora em que consiste a chamada oppressão economica do portuguez. Não conheço um só economista digno deste titulo que não sorria das accusações tendenciosas articuladas contra essa pseudo hegemonia, mesmo circumscripta ao Rio de Janeiro. A colonia portugueza — muito menor em numero, actualmente, que a colonia italiana — representa uma collectividade laboriosa e productiva, que concorre salientemente para as despezas do Estado pelo pagamento dos tributos e para a prosperidade da Nação pelo seu labor intensivo. Tradicionalmente, esta colonia trabalhadora radica ao Brasil os bens adquiridos e lega-os aos seus descendentes brasileiros. A função normal do portuguez no Brasil, dizia-me um dia um illustre politico brasileiro, parece ser de produzir cidadãos brasileiros e enriquecel-os! Todos nós sabemos em Portugal que quasi não existe capital brasileiro nos nossos empreendimentos industriaes, agricolas e coloniaes. Em regra geral, o portuguez domiciliado no Brasil limita-se a enviar aos parentes pobres pensões familiares, que cessam com a morte dos

beneficiarios. Não é possível assignalar a influencia ou participação da fortuna portugueza do Brasil no desenvolvimento das nossas industrias, da nossa agricultura, ou nos nossos tentamens coloniaes, ao contrario do que succede na Italia, onde se registra, de modo sensibilibissimo, a influencia benefica dos emigrados na prosperidade economica da nação. Continuamos sendo no Brasil o que sempre fomos, desde os primordios da colonização: povoadores transplantados. Se o nativismo conseguisse reaportuguezar a colonia portugueza do Brasil, Portugal lhe ficaria devendo um inestimavel serviço, pois ao portuguez falta o sentido economico do patriotismo. Elle é, apenas, um patriota sentimental. Tendes ouvido fallar de que o nativismo ameaça os portuguezes com a decretação da nacionalização do commercio. Nenhum Governo pensaria em crear para o Brasil uma legislação *sui generis* que attentaria contra o dogma economico da liberdade do commercio; mas não seriam os portuguezes os mais attingidos por essa medida draconiana. Na sua maioria, as casas portuguezas possuem socios brasileiros e os portuguezes não detêm o unico ramo de commercio que assume transcendente importancia na economia geral: o da exportação dos productos do sólo. Esse commercio está nas mãos dos brasileiros, dos norte-americanos, dos allemães, dos inglezes, dos italianos, dos francezes e dos belgas, cujos paizes de origem são os maiores consumidores da produção agricola.

O que resta, pois, das accusações e das ameaças de que é alvo a colonia por parte dos nativistas? Fumo, intriga, malevolencia.

Pretende o nativismo que o portuguez se considere, no Brasil, em terra estrangeira? Esta doutrina só nos é favoravel, mas contraria fundamentalmente o espirito da lei brasileira, que procura incorporar, como já vos disse, os immigrados na communhão nacional, facilitando-lhes a acquisição dos direitos de cidadania. Se cada portuguez cumprisse a ordenação nativista, começaria por perseverar a nacionalidade paterna de seus filhos, e o Conselheiro Rodrigues Alves, filho de portuguez, não teria podido ser Presidente da Republica; nem o Sr. Dr. Arthur Bernardes, filho de portuguez, poderia ser o actual candidato á presidencia.

O nativismo é, em ultima analyse, uma doutrina anti-americana, anti-juridica, anti-patriotica. Não é uma doutrina brasileira. Não é um sentimento brasileiro.

Com a exclusiva applicação do criterio nativista póde obter-se uma população nativa, mas não se obterá um povo, pois uma multidão de gente não é um povo. Imaginae um territorio para onde multidões de allemães, slavos, syrios e asiaticos tenham emigrado e lá gerado e concebido prole numerosa. Esses filhos de germanos, de polacos, de tchecos, de armenios, de chins e de nippões, por acaso constituirão um povo e representarão uma nação? Ninguem poderá affirmar-o. Para produzir um povo é indispensavel communidade de lingua, de fé, de religião, de tradições familiares e politicas, de sentimento artistico. Quereis exemplos de quanto é precario, sob o ponto de vista do sentimento nacional, o mero acaso do nascimento? Tivemos um compositor, celebre no seu tempo, que se chamou, inconfundivelmente, Marcos Portugal. Todavia, esse portuguez de nascimento, educado na Italia, é justamente considerado, como sagazmente o defini Affonso Lopes Vieira, um dos mais notaveis musicos italianos da sua época. O Almirante Barroso, por ter nascido na rua do Chiado, em Lisboa, não deixa de ser um authentico heróe brasi-

leiro. Pelo facto de haver visto a luz em Bordéas, José Bonifacio não desmereceu do titulo, que lhe compete, de patriarcha da independencia do Brasil. Porventura a Hespanha póde fundamentamente reclamar para Seneca e Lucano a naturalidade hespanhola? E Terencio um africano porque nasceu na Africa? E turco André Chenier porque nasceu em Constantinopla?

Não ha criterio menos nacionalista do que o do nativismo. O nativismo, para ser coerente, teria injuriado Inhaúma e Barroso, á volta do Paraguay, pela culpa de não terem nascido no Brasil.

O que torna possível e inoffensiva a incorporação de grandes massas de humanidade heterogenea, de diversos sangues e proveniencias, na sociedade brasileira, é o possuir o Brasil um povo de caracteres moraes definidos, com as capacidades de aglutinação dos elementos extranhos, e esse povo, com a sua lingua, a sua religião, as suas tradições e a sua historia, quem o formou, quem o criou desde o sedimento, fomos nós. E é por isso mesmo que o actual Presidente da Republica Brasileira, compenetrado deste axioma ethnico e sociologico, chamava, ha dous annos, aos portuguezes, os seus "*compatriotas de além-mar!*"

#### O NACIONALISMO DO SR. DR. EPITACIO PESSOA

Surprende-vos, talvez, esta revelação, porque vos affirmaram, com a facil audacia da ignorancia, se não com a perfida manha da intriga, que o Presidente do Brasil é um lusophobo inconvertível. Attentae um pouco na aberração de um jurisconsulto da estatura do Sr. Dr. Epitacio Pessoa; descendente de uma nobre familia portugueza, que já no seculo XVII sobresahia nas lutas de Pernambuco contra os hollandezes; tão ciosamente zeloso da dignidade moral e mental da sua investidura; tão ardentemente disposto a encarnar o ideal nacionalista, no que elle possui de mais harmonico com os interesses e o renome da sua Patria — mostrando-se ao mundo com o semblante de um estadista mestiço da Republica de S. Domingos, como um torvo nativista da escola paraguaya de Francia!

Attentae na irrisoria puerilidade dessa falsificação impudente da verdade, contra a qual o proprio calumniado já mais de uma vez protestou com a vehemencia coadunada á sua compostura. Como podeis conceber semelhante dispauterio, antagonico da hierarchia cultural e politica de tamanha e progressiva nação, regida pela mais liberal das Constituições e onde uma pleiade de jurisconsultos eminentes attestam gloriosamente o culto devotado do Direito? Assim se corrompeu na nossa terra o prestigio da autoridade que haveis podido conceber uma grande nação, como o Brasil, presidida por um Tyrannete pirronico e truculento, empenhado em infamar as suas origens e as do grande povo que o elegera?

Não, meus amigos. Ides ver de que nobre substancia é o nacionalismo do Presidente do Brasil; e é com as suas palavras, proferidas ante a mocidade academica da Faculdade de Direito de São Paulo, que vou concluir esta já longa carta. Tomae para vós as exortações dirigidas aos estudantes brasileiros, e que correspondem — faço-vos justiça — aos anhelos mais intimos do vosso patriotismo. Aprendei nessas palavras, que soaram do lado de lá do Atlantico, como eco de nossos sentimentos antigos e tradicionaes, a amar e a honrar a vossa terra — pois que o amor que se não honra, não é amor. Aprendei com ellas a comprehender e a estimar o Brasil,

empenhando-vos por que Portugal salvaguarde a postura de dignidade que lhe compete pela sua gloria passada e tambem pela gloria presente de ser o progenitor de uma das cinco maiores nações da terra.

#### EXORTAÇÃO DO SR. PRESIDENTE EPITACIO PESSOA AOS ACADEMICOS DE S. PAULO

"Os vossos applausos trazem-me grande conforto, despertam-me as forças necessarias para proseguir na senda que venho trilhando, em meio de difficuldades sem conta, mas com passo firme e resolutivo. Os applausos que me dirige a mocidade acordam novas energias no meu espirito para exaltar no coração dos moços o sentimento fecundo do amor da Patria. Extranharam já que seja este o meu thema predilecto. E' porque a preocupação constante do meu espirito, estimulada, de um lado, pelas observações de minhas viagens, e agulada, de outro, pela indifferença de meus compatriotas, é que não temos feito tudo quanto podemos e quanto devemos pela grandeza e pela gloria da nossa Patria. Quanto mais viajo, mais me sinto filho do Brasil, mais confiança tenho nas suas possibilidades, mais clara se me apresenta a visão do seu futuro. E' por isto que me esforço por estimular o patriotismo dos moços, que são as mais justas esperanças da Nação, sangue novo e sadio, destinado a acender-lhes nas veias a sede do progresso, o culto da justiça, o amor da liberdade. Já alguém me chamou de nacionalista. Não póde haver qualificado mais grato ao meu coração de brasileiro, mas o meu nacionalismo, como já tive occasião de dizer em publico, não é feito de odios e prevenções contra o estrangeiro, cuja collaboração nos é necessaria, cujo auxilio desejamos, para a exploração das nossas inesgotaveis riquezas latentes. O meu nacionalismo é feito de amor e de carinho por tudo quanto se relaciona com o Brasil; de zelo pelo seu nome, de esforço pelo seu progresso e de sonhos pela sua gloria. O meu nacionalismo figura para mim um Brasil novo, rico e poderoso: o seu vastissimo territorio, rasgado de caminhos de ferro, os seus rios immensos coalhados de barcos, uns e outros conduzindo para os seus portos, convertidos nos mais vastos emporios commerciaes do mundo, os productos variados do seu seio exuberante; a instrução diffundida até ás mais baixas camadas sociaes; as suas artes, as suas sciencias as suas industrias levadas ao apogeu do desenvolvimento; a sua palavra recebida com acatamento e respeito pelas mais poderosas nações da Terra, no concerto internacional: robusta e laboriosa a sua raça unida! Moços, amae assim o Brasil! Amae-o com esse amor que absorve a personalidade inteira; amae-o com esse amor feito de abnegação, de devotamento e de ternura. Amae-o e o vosso amor o transformará em breve nessa grande nacionalidade dos meus sonhos, respeitada e fecunda, gloriosa e feliz!"

Moços da minha terra, amemos Portugal como o Presidente do Brasil ama a sua Patria! E o nosso amor, reintegrando-nos na plenitude da nossa dignidade e da nossa honra historica, nos restituirá o respeito de que decahimos e a estima de que desmerecemos. Nas paredes arruinadas do lar patrio pendem as panoplias, as lyras, os arados e os velames com que os antepassados combateram, cantaram, lavraram e navegaram. Retomemos essas alfaías venerandas, reaccendamos a fé em nossos corações e renasçamos!

# AGAPE DE INTELLECTUAES

A Salisbury Galeão Coutinho, nosso illustre collaborador, e a Affonso Schmidt, um grupo de amigos e admiradores offereceu no dia 21 do mez proximo passado um banquete, que se realizou em Santos. A festa esteve brilhante, teve um accentuado cunho culto de intellectualidade e á mesma compareceram quasi todos os escriptores, poetas e jornalistas residentes em Santos, num movimento unanime de applausos aos dous formosos e robustos autores de *Semeador de peccados* e de *Brutalidade*. Abaixo transcrevemos os dous bellos discursos pronunciados no encantador agape de intellectuaes, o de Albertino Moreira, saudando os dous jovens escriptores, e o de Galeão Coutinho, agradecendo a homenagem.

## DISCURSO DE ALBERTINO MOREIRA

Salisbury:

Quizeram os teus amigos fosse eu a fallar, nesta festa, em tua homenagem, porque, de certo, descobriram nas nossas vidas pontos flagrantés de semelhança, como se tivéssemos a mesma procedencia e caminhassemos para o mesmo destino. Não andaram mal os nossos amigos. Com a modestia que deve ser a característica de quem diz a verdade, declaro que só eu, neste momento de intimidade, poderia saudar-te.

Não esperes de mim um discurso de idéas, como se exige, hoje em dia, nesta época horrível de combate á fantasia, e apenas de realidades palpaveis e immediatas. Nem tão pouco uma oração de commovedora saudade, porque tão asperos foram os caminhos pervagados nesta nossa existencia, que revel-os agora, nas suas curvas e nos seus obstaculos, na multiplicidade das suas surpresas e no inesperado das suas trahições atocaiadas a cada passo — seria soffrer ainda, seria sentir a pungencia de todas essas dores já sentidas e renovar-as com um marejar de lagrimas nos olhos. Nós na nossa vida, deviamos esquecer o passado, matar-o cedo dentro de nós, para nos projectarmos livres no futuro, pois que vivemos num momento de transformação accelerada, e muito felizes somos quando conseguimos fixar o minuto que passa numa obra de arte qualquer.

Entretanto, se melhor considerarmos, sem o sentimentalismo da saudade e olharmos para nós mesmos, para o que somos, para o que temos realizado (se é que já realizamos alguma coisa), somos obrigados a confessar, seriamente compungidos, que ainda não temos passado na nossa vida. Somos de hoje, com a nossa mocidade cheia de esperanças e sem a marca de um unico fio branco nos cabellos. Estamos no momento central na nossa existencia. Ou affirmamo-nos, ou desaparecemos; já não somos "jovens esperançosos", vivendo de illusões, os primeiros versos no miolo e a pedinchar aconchego nas revistas elegantes. Fizemos já as primeiras escaramuças, os torneios iniciaes, e estamos armados cavalleiros. Ou continuamos, entramos para o meio rutilo da peleja, galhardos de força e de enthusiasmo, ou teremos que deixar as armas, encolhermo-nos na mediocridade, e accellar a vida com a resignação dolorosa e curvada dos falhados.

Temos, com pequenas differenças, a mesma idade, os mesmos sonhos, e o que já realizamos talvez tenha o mesmo valor; em resumo, estamos no mesmo plano. (Nenhum se avantajou a mais a perder de vista. Vamos todos ainda reunidos, com a mesma miragem diante dos olhos, iguaes em forças e iguaes em possibilidades.

Uma prova estamos dando, já de algum tempo, que temos a consciencia de nós mesmos, e que já nos conhecemos. É que não sentimos mais a necessidade de agruparmos em corporações litterarias. Muitos dos que aqui estão ainda não se esqueceram, por certo, das adoráveis infantilibidades de um chamado "Sabbado litterario", convertido depois em "Cenaculo dos novos", e cujas reuniões se realizavam normalmente numa solemnisima sala do Instituto Historico de S. Paulo, reuniões essas em que os consocios iam ás suas perpetrções semanaes e recebiam partes iguaes de applausos e palmadinhas confortadoras nas espaldas.

Desse cenaculo sahiram os que tiveram força e um bocadinho a mais de talento; muitos ficaram lá, e "morreram" com o cenaculo.

Foi o pavor inicial dos pliumitivos, e eu poderia trazer para estas tiras a lição profunda de Graça Aranha sobre a "função psychica do terror" na formação das sociedades. Nada mais incerto, mas cheio de hostilidade ambiente do que o começo de vida para os artistas, e é por isso, fatalmente, que elles se reúnem, em principio, para a propria defeza com a defeza da classe. Só os conscientemente fortes, desde o inicio, têm a coragem de affrontar a vida frente a frente, com todas as suas trahições e abelzeas.

Depois, aparelhados, affeitos á luta e com a comprehensão assentada de que os gremios e cenaculos amesquinham e futilizam o individuo com a miudagem das suas intrigas, é que cada um trilha o seu caminho, abdicando a propria força, para positivação de uma individualidade.

Essa separação é dolorosa como uma futilização, mas produz, ás vezes, o milagre de revelar-nos a nós mesmos — e como os caminhos que se afastam dos povoados: os desaparecem logo no entrecruzar anonymo dos outros trilheiros, ou vincam certo os espigões, varando o plano suave das campinas e as bruteszas das montanhas.

Nós já fizemos essa separação. Cada um de nós já tomou o seu caminho e posso dizer que muitos dos que partiram connosco já se apagaram na erma anonyma das encruzilhadas.

Não ha luta maior, maior dispendio de energia e de intelligencia, do que a luta que travamos para a conquista da nossa individualidade, porque as neccessidades da vida, a contingencia do meio, tudo nos propelle para a uniformidade da regra social. O artista é a excepção, e nada se lhe perdôa. Tem o prestigio é a dolorosa verdade de um aphorismo aquella phrase do "De Profundis", de Oscar Wilde: "A sociedade esquece frequentemente o criminoso, mas não esquece o sonhador".

Com o correr dos tempos, os progressos do espirito humano, e o immediatismo na vida de hoje em dia, os artistas tiveram que descer das suas fantasias para as realidades flagrantés da existencia. Já não são elles seres á parte nas sociedades, e, sem entretchoques, em perfeita harmonia até vivem dentro da arte e, ao mesmo tempo, são creaturas perfeitamente sociaveis. Elles adaptam-se á vida presente; só a sociedade é que ainda os encara com aquella "respeitosa aversão" de que fallou Eça.

O artista, hoje, não cede a de nenhum mistér, occupa-se de qualquer função, desampenhando-se bem das suas attribuições sociais e ainda é artista. Mas o preconceito social está ao de cima vigilante, e difficilmente o artista encontra, na vida, as mesmas facilidades que os imbecis encontram a cada passo, dadivosamente.

Eis ahí porque, Salisbury, estás merecendo hoje a nossa homenagem. Nós todos, aqui presentes, teus amigos, somos um bocado artistas, temos as nossas illusões litterarias, e já fizemos mesmo qualquer coisa na litteratura, mas não somos apenas litteratos. Cada um de nós tem um lugar marcado, a banca certa da obrigação, respeitamos os horarios dos nossos deveres, estamos estreitamente ligados, confundidos com a sociedade em que vivemos, apesar de ainda nos considerarmos uma excepção á regra geral. Tu ultrapassaste esta excepção que somos, e és uma flagrante e uma escandalosa excepção dentro dessa excepção. Tu só não transigiste e, ou seja aos encontrões e acotoveladas, ou seja no terreno facil dos applausos, o certo é que cada vez caminhas mais para a frente. É's uma contradição viva dentro da vida presente, dentro da vida da nossa geração. É's feito de anormalidades e de impetos, descahidas bruscas e impulsos victoriosos. Tens muitas almas na tua alma extranha de illuminado, e muito trabalho darias a quem se propuzesse a delinear a trajectoria do teu espirito, a tua projecção para o futuro. Se, pelo indice da obra que já realizaste, quizessemos folhear esse livro esquisito que é o teu espirito e a tua vida, encontraríamos surpresas a cada pagina. Tu mesmo te surpreenderias, por certo. Na propria successão de idéas, offereces-nos surpresas e imprevistos inquietadores. Que abysmo vai entre "Parque Antigo", estancia de suavidade e ternura saudosa, para "Semeador de peccados", que agora vaes publicar!

É esse illogismo surprehendente que está a belleza inesperada da tua arte.

Tua arte não se sujeita ás regras humanisimas de logica e jámais poderá espartilhar-se dentro de um syllogismo.

Quem quizesse, com as premissas do que já fizeste na arte, tirar a conclusão do que poderia realizar, concluiria erradamente, porque nem tu mesmo poderás prever o que vai ser a tua obra futura. Nunca poderias ter, como Oscar Wille, escripto "Intenções", e, num primeiro livro de estrêa, feito como que uma biographia a priori, porque cada minuto na tua vida tem

## O TUMULO DO RIO BRANCO

Uma commissão de elementos representativos de nossa sociedade acaba de dirigir um apello a todos os brasileiros, para que concorram, na medida do possível, affim de ser erigido o monumento funebre, no Cemiterio de São Francisco Xavier, marcando o lugar em que repousam os Rio Branco. Qualquer commentario de apoio a essa idéa é desnecessario, tão viva e fulgente está na alma de todos os patricios, a lembrança da obra do grande estadista de 28 de Setembro e da do integralizador do nosso paiz. É necessario, contudo, insistir num ponto: na urgencia que existe em se realizar essa homenagem aos insignes brasileiros, affim de que, no Centenario, já esteja erigido o grande monumento. Sua execução foi confiada ao Dr. Heitor da Silva Costa e será a obra em granito da Gavea e em bronze. Transcrevemos, abaixo, os termos finaes da circular da "Commissão Rio Branco": "Resta agora que os poderes publicos, a imprensa e toda a sociedade brasileira, sem distincção de classes, prestigiem com urgencia a Commissão, auxiliando-a com o que estiver ao seu alcance, pois a construção do monumento importa em quantia avultada. Os poderes publicos poderão concorrer, apressando o andamento e transformando em lei o projecto existente na Camara dos Deputados e que concede um auxillio de 50:000\$000 para esse fim. A imprensa, um dos mais fortes estelos com que conta a Commissão, muito poderá fazer encarregando-se de activar a propaganda em tudo o que for necessario e do seu auxillio não pôde ella prescindir de modo algum. Quanto á sociedade e ao povo, em geral, ella espera de esperar que, em se tratando do Barão do Rio Branco, cuja memoria ainda está bem nitida, e cujos serviços á patria são enormes, ninguem se negue a concorrer com esse obulo, que representa o pagamento de sua dívida com o saudoso patriota. Foram impressas e estão sendo distribuidas, devidamente rubricadas por membros da directoria, quinhetas listas de subscrição. A distribuição está sendo feita aos chefes de repartições, ao alto commercio e industria, ás escolas, a aggremações diversas, aos jornaes e a todos, emfim, que possam angariar donativos. Já tendo sido igualmente enviadas ás legações e aos consulados brasileiros, para que os nossos compatriotas, residentes no extrangeiro, possam igualmente contribuir. A Commissão espera que todos aceitem com carinho as listas e as devolvam no mais breve prazo possivel para poder ser dado rapido andamento á execução da obra e aquelles amigos do Barão do Rio Branco, aos quaes não foram distribuidas listas e que as desejarem obter, poderão procural-as com os membros da directoria, uma vez que sejam della conhecidos. Brasileiros! Esperamos que todos se esforcem para essa obra de patriotismo e para que o tumulo de Rio Branco possa ser visto e visitado com admiração, em Setembro proximo, pelos extrangeiros, mostrando-lhes que somos uma nacionalidade que sabe venerar a memoria e nome dos grandes vultos."

uma fundamental differença do minuto antecedente e o que se vai seguir. Fosse possível, materialmente, farias um livro differente cada dia de existencia. Se tivesses a paciência de fixar num "diario" as emoções varias de 24 horas, realizarias a obra mais desconneca e interessante que é dado imaginar-se.

Mas vai longe já esta pariendo, e findando-a eu, que ainda não acredito em Deus, peço a Deus que te conserve essa ardente impetuosidade, esse mesmo divino dom de pairar sobre os preconceitos. E, se eu tivesse a mania inocua de dar conselhos, apenas te diria que continues sempre assim, nessa inquietude, nessa ancia, nesse desassocego, nessa corrida doida, nesse variar, e nesse tresvariar, porque é da vertigem dessa perpetua inquietação e movimento que ha de tirar a farsa eterna que illumina toda a tua alma.

DISCURSO DE GALEÃO COUTINHO

Meus amigos:

As palavras de ardor e sinceridade com que o nosso caro Albertino acaba de interpretar a significação desta homenagem, valem mais para a minha gratidão que quanto applauso, mais ou menos convencional, repercute em torno da obra que modestamente venho realizando, no decurso de uma curta existencia cheia de experimentações.

E não sei por que singular clarividencia o vigoroso autor de "Vão Nupcial" surpreendente a alma de tumultuario, num aspecto que procurei evidenciar no proemio do "Semeador de Peccados", que lhe é inteiramente desconhecido. Dedicando este livro a Ribeiro Couto, muito de industria denunciei ao poeta de "Jardim das Confidencias" a nossa affinidade sentimental em face da Vida; a propensão para a variedade, a inquietante curiosidade de fascinações, no perpetuo banquete da chimera.

Funesta inquietação, nefasta curiosidade — em outros termos escrevi — porque já começo a experimentar os travores que ha no fundo da taça.

Vai, com effeito, muita distancia entre a prosa aspera do "Semeador de Peccados" e os versos madrigalescos do "Parque Antigo" — são palavras textuaes desse prefacio — offerenda que Albertino, inconscientemente, parodia por este modo: — "Que distancia vai entre "Parque Antigo", estancia de suavidade e ternura saudosa, para "Semeador de Peccados", que agora vais publicar!

Vêde, pois, que Albertino Moreira percebeu claramente a tragedia psychologica que me perturba ao redor de uma existencia atormentada de imprevistos, na preoccupação constante de ir para a frente, olvidando, cada vez mais, um passado que não deve ser revivido, sequer em pensamento, pelos dissabores de que está repleto.

Entretanto, meus amigos, por mais que assim o affirmemos, ha em todos nós um orgulho incissimavel na hora do triumpho; não o orgulho vil dos que querem humilhar, mas o nobre orgulho dos que se não querem deixar humilhar, conforme o juizo preclaro de um illustre pregador. E de todo ainda não se dissipou em meu espirito a visão estonteante que este momento me trouxe. O nosso passado é de hontem. Somos aqui, quasi todos, mais ou menos precoces. Precoces na dor e precoces na alegria. Quase todos surgimos cedo para a refrega da vida, enfrentando-a denodadamente em suas crispantes realidades. Para muitos dos que aqui me ouvem, não são cêstituidas de fundamento estas palavras que se encontram no discurso de Humberto de Campos, quando recebido na Academia Brasileira de Lettras: — "Ha uma face da sociedade brasileira que vem reclamando, de ha muito, o cuidado dos historiadores. E' a que se compõe de figuras brilhantes e curiosas, que se não fazem proceder de nenhum annuncio que prometta o milagre. São arvores fortes e altas, que espantam o céu, agasalham os passaros, mas de que a selva, em geral, desconhece a semente. São os homens que nascem de si mesmos, que se elevam por si mesmos, sem familia notavel, sem avós illustres, sem antepassados gloriosos, e que formam, na vida intensa, a democracia dos salões, da politica, das lettras, das finanças. No Exercito social, elles são os generaes de caserna, que conquistaram os postos sob a fuzilaria e que compram com o proprio sangue, nos campos de batalha, aquillo que é obtido

por outros, facilmente, pela simples casualidade do nascimento. Como a generalidade dos heróes, elles começam na promiscuidade dos quartéis, no tumulto da multidão. Ha, entretanto, nestes privilegiados, uma força que os impelle para a claridade, desagregando-os do meio em que tiveram origem. São elementos que se individualizam, gottas de azeite que sobem á tona, bolhas de ar que se elevam do leito dos rios, atravessam agua e se aliam, em cima, á espuma que passa... No conjunto da sociedade, elles trazem no orgulho, no dessassombro, na rebeldia e, não raro, na brutalidade das maneiras, o estygma da procedencia. A aristocracia odela-os, mas tem de recebê-los, de applaudil-os, de supportal-os. São os intrusos que se impõem e que constituem, geralmente, a fachada de ouro, sempre renovada, do edificio social."

Penso nada mais ser preciso para pôr em fulgido relevo os bravos paladinos que formam a nossa geração. Surgiram todos das camadas anonymas da sociedade e vão conquistando terreno, dia a dia, numa luta tremenda e surda contra o meio.

A necessidade de adaptar-se agrava-lhes, por um modo cruel, o fadario de sonhadores. Hoje, está na adaptação, na integralização do artista, o pavor maximo, o supremo desespero. A vida se lhes apresenta impiedosa nas suas exigencias. Só ha dous caminhos a escolher: ou amoldar-se, em detrimento da liberdade mental, ou permanecer rebeide, para não ser ouvido pela turba. E é preciso levar em conta que todos nós surgimos com o obcecante proposito de agradar.

Albertino Moreira fallou da excepção, da "escandalosa excepção" que sou dentro da excepção que sois todos vós. E isto pelo motivo, talvez, de haver permanecido servo do jornalismo, teimando em ser exclusivamente litterato. Vai um engano neste juizo. Não sou a excepção, porque um feliz acaso juntou o meu nome ao de Affonso Schmidt, na partilha desta homenagem, e o autor de "Janelas Abertas" é, até agora, tão somente litterato, na extenuante faina nocturna do jornal. E a obra do acaso não ficou apenas nesse pormenor. Quiz, ainda, que nos encontrassemos ante vós, quando, entediados da doce melodia do verso, recorremos ao rythmo barbaro da prosa como roupagem apropriada a uma nova onça de pensamentos mais relacionados com a realidade.

Motivos não faltam, neste momento, para que eu esteja possuido de um jubilo que não tra-

duzem palavras. A vossa amizade, que senti palpitar como raiz, fez-se arbusto; frondejou e é, agora, a apothose floral que pronuncia os frutos. Começo e prelibar-lhes o inebriamento. A vossa amizade é já, para mim, a suprema, a incomparavel maravilha.

Homenageando-me, e a Affonso Schmidt, mais não fazeis que homenagear a vossa propria obra. De minha parte nada de elevado em mim se manifesta, seja nos dominios do sentimento, seja nas puras abstracções mentaes, que de vós não promane, que de vossos espiritos não seja reflexo constante.

Nenhum espectáculo é mais surpreendente, meus caros amigos, do que o offerecido pela amizade intellectual, pela perfeita harmonia da intelligencia.

E nós alcançamos o milagre vivendo a vida intensa desta cidade. Cada espirito, por isso que as prementes circunstancias não permitem aqui insidias e satyras proprias da ociosidade litteraria, conseguiu guardar suas characteristics originaes, conservando-as na comunidade. E foi assim que Albertino Moreira surgiu romancista definitivo; Cleómenes Campos, poeta das intimidades sentimentaes; Antezonas Duarte, commendador de arte e religiões; Alvaro Lopes, fundibulario da polemica á Fialho; Angelo Guido, metaphysico e erudito; o saudoso e queridissimo Fabio, manejador do verso aprimorado na officina parnasiana; Paulo Gonçalves, lyrico enternecido; Ribeiro Couto, impregnado de uma tristeza elegiaca, embaladora; Affonso Schmidt, quasi indefinivel na extranheza, de seus processos sempre imprevistos, e o segundo alvo desta carinhosa homenagem trahindo sempre, quer no verso, quer na prosa, um civilizado á força.

Por aqui vereis, meus amigos, que em Santos não se verificou o caso da Academia de São, subtilmente urcido por Machado de Assis. Ali, os membros só se reconheciam grandes e se proclamavam, mutuamente, o "arroz da sciencia", quando reunidos. Interrogado á parte, todo o academico taxava de asno os demais confrades.

Não houve aqui o prejuizo das aggremlações litterarias, muito bem o assignalou Albertino Moreira; o que sempre houve e ha de haver, é esta commovedora fraternidade de que caes, todos vós, neste momento, o mais expressivo testemunho.

LITTERATURA DE ESGOTO

Ha uma cousa deveras criminosa nessa pornographia pertensamente elegante, que vem vem surgindo na nossa imprensa. (Pornographia, em verdade, sempre houve aqui, como alhures, mas os follicularios libertinos d'antanho diferiam dos de hoje pelo publico a que elles se destinavam. Nessas eras da prehistoria carioca em que se imprimia o Rio Nô, lia-se a pornographia num meio exclusivo de devassos, que se poderia alcinhar de profissionaes; a circulação dessas folhas se restringia aos "aficionados" da Guarda-Velha, velha guarda pedindo aposentadoria alquebrada pelas avarias recebidas nos combates do famigerdo Hotel Ravau ou do não menos celebre Freres Bretonneau. Eram esses veteranos da devassidão os consumidores unicos da litteratura licenciosa da época. A hodierna pornographia se apresenta com uma feição muito mais nociva. Sob côr de preocupação artistica ou litteraria ella visa se infiltrar nos lares cariocas, demolindo os ultimos vestigios da moral brasileira. Mais grave, porém, é que, out'ora, dedicavam-se a esse triste officio de preparadores de cantharida litteraria apenas alguns anonymos illetrados e ignorantes; era rebutalho da sociedade, vulgares rabiscadores, que mal sabiam alinhar as suas phrases suinas. Hoje, não. Os exploradores dessa torpe industria que bem pôde ser qualificada de annexa a das aicalotas, são recrutados entre a fina flor das lettras nacionaes e entre elles, mesmo, deparamos algum que se agasalha na companhia, herdeira do livreiro Aives. Con-

fessemos, contudo, que talvez haja no caso um méro caso de homonymia, porque não encontramos nas pequices triviaes, cheirando a piagio inhabil e a sedicças anedotas de caixeiro-viajante, o fulgor e a belleza, que caracterizam as obras immortaes da nossa Arcadia tropical. Se, porém, foi a "aurea sacra fames", que fez descer, do Olympo ao lupanar, o poeta nortista, resta-lhe o attenuante da incuria policial, que permite, por espirito contradictorio, a circulação dessas folhas, hetairas, que se vendem por nickels, ao mesmo tempo que veda o deambular das rameiras de mais alto preço. Allegam os seus defensores que, se são compradas essas folhas de repolho pôdre é que o paladar corrupto da sociedade outro acepipe não quer. Fraca defesa; o mesmo significaria facultar o alcool aos alcoolatras; quando justamente o dever dos elementos são de um povo é reagir contra a propagação do vicio. Exemplo disso acaba de nos offerecer o povo mais vigoroso do mundo. Mas basta. O Dr. Geminiano, que luta tão efficaz, tem movido contra os alcouces e o hetairismo tem o dever de embargar a circulação dessas revistas, cuja entrada prohibe, certo, em sua casa. Alguns raros celibatarios, encanecidos na libidinagem, não podem, por se verem privados do aphrodisiaco litterario, reclamar contra uma medida que visa proteger a saude dos moços, que não queremos ver como vimos, folheando, entre sorrisos de avelhantados, essas paginas repugnantes.

PARACELSO.

( Da "Noticia" )

# "CÁVALHEIROS DA FELICIDADE"

DE CARLOS DE VASCONCELOS

Em torno da mesa circular sentavam-se, com o casal Bryan, num dos luxuosos apartamentos sitos n'aza sul do predio "The Raleigh", do n. 816 da West End Avenue, em New-York City, os esposos Powell e o commissario de negocios Myron Polk, filho do maior criador de pompas e avestruzes de Los Angeles, California. A toalha muito branca, sugestiva no desenho cinegetico e toda marchetada de pblíeromicas petalas odoríferas, casavam-se bem o faiscar da prataria fina e as lucilações dos crystaes *cut-glass*, carissimos e iriantes como facetas de vasos magicos, tirados do amago de gemas preciosas. Como as famosas terras da vinha florida longe estivessem de ser taladas pela famigeragem vaniloqua do Kaiser, e porque os lagares de Reims então fizessem verter, sem impediçoes, a mór parte de seu loiro filtro no paiz fertil dos *yankees*, sem as actuaes restricções consequentes do vandalismo teutonico e do neo-evangelismo d'umas tantas mulheres, que conseguiram impor uma emenda á Constituição de 1776, bannindo e prohibindo o uso dos seus maravilhosos vinhos, que sempre foram a alma das enthusiaslicas commemorações — os convivas e amphitriões, muito harmonicos na educação e nos principios, em afabilidades e alegrias, palravam com a maxima cordialidade, entre gorgolões de champagne, quaes si jámais houvessem saboreado um amargor na vida. Uma Victrola, executando um programma adredé traçado, esparzia os sons deliciasntes do violino de Ysaye no "Preludio e Fuga" em *dó menor* do grande João Sebastião Bach, depois o "Minueto com variações", de Mozart, o Trio em *ré menor*, de Beethoven, interpretado por Mischa Elman, enveredando em seguida no piano de Paderewsky pelo "Traumerei" de Schumann, pela "Poloneza Militar" de Chopin e pela "Valse Étude" de Saint-Saens, com a magnifica execução do pianista Cortot, bem como o "Feux-Follets" de Philippi, segundo a vivida interpretação de nossa eximia pianista Guiomar Novaes, que então empolgara ao arrebatamento os frequentadores do *Aeolian Hall* e o salão do Ritz-Carlton.

Entre essas altas expressões da harmonia dos grandes Mestres e as inspirações do deliciasnte Poeta do Piano, passadas ao crivo da emotividade individual de cada interprete, ia a palestra cordial se esgueirando, ora alacre, ora mansa, entre as golfadas do vinho loiro e as facecias peculiares á indole dos anglo-saxões, refferos da bizarrice devida ao meio e ás circumstancias...

— Sabes, Ralph, tive hontem a idéa de divorciarmo-nos por consenso mutuo, para te cazares com Mrs. Bryan e eu com Mrs. Powell — disse-lhe David Bryan, com a maior simpleza e a mais natural intonação possivel! Na vida nada é tão bom quanto a variedade, e eu de ha muito notei uma forte *sympathia* de minha mulher por ti, enquanto uma tendencia bem pronunciada de mim pela tua. D'ahi o interesse e a cordialidade destes nossos encontros e jantares, anciozos, que somos, de nos torparmos de todo felizes...

As duas jovens e formosas senhoras assombraram-se á extemporaneidade desta altisona sugestão do dono da casa. E embora quizessem attribuir semelhante dispauterio aos generosos vinhos sorvidos em fartos goles, entenderam por bem aventurar um discreto e digno protesto de salvaguarda de si mesmas, insinuados pelo conselho lyrico de Stechetti no *le parole d'amore che non si disse*:

— E sabes si acaso estamos de accórdo para dansar esse *balancez* á franceza,

precedido do *changez de dames*? — perguntou-lhe Lillian Powell. Eu, como fui sempre franca e sem rebufos, confesso que não o queria para esposo, e que, si o meu Ralph me divorciar algum dia e o Sr. Myron Polk ainda me quizer, será elle a quem eu de novo me unirei.

Polk era o conviva solteiro que alli formava o pentagono da cordialidade bizarra e o unico que ainda nada articulava, muito antes dessa insólita idéa aventada pelo amphitrião hospitaleiro. Mas, uma vez que Mrs. Powell se arrojava a confessar a sua preferência por elle, em detrimento de David Bryan, vira-se, por hombridade, sob o explicito dever de definir a sua attitude diante desses dois casaes singulares, que, em presença de outrem, aventava as conveniencias reciprocas de permutarem-se as *metades* e re-completarem-se de accórdo com a lei...

— E' verdade. Já que se rompeu o véo de nossos segredos, manda a lealdade que eu lhes diga da pureza de nossas *sympathias* e do projecto de nossos amores futuros. No instante em que Mrs. Powell logre divorciar-se, apenas terá o incomodo de tocar o telephone e chamar-me, pois que sahirei incontinenti do escriptorio para ir buscal-a, e, sem perda de tempo, numa egreja qualquer ou mesmo na residencia mais proxima de um juiz de paz, seremos ligados pelos laços temporarios do matrimonio — affirmou o mancebo, com serenidade e pleno jubilo.

Os dois maridos entreolharam-se, suppresos, indagatiyos. Semelhante confissão vinha-lhes perturbar os leaes planos de desejo e felicidade. Cada um delles se sentia empolgado pela esposa do outro: e como ambos se fôrassem de uma equanimidade perfeita, revelavam-se ao mesmo tempo para accordar esta solução de admiravel justeza reciproca — trocaram-se as esposas! Era a exemplificação do lema altruista do *querer tambem para outrem aquillo que almejasse para si...* Tal meio de soluçionar insolitezas exoticas do psiquismo humano só mesmo a indole exalviçada do americano concebia, em sua plenitude equanima. Porque qualquer neo-latino acharia natural que elle se subvertesse á impertinencia dos anhelos, e, esgorjando pela esposa de um amigo, viesse a apanhal-a e detel-a, porém jámais poderia soffrer ou tolerar a reciproca, exoptanea ou como pena de Talião, da sua consorte passar aos cobertores de outro amigo!

Attingia pois o limite da cordura e da rectidão esse sereno ajuste entre Ralph e David, extraordinario e unico como exemplo da perfectibilidade altruistica dos homens, si não fóra a perturbação inesperada de Myron Polk e o véto opposto por Mrs. Powell ao convenio em que ella — terceira dos quatro interessados — já se trahira um tácito accórdo. E como ella se attribuisse abastosas razões para alardear a escolha de Polk á posse de seus encantos, a despeito da situação de casada, Lillian Powell, numa mostra magnifica de sarcasmo, disse ao marido, em soslaio de aquelle outro a quem pretendera entregar-a, independente de consulta e aquiescencia:

— Olha, Ralph, eu, para não lhes desmanchar os prazeres, abro mão de ti, em beneficio de Mrs. Bryan, si é da vontade della despozar-te, e comprometto-me a arranjar para teu amigo, Mr. David Bryan, uma companheira mais prendada do que eu, mais nobre de virtudes e mais facil em fazer-se amar. Essa creatura é, de facto, mais bella do que eu e dispõe de recursos fartos, deixados por um ma-

rido, que pouco lhe fruiu a coabitación. E' uma das mulheres que farejam o meu Myron e, para a maior singularidade destas negociações casamentíferas, velahemos como si fosse a esposa platónica do Sr. Polk e então o *changez de dames* se tornará geral, tal como nas velhas quadrilhas francezas, marcadas com tanto garbo pelos gentis-homens do *temps joti des marquises*...

Polk sorriu ao ver-se de tal modo enlizado na urdidura originalissima desses matrimonios a desatarem-se para diversas combinações consequentes. Os dois transactores fizeram-se afazicos ante o inesperado entrave creado por Mrs. Powell e ante a perspectiva do *imbroglio* inevitavel dalli resultante. E, para maior pasmo, escancararam os olhos semi-alcuinados, quando Lillian se levantou e foi ao telephone falar á pessoa indigitada, para o completivo de um sexteto sponsalicio:

— E' Mrs. Mansfield quem está no aparelho? Aqui falla a *empregada* do Sr. Myron Polk, que me mandou dizer á Sra. que elle está á sua espera na casa dos Bryan, em West End Ave., n. 816, apartamento 23, do "The Raleigh". Por estar um pouco atrasado, elle deixa de ir buscal-a, mas faz questão de que a Sra. lá vá ter, em beneficio mesmo de seus interesses... West End Ave n. 816, "The Raleigh Apartments", 23, tenha a bondade de tomar nota, para não esquecer, telephone Riverside 10.079.

Radiante de contentamento, deixou o phone e, sob um faiscar intonso de graças,olveu aos demais amigos, annunciando:

— Mrs. Mansfield em breve estará aqui. Convidei-a em teu nome, Myron; por isso, irás recebê-la e apresentá-la aos nossos camaradas.

Nesse instante a campainha do telephone deu signal e foi David Bryan quem se apressou a attender ao chamado. A voz de Emily Mansfield agradou-o logo para pol-o em curiosidade: e ao saber quem falava, antes mesmo de inteirar-se do que a moça desceia, todo doçura e afabilidade, David fez saber de que a esperavam, com anciedade, para partilhar de sua intima reunião cordial, encomiada e exaltada como fóra pelo Sr. Polk.

E urdida a trama, estabelecida uma certa confiança, a convidada attribuiu-lhe cabal justificativa para correr aquella aza do selecto edificio de apartamentos da WEST END AVE. Tudo a fez confiante, desde a situação topographica até a lhanza hospitaleira do domiciliario; e ella, que por prudencia se resolvera a fallar a Myron Polk para saber si de facto elle alli se encontrava, como que de prompto se embevecera ao timbre suggestivo de David Bryan para decidir comparecer, e, até, para prescindir de fallar a Myron, unica creatura conhecida na comitiva reunida naquelle cobigado districto residencial, debruçado sobre o rio Hudson.

Como taes seres alli reunidos possuissem equivalentes naturezas estruturales, todos queriam variar de costumes, para novos encantos do viver altruista dos tempos modernos; todos se agoravam de ancias por sensações inéditas e bizarras, capazes de os embevecer e celebrar! Por isso David, de commum accórdo com Ralph, tivera a idéa de trocarem-se as esposas: e como na America as iniciativas assim singulares coubessem ás mulheres, eles diriam terem sido ellas as permutadoras dos maridos, para uma melhor comprehensão do Homem, pela estatistica experimental... E os dois se

sureolariam com as estemas da justiça e da tolerancia, aquiescentes aos caprichos das esposas, de quem o marido devia sempre patentear-se o escravo agradecido, pelo sabor de seus beijos e pela maciez de sua carne, afóra ser, desde os tempos heróicos, o inspirado por ella em todos os ramos da Artel. E si o homem devia a eternidade de sua gloria á mulher, não seria justo e louvavel que os maridos lhes satisfizessem os minimos caprichos, mesmo quando estes lhes acarretassem pezares ou infligissem soffrimentos?

Todavia, como Lillian véstasse a resolução dos outros, em favor de um terceiro que nada tinha no pleito, por se não encontrar em circumstancias de dar e receber, o embaraço sobreveio, alterando-se a harmonia dos planos. E como, por outro lado, mandasse a sabedoria ajustar as condições ao melhor possível de obter, em amor, como em politica, fazendo-se o que se póde e não o que se quer, David inclinou-se, abnegado, pela renuncia á Lillian, e cogitou de, por outro modo, fazer côro com os demais á sábia lei da variabilidade de sensações. Tal abnegação impunha-se mesmo a um dos amphitriões: e porque devesse o homem ceder ante a mulher, era a elle, e não á Dora Byran, a quem cabia o sacrificio. Por isso imbuu-se de optimismos, apenas ouvira a voz de Emily Mansfield, e sorriera ao capricho, de vir a ter por ella um arrebatamento subito, amor á primeira vista, capaz de sobrepujar a affinidade sentida pela esposa de Ralph; reprimiu palpitações e anhelitos, enquanto se aplaudia o desinteresse, o despreendimento de renunciar á Lillian, para não sacrificar a felicidade dos demais, e enquanto esperava a vinda da salvadora.

E foi como si o arrancassem á deliciante acção narcotica do opio, quando a campainha da entrada de seu apartamento vibrou, discreta:

— A Sra. Emily Mansfield? — perguntou-lhe, com afabilidade hospitaleira.

— Sim Sr. E tenho muito prazer em conhecê-lo pessoalmente, Sr. Bryan, a quem ainda ha pouco tive ensejo de ouvir ao telephone. E permitta-me dizer-lhe que a sua presença confirma em toda a extensão a sympathia intensa despertada por sua voz agradável, que traduz os modos de um perfeito cavalheiro.

— Sua bondade confunde-me. Oxalá á Sra. Mansfield não se engane e nos dispense d'ora avante a sua amizade — avançou, tomando-lhe as peliças e encaminhando-a através do curto corredor para a sala-de-visitas, onde se encontravam os demais, quédos, attentivos a esse flirt nascente, caracterizado de medieval, por começar por um sorriso ouvido graças á electricidade e por logo entrar no idyllo dos humbraes...

Seguiram-se as apresentações, não tendo passado despercebida aos convivas a sobriedade das mostras da recém-chegada para com o seu unico conhecido alli. Myron Polk saudou-a com o devido recato, sem trahir o intuito de sua atracção americanissima alli, para offerecer o regaço a um homem disponível: e, em unisono com Lillian, exultou á perspectiva de um accôrdo entre Emily e David, capaz de permittir-lhes trilharem o caminho florido da felicidade, que, dentre as turbidas apprehensões e difficuldades de subito deparadas, ia clarificando, para o debuxo esplendente de seus desejos e aspirações.

A nova visitante vio-se cumulada de gentilezas, distinguida pelas mais subteis amabilidades do casal entreteredor: nem havia ciumes estorvantes, nem despeitos irritaveis, de modo que a todos embalou em suas azas alviçareiras, sob mornas ancias, o instincto da novidade de defrontar-se cada um com corpo e alma diferentes, ignotos para serem franjados em tons roseos, carinhosamente esbatidos...

rido yankee raro teima em vencer a antipathia ou aversão de quem deseje por companheira: propõe-se-lhe de improviso e foge-lhe num fechar d'olhos. Não persiste. E pensa bem porque, si adstricto á espontaneidade mutua para o abraço conjugal, elles a miudo se vêm tentados a quebrar os laços, com mais frequencia careceriam de fazel-o si, contrafeitos e desgostosos, entrassem na posse um do outro! Emily exalava de instante os olores da novidade, de que a esposa se lhe destituira ás vistas e de que se privara a mulher do amigo, pela resistencia confessa: e elle acquiesceria de bom grado a ver Lillian e Dora passarem aos braços respectivos de Myron e Ralph, sem detença, para que os olhos deflagrantes da paixão de Emily lhe aclarassem o roteiro, em a noite escura da viuvez de affectos em que se sentira desde o *dessert*...

Emily viera pensando sobre a situação financeira de quem habitava aquella luxuosa parte da cidade e, quando dera entrada no apartamento, relanceara os moveis, as telas e bronzes, os armarios de antiguidades, tudo o que pudesse attestar o ouro facil e o gosto apurado de um magnata: e, tal como os milhafres, experimentou instinctivamente as garras para a tomada do ninho alheio, logo insinuada por seu character aventureiro. Chispou os olhos sobre David, antes de lhe entregar as pelles e de conhecer a sua esposa, em perfeita conformidade com a serpente, que magnetiza a caça e a enleia, ou como a aranha, que estarrece a mosca-azul e a constriuge em seus palpos...

E apenas ouviu a apresentação á Dora, imbuu-a a vaidade feminina de ser-lhe facil o desbanque para a subversão plena do marido, ao envez de atinar antes no sabor da variedade, que o leva a deixar cousa melhor, já conhecida, pelo espirito de aventura do ignoto, sempre lantejoilado! De alerta tambem á resistencia de Myron aos seus enleios e artimanhas, Emily banii-o acto-continuo da mente, enrijou-se á frieza do trato e toda se empenhou em vencer de assalto ao castelão que lhe sorriera, sob a amarga desolação recalçada do repudiado e nas illuminações de uma immediata compensação vantajosa.

Vio um piano ao canto e a elle se dirigiu, como si fóra em casa de velhos amigos, abriu-o e encheu o ambiente com os suggestivos acórdes magistraes com que Schumann apaixonara a Clara Wieck, sublinhando numa voz philomelosa as exaltações apaixonadas do autor romantico: e empolgou mais as mulheres em suas febres pelos maridos alheios, envaidecera mais a David, chegando até a produzir um semi-pezar na alma de Myron Polk.

Fôra um triumpho cezarço: chegar, vêr e vencer. E apenas acabada a vocalização do *A' ma fiancée*, David Bryan dirigiu-se-lhe:

— Quizera ter voz e treino, porque eu é que devia ter cantado essa magnifica obra de Schumann para perguntar-lhe si aceitava, como si em verdade fossem meus, os versos apaixonados que ella contém. Mas, embora não saiba cantar, posso perguntar-lhe si quer considerar minhas, e em tudo sinceras, todas essas palavras deliciosas?

Emily expandira-se na mudez do asombro. Jámais pensou em, pouco depois de chamada ao telephone por uma voz estranha de mulher, vir ter á habitação de gente desconhecida para ouvir uma excentrica proposta de casamento, por parte de um marido e em presença da esposa ainda não divorciada! Chegou quasi a crer em uma cilada, por parte de Myron Polk. Nada respondeu, tão sem géito e desacommodada se sentira. O amphitrião revidou o assalto, decidido e franco, num improviso felicissimo de adequabilidade: David renunciou em definitiva á Lillian, apenas esta lhe fizera saber de sua aversão: e facil como um passaro que em vôo sereno inflletisse sem descontinuidade em diverso rumo, elle se voltou, com a mesma bonhomia e prazenteirice, para a nova creatura recém-conhecida. Porque o ma-

— Aqui constituimos a seita dos "Cavalheiros da Felicidade". Buscamol-a com mais soffreguidão do que glorias á vaidade e do que ouro aos prazeres! Ser ditoso é o nosso escopo. E onde quer que se nos afigure existente essa ventura, ouzamos ir buscal-a e todo o esforço empenhamos por conseguil-a. Erramos empós ella como os heróes da Edade-Media atraz do amor de sua dama, com a simples differença de que exigimos della tambem a espontaneidade. Condemnamos o sacrificio só aspiramos a reciprocidade de sentimentos, a coexistencia de desejos e paixões, ainda mesmo que ephemerol! E quando evidenciamos qualquer engano commettido, o menor erro em que incorremos, temos todos a hombridade de confessal-o, para procurarmos logo a sua efficaz corrigenda...

E á immobilidade muda de Emily e dos demais personagens, qual si fóra um conferencista improvisado, a fallar sobre o thema da felicidade, David proseguiu:

— Aqui todos somos solidarios e mutualizamos o auxilio. A maioria nossa já ensaiou apanhar o *Passaro Azul*, mas viu que a gaiola estava vasia e que elle batera azas e fóra cantar noutras paragens, attrahindo-lhe as vistas e exortando-nos



a prendel-o. Sómente um de nós desconhece o capricho desse passaro fugidio e tão querido, pois que somente agora o ouviu cantar... Mas, embora esse passaro pertença a terceiro, o seu dono não lhe estorva o surto e já tem outro em vista, porque se torna compulsorio um immediato substituto. Para isso tive eu também que contribuir, abrindo mão de um e procurando outro...

E risinho, alviçareiro, em illuminuras de vencedor, perguntou-lhe:

—Teria eu por ventura encontrado esse Passaro Azul, na gaiola de seu coração, quando a pouco descantava o *A' ma fiancée*?

Ainda perplexa ante o ineditismo dessa alta comedia bizarra, Emily, que tivera a audacia de, num arrebatamento á primeira vista por David Brian, ir cantar árias passionaes para fascinal-o, agora permanecia afazica, a relancear Lillian e Dora, qual si se encontrasse sob um interrogatorio inquisitorial. Foi preciso que as duas senhoras a insinuassem, explanando melhor a falla difusa do amphitrião:

— Nós também, como "Cavalheiras da Felicidade", temol-a buscado. Uma primeira tentativa, embora não nos tenha trazido desgraças, nem inflingido magoas, não nos deu a saciedade, a embriaguez e o extasis do sonho realizado! Queremos dizer: os nossos primeiros maridos, e que aqui se encontram, são bons, mas longe estão de ser ideaes, por faltarem-nos com um quê inexplicavel. Por isso resolvemos, de commum accôrdo, buscar em outros a satisfação desse quê indefinido, que nem mesmo nós sabemos bem o que seja...

Emily animou-se, ante o tom insofismado e cordial das damas, a interrompel-as:

— Faltava-lhes o sal que condimenta o prazer e que nos enleva no proprio mysterio, vencendo-nos a ancía e dando-nos a creença de sermos felizes...

— Disse-o muito bem, Mrs. Mansfield, faltava-nos o sal subtil que nos apraz e enlanguesce — affirmou Lillian, num dobrar de olhos meigos para Myron Polk.

— E que nos leva a buscar as filhas de Venus no seio fecundo das verdes aguas oceanicas — respondeu-lhe este, num surto significativo de preferéncia, fazendo a literatura do neophyto do amor...

Contente com o unisono sentir de todos, continuou Dora a explanação interrompida:

—... e julgando agora haver descoberto uma mais perfeita affinidade entre nós, em diferentes arranjos binarios, carecemos de, na qualidade de mutualistas, completar novos pares. Como faltasse uma companheira para tres uniões provaveis de tornarem-se felizes e de firmarem a nossa pratica em uma seita de bons ensinamentos aos filhos da America, resolveu Lillian chamal-a, com o fito de ver si entre V. e o meu David irromperia um amor reciproco. Teriamos, nesta hypothese, avançado um grande passo: todos nos divorcariamos, por consenso mutuo, para casarmos-nos de novo entre nós, "Cavalheiros da Felicidade" mas de outro modo: eu com o marido de Lillian, esta com o Sr. Polk, e David — que eu affirmo ser bom e nobre — com quem elle sympatizasse e por elle sentisse amores.

E brejeira, adelgaçando-se em abemolações a voz:

— Parece-me que o seu canto encantou o meu David e que a sereia também se tomou de subito interesse pelo nosso companheiro de doutrina: e não nos falta, para a apotheose final da victoria, sinão a sua acquiescência á seita

e a esta primeira tentativa, nestes tres novos pares que sem detença daqui se encaminbarão em rumo do ninho, onde ouvem cantar o almejado Passaro Azul!

— Si assim é, confesso que apenas se entreabria a porta deste *flat* e já eu palpitava em sensações extranhas por David! E' um verdadeiro caso de paixão ao primeiro olhar...

... e que veio a proposito para ultimarmos esta belleza de seis almas embaçadas á musica dos mais deliciosos beijos — avançou Dora, soffrega, colando-se á bocca de Ralph.

Sedução communicativa, Lillian tomou o torax de Myron e o subverteu a caricias mais violentas do que as Salomé dos amor-fogo o fazem com os seus frigidios Baptistas, emquanto, de pé, no meio da sala, David e Emily, aconchegados, como que se hypnotizavam e, num osculo, reproduziam a postura plastica do *Amor e Psyché*, tão suggestiva em fremitos volupicos...

Ralph ergueu-se e propoz tres *tur-ras!* aos tres arauto da Felicidade, que naquelle insante memoravel, irizados com a plumagem das aves-do-paraizo, se perimorphozeavam em mulheres divinas para ensinar-lhes o amor e o encanto do viver. O campagne exaltou-lhes os espensas e os animos: e na semana seguinte já os *Cavalheiros da Felicidade* se davam novo encontro, naquelle mesmo apartamento da West End Avenue, então pertencente á Emily Bryan: e pafravam cordialmente os homens, sobre negocios, fumarando ás urdiduras da astucia para o successo do dollar, emquanto as senhoras se trocavam observações sobre os maridos, entre si permutados, para sua maior experiencia e mais perfeita ventura...

(Do livro a sahir *Divorciados... na America*).

## AS NAÇÕES EXTRANGEIRAS NA COMMEMORAÇÃO DO CENTENARIO

A presença de representações de quasi todos os grandes paizes do mundo, na Commemoração do Centenario, emprestará ao grande certamen incomparavel fulgor. Teremos que dar ao mundo o attestado de nossa cultura e apresentar-lhe os indices de nossa potencialidade, affirmando o lugar de especial relevo entre os grandes povos, pelo labor de um seculo de vida honesta e progressiva. Na Avenida das Nações, os primeiros pavilhões das nações amigas começam a ser construidos, tudo indicando o brilho fulgurante dessas representações. Passamos a dar as noticias que conseguimos colher, a proposito de provaveis representações:

**Argentina** — O paiz vizinho envida todos os esforços para uma condigna representação no nosso Centenario, constando que seu Embaixador extraordinario será o Sr. Alvear, candidato á successão do Presidente Irigoyen e uma das grandes individualidades platinas.

**Belgica** — Construirá um pavilhão especial e a sua delegação se comporá do Sr. Adolpho Marx, Burgo Mestre de Bruxellas, Ministro de Estado, membro da Camara dos Representantes da Belgica. Trará como seu adjunto o Sr. Conde Adrianovam Durduoh, e, como Commissario geral do Governo Belga, junto á Exposição, o Sr. Constant Renan.

**Chile** — A Republica irmã do Pacifico ainda não tornou publica a sua coparticipação no Centenario, sabendo-se, contudo, que enviará um batalhão de infantaria e acreditará uma embaixada especial.

**Dinamarca** — Construirá um pavilhão, cuja pedra fundamental já foi lançada.

**Estados Unidos** — Embora nada haja, de official, por enquanto, falla-se da vinda do proprio Presidente Harding, viajando á bordo de um encouraçado, capitanea de uma esquadra americana. O eminente estadista viria acompanhado de delegações especiaes das casas do Parlamento, dos Estados Federados, do commercio, da industria e da imprensa da poderosa Republica. Os pavilhões dos Estados Unidos, que estão entregues aos architectos Frank L. Packard e William Hanking, serão

construidos só com material brasileiro. Terão dous cinemas colossaes, funcionando dia e noite, e serão a séde futura da Embaixada Norte-Americana. Os Estados Unidos offerecerão ao Brasil uma grande estatua, symbolizando a amizade.

**França** — A grande nação latina já votou o credito de 9 milhões de francos para sua representação, construindo um pavilhão que, posteriormente, será offertado ao Brasil. A sua representação será composta da seguinte maneira: Presidente, Barão Thenard; Secretario, General Pellin; Thesoureiro, Sr. Imbert. Virá como Commissario Geral á Exposição do Centenario o Sr. Philippe Crozier.

**Inglaterra** — Terá o maximo fulgor a representação britannica no nosso Centenario. Um elegante pavilhão se constrói, com secções para exposição de productos. Por uma especial deferéncia do governo de S. M. o pavilhão será dado, como homenagem significativa que presta o Reino Unido á nossa tradicional amizade. Uma grande commissão, sob a presidencia do Exmo. Sr. Lionel Rothschild, Esq., ficou constituida para cuidar da representação ingleza, emquanto os trabalhos daqui, sob a chefia da embaixada britannica, estão confiados a essa commissão, chefiada pelo Major-General sir Crofton-Atkins, K. C. B., C. M. Q.

**Italia** — Construirá um pavilhão, em estylo venesiano, já tendo sido votado o credito de 8 milhões de liras. A commissão de representação será assim constituida: Theophilo Rossi, Ministro da Industria e Commercio; Camillo Peana, Ministro do Thesouro, e pela Commissão Nacional de Exposição virá como alto commissario o Sr. Corivaldi.

Sobre a missão diplomatica ainda nada está resolvido.

**Japão** — Enviará missões diplomatica e commercial, bem como um navio de guerra.

**Mexico** — O nobre paiz americano tomará parte condigna na nossa grande festa civica. Construirá um pavilhão em estylo atzeca e offerecerá um grande monumento ao Brasil, que

é a reprodução da estatua atzeca Contemoc. Junto á sua Embaixada, virá uma delegação de "Federación de los Estudiantes do Mexico". A representação commercial é composta das seguintes pessoas: Enrique Fremont, José Ceballos, Cambreto, Espinosa, Carlos Obregon, Benjamino Juarez e Angelo Borca.

**Paraguay** — Representar-se-ha por uma embaixada, chefiada pelo Ministro do Interior, Sr. Rogerio Ibana.

**Peru** — Construirá um pavilhão e enviará uma embaixada em missão extraordinaria.

**Portugal** — A nobre nação irmã representará-se-ha dignamente, na grande commemoração da nossa Independencia. Já estão adiantadas as obras do seu pavilhão, em estylo colonial, D. João V, devendo ser decorado pelo reputado artista Leal de Camera. A sua Embaixada será chefiada pelo Presidente Antonio José de Almeida, que se fará acompanhar possivelmente de João de Barros, Secretario da Instrução; Julio Dantas, Antonio Malheiros e sessenta estudantes das Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto. Além disso, virá a representação portugueza á Exposição, chefiada pelo Dr. Lisboa Lima, e representantes da Imprensa, Artes, Musica, Industrias e Commercio. E' provavel que o Presidente venha no "dreadnought" São Paulo, posto á sua disposição pelo governo brasileiro. Nesse caso, a bellonave brasileira será escoltada pelo cruzador portuguez "Vasco da Gama". A Ilha da Madeira far-se-ha representar também por uma commissão especial.

**Tcheco-Slovaquia** — A Republica da Centro-Europa constrói um formoso pavilhão e terá digna representação economica. O illustre Ministro Jan Havlasa será elevado a Embaixador em missão especial.

**Uruguay** — Consta que, á bordo do cruzador "Uruguay", viajará o Presidente Brum, ou, no caso de lhe não ser possivel, o Chancelier Buero.

Além estes, outros paizes, numa manifestação de significativa cordialidade, se farão representar nas festas gloriosas de Setembro.

# PEQUENAS NOTAS

O Governo brasileiro, retribuindo o gesto honrosissimo do General Obregon, elevando sua Legação no Rio á Embaixada, deu igual categoria á nossa representação no Mexico. E' com grande prazer que acompanhamos o novo surto da grande Republica, depois de um periodo de agitações que lhe empolgaram a alma ardente, enveredando pela trilha segura do progresso e estendendo sua mão generosa ás Republicas irmãs, num gesto largo de confraternização.

O Brasil, cuja politica diplomatica é um tecido de liberdades e affectos sinceros, acompanha o esforço mexicano, com alvicaireira alegria.

A criação dos sub-pretos, recentemente feita, pelo Congresso, não parece medida digna de grandes louvores, a menos da forma por que foi concebida. Trata-se de dar aos novos funcionarios da justiça algumas das attribuições dos antigos primeiros supplentes, com os vencimentos mensaes de 500\$000. Ora, se taes funções eram exercidas sem remuneração outra, além das possíveis custas, não ha uma imperiosa razão para essa nova categoria de funcionarios e, se se quer começar a magistratura por esse apprendizado, especie de estagio, não se devia permittir nos concursos de pretos outros candidatos. Mas, ambas as hypotheses são pouco, ou nada plausíveis. Pretendeu-se, apenas, crear lugares, sem indagar dos interesses superiores da justiça, cuja maior difficuldade em sua boa applicação reside nesse aparelhamento complicado de seus servidores aos quaes vem de se juntar um novo quadro appendicular. Não será por falta de quem a ministre que a justiça minguará neste rico paiz.

Foi uma merecida homenagem a que prestou a França ao illustre internacionalista, Professor Sá Vianna, nomeando-o cavalheiro da Legião de Honra. Efectivamente, nos dias tragicos da guerra não encontrou a grande nação latina maior e mais valoroso amigo de sua causa, da liberdade e direito, do que o Professor Sá Vianna. Proclamou sempre, na cathedra de professor, aos moços que o ouvem com acatamento e admiração. A sua lição inaugural, em 1917, intitulada

— *Qui a provoqué la guerre européenne ?* — é uma analyse profunda das origens do conflicto, precisando as responsabilidades com o mais alto espirito de justiça, para terminar exaltando aos estudantes a causa sagrada que encarnava a França. Além disso, sua actuação na imprensa e como Presidente da "Liga Brasileira pelos Alliados", foi das mais notaveis, como um paladino do ideal humanitario da França.

O Governo de Portugal acaba de agraciá-lo com a commenda da Ordem de Christo o Sr. Conde Ernesto Pereira Carneiro, nosso illustre patricio, chefe da firma Pereira Carneiro & C. Ltd., importante organização economica que tem sob sua esphera de influencia varias corporações commerciaes e industriaes, taes como a Empreza Commercio e Na-

vegação, e é ainda proprietario do "Jornal do Brasil".

De D. Julia Lopes de Almeida, a illustre romancista que todo o Brasil conhece e admira, apparecerão no corrente mez quatro livros: *A isca*, novelas; *Jardim Florido*, livro de jardinagem; *Elles e Ellas* e *Cruel Amor*, os dous primeiros ineditos e os outros reedições.

O Governo brasileiro assignou decreto elevando á categoria de Embaixada a Legação brasileira nos Estados Unidos do Mexico, retribuindo, assim, a gentileza daquella nação para com o nosso paiz, distinguido com esse gesto de excepcional honraria e amizade.

O Ministro da Justiça incumbio ao Sr. Professor Dr. Candido de Oliveira, lente cathedratico de theoria e pratica do processo civil e commercial, da Faculdade de Direito, da nossa Universidade, de elaborar a Consolidação das Leis de Organização Judiciaria de Processo da Justiça Federal. Não é preciso encarecer a vantagem dessa consolidação e os beneficios que trará a todos que lidam nos nossos tribunales, bem como o merito do illustre professor, a quem foi confiado o encargo, a ser concluido em seis mezes.

Antiga aspiração de quantos amam está grande Patria, a organização do seu museu historico está assegurada por disposições legaes, por haver o Sr. Presidente da Republica sancionado a resolução legislativa que providenciou nesse sentido, e estando nós ás vespéras da data de 7 de Setembro, seria de louvar que o Governo inaugurasse por essa occasião esse estabelecimento.

A missão militar franceza, que contratou o Governo do Uruguay, iniciou os seus cursos, assistindo sessenta officiaes.

Ao que se sabe, os Governos da Argentina e do Brasil elevarão á categoria de Embaixadas as Legações do Rio de Janeiro e de Buenos Aires, a exemplo do que fizemos com o Mexico.

Ha tempos foi divulgado o alvitro suggerido pelo Sr. A. Gomes Barbosa, na Camara Portugueza de Commercio e Industria, de estabelecer-se entre Portugal e Brasil a unificação das taxas postaes, medida esta que provaria exuberantemente, se realizada durante as festas do nosso centenário, o affecto que une através o Atlantico os dous povos irmãos, cem annos após as rapidas lutas da independencia. Agora foi noticiado ter o nosso Ministerio das Relações Exteriores transmittido ao da Justiça e Negocios Interiores uma nota, em que o Sr. Embaixador de Portugal communica ser desejo do Governo portuguez decretar que todos os editores e impressores de Portugal enviassem obrigatoriamente

á Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro um exemplar de cada obra editada. Nessa nota perguntava o Sr. Embaixador se o Governo brasileiro accederia em decretar medida identica em relação á Bibliotheca Publica de Lisboa. Segundo sabemos, a resposta do Ministro da Justiça é absolutamente favoravel á idéa, que em breve será effectivada por parte dos dous Governos, em actos simultaneos.

"La Razon", de Buenos Aires, inserio, na sua edição de 26 do mez findo, um artigo intitulado "Politica Naval Brasileira", e no qual synthetisa o estudo ha tempos feito pelo ex-deputado Contra-Almirante Antonio Nogueira, em parecer apresentado á nossa Camara dos Deputados.

O intercambio commercial entre o Brasil e a Hespanha vai soffrer graves prejuizos com o imposto lançado ultimamente por este paiz sobre o café. Taxando-o em 2 pesetas por kilo, o Governo hespanhol creou, assim, quasi um imposto prohibitivo, porquanto o condemnna a ser unicamente bebida de ricos. O nosso intercambio, segundo os dados estatisticos, era equilibrado justamente pelo café. Este producto constituia a base da nossa exportação para a Hespanha, pois, num total de 12.883 contos, contribuiu com 6.662 contos, em 1921, ou seja mais de 50% do valor das mercadorias exportadas. Ora, subindo as cifras da importação dos productos varios que recebemos da Hespanha a uma quantia mais ou menos igual á da exportação, esse agravamento de impostos sobre o café é injusto e prejudicial. Ficamos, dess'arte, com um sensivel desequilibrio na nossa balança commercial, desequilibrio que vem favorecer a Hespanha em detrimento do Brasil. Os resultados dessa desastrada medida já vamos sentindo, porquanto, em Janeiro ultimo, num total de 117.745 contos de mercadorias exportadas em Santos para a Europa e a America do Norte, figura a Hespanha apenas com 892\$, num mez em que mandamos para o estrangeiro 991.135 saccas de café.

O Governo, por intermedio dos nossos agentes diplomaticos e consulares na Hespanha, deveria amparar os nossos productos com mais efficacia, afim de não continuarmos a soffrer prejuizos semelhantes.

Diz um telegramma de Paris que o General Fernandez, do Exercito argentino, terminou o estudo a que vinha procedendo da frente occidental nos campos de batalha do norte da França e da Belgica. O General Buat, Chefe do Estado-Maior do Exercito francez, offereceu ao General Fernandez um banquete a que tambem assistiram numerosos officiaes francezes. Em conversa com um representante da "Agencia Havas", o General Fernandez exprimo a sua satisfação por motivo das observações de alto interesse technico que tinha feito desde a chegada á França e pelos testemunhos de sympathia e amizade prodigalizados ao Exercito argentino na sua pessoa, informando tambem que já tinha começado o relatorio que apresentará ao Governo argentino.

# ECHOS & NOTÍCIAS



## A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA NA AUSTRIA

A circulação fiduciaria da Austria augmenta diariamente. Em 15 de janeiro ultimo as notas em circulação attingiam 193.749 bilhões e meio ou seja mais 11.480 milhões de cordões do que na semana anterior. O governo inglez autorizou, sob certas reservas, os bancos de Londres a emprestar á Austria libras 2.500.000. Este emprestimo será garantido pelas Alfandegas austriacas e o governo austriaco deverá dar as garantias sufficientes com relação á utilização do dinheiro do emprestimo e a acceptar a fiscalização britannica na obra de reconstrução interna.

## O MUSEU DA LEGIÃO DE HONRA

A França trabalha por dar ao Museu da Legião de Honra uma melhor installação, ampliando o actual edificio. Para isso, o grande chanceller dirigiu um appello aos 120 mil legionarios francezes e 22 mil legionarios estrangeiros, em prol de uma subscrição destinada a tal fim. Com essa reforma, bem melhor se apreciarão as phases gloriosas da ordem instituida por Napoleão. Para se conseguir, é preciso ampliar as actuaes installações, dotando o edificio com mais um andar. A Legião de Honra possui uma riquissima e vasta colleção, que não pôde ser toda ella devidamente exposta no seu acanhado museu. Desta colleção destacam-se todos os typos de condecorações e insignias das ordens instituidas em França nos differentes regimens, bem assim no estrangeiro. A serie documentaria propriamente dita, compõe-se de cerca de cinco mil gravuras, na sua maioria retratos. A bibliotheca é riquissima no seu objectivo, manuscritos, mappaes, etc. São de um vivo interesse as colleções de «bibelots», moveis, tapeçaria, «toilettes», prataria, porcellanas, crystaes, leques, bengalas, sabres, medalhas, cachimbos. Entre esta colleção, está o celebré busto de Napoleão, no leito de morte, um pedaço da colcha em que o corpo do 1º Bonaparte foi envolvido minutos após a sua morte e o grande cordão da Legião de Honra, que Napoleão usava. E' para installar, devidamente essas preciosas colleções, que a Legião de Honra vae ampliar o seu edificio e recorre a todos os legionarios, francezes e estrangeiros.

## A QUESTÃO DO ORIENTE PROXIMO

Na ultima reunião da Conferencia Oriental, os Ministros das Relações Exteriores alliados discutiram e assentaram as propostas que vão ser apresentadas para a regularização da questão do Oriente Proximo, tendo em vista o restabelecimento da paz entre a Turquia e a Grecia, sem infringir contra nenhuma das duas partes quaesquer condições que pudessem significar a derrota. As medidas propostas restituem á Turquia a independencia nacional, reconhecem Constantinopla como a capital ottomana e mantêm a autoridade religiosa do Sultão. Quanto á Grecia, esta receberá a compensação dos sacrificios que fez pela causa dos alliados. As propostas de paz estabelecem tambem medidas de protecção ás minorias musulmanas e christãs, prevêm a conveniencia da evacuação da Asia Menor e concedem á Turquia a Anatólia, do Mediterraneo ad Mar Negro e da Transcaucasia á Persia, e mais Constantinopla e larga parte da Thracia Oriental. As margens dos estreitos devem ser desmilitarizados, tanto no que se refere a fortificações turcas como a fortificações gregas. Os governos alliados vigiarão pela manutenção des-

ta medida. A Liga das Nações ficará encarregada de avisar sobre os meios que é possível adoptar para satisfazer as justas aspirações do povo armenio. A independencia financeira da Turquia é claramente reconhecida e a administração da divida ottomana é mantida e confirmada. O Estado Ottomano pagará indemnização eventual relativa a encargos que resultaram da sua participação na guerra ao lado dos Imperios Centraes. De outra parte, segundo as medidas adoptadas, a Turquia fica exonerada de contróle financeiro, exceptuadas as disposições de protecção aos interesses economicos dos paizes alliados.

## A RATIFICAÇÃO DO QUADRUPLO ACCORDO DO PACIFICO

A ratificação do Quadruplo Accôrdo do Pacifico pelo Senado dos Estados Unidos, por 67 votos contra 28, é geralmente considerado como victoria muito apreciavel do Governo do Presidente Harding. Em certas rodas, já se diz que o Secretario de Estado Hughes está resolvido a empregar todo o esforço no sentido de activar a discussão dos demais tratados assignados na Conferencia de Washington. Os jornaes americanos commentam amplamente a ratificação pelo prisma das idéas partidarias que defendem. O «New York Tribuna» diz que os Senadores que ficaram fiéis ao S. Underwood tem direito á gratidão do paiz. Por outro lado o correspondente do «New York Herald» em Pariz aproveita a oportunidade para fallar da questão das despesas com o exercito norte-americano de occupação na Rhenania e diz ser muito provavel que os Estados Unidos sejam reembolsados da importancia das despesas em productos. E a proposito, o mesmo correspondente friza o facto de que, muito embora os industriaes alliados tenham podido obter na Alemanha grandes quantidades de materias para tinturaria, somente importantes entregas desse producto foram effectuadas á Alliança Textil Americana, e isso mesmo para figurar na conta dos Estados Unidos em Coblença.

## O FUTURO DA ITALIA MODERNA

O professor Giacomo Boni, o conhecido escavador do Forum e do Palatino, acaba de iniciar uma campanha enérgica a favor do futuro da Italia Moderna, combatendo o alarmante abuso do vinho entre as classes inferiores italianas, visto como o vicio do alcool, em consequencia dos augmentos de salarios, está, effectivamente tomando grande incremento. Ha uns quinze annos ou vinte passados era muito difficil encontrar-se um homem, e mais especialmente uma mulher, alterado pelo alcool a perambular pelas ruas. Mas agora, infelizmente, não é pouco frequente uma scena dessa ordem e força é dizer que, por effeito das bebidas, muitos crimes contra pessoas e proprietarios particulares têm sido commettidos em diversos pontos. Iniciando sua campanha, o professor Boni fez um discurso no Forum, em presença de uma verdadeira multidão lamentando que enquanto a Italia gasta 47 milhões de liras com a agricultura e 648 milhões com a educação, os italianos esbanjassem 1.800 milhões de liras por anno com o fumo e 12 bilhões de liras com os vinhos. As regulamentações da policia apenas permitem uma «osteria» ou casa de vinhos para cada 500 habitantes; mas na parochia que circunda as ruinas do Palatino onde mora o professor, ha pelo menos uma casa de bebidas para cada 150 habitantes. Como demonstração dos perigos originados pelo abuso do alcool o professor Boni citou as estatísticas da policia, pelas quaes se verifica que a maioria dos assassinios, suicídios e disputas sanguinolentas occorrem nos sabbados e domingos, isto é, depois de terminada a semana de trabalho e de estarem pagos os salarios dos trabalhadores. Por outro lado, o numero dos loucos, dos intoxicados alcoolicos, dos epilepticos e dos vencidos pelo «delirium tremens», tem augmentado assombrosamente a partir de 1911, muito embora o anno passado o total desses casos tenha sido menor. A igreja está encorajando e auxiliando a campanha do professor Giacomo Boni, considerando-a um enorme beneficio para a religião e para a sociedade.

## O ESPIRITO MILITAR DO POVO JAPONEZ

Fallando á imprensa de Tokio, o Ministro da Guerra do Japão, Tenente-General Yamashita, prestou a seguinte informação, expondo as suas idéas sobre a necessidade de manter o povo japonéz o seu espirito marcial: «Alguns dirigentes politticos do Japão — disse elle — têm incorrido em grave erro, descurando de manter o espirito marcial da nação, que é tão essencial do povo tanto em tempo de paz quanto por occasião das guerras. A Conferencia de Washington teve o exito que se esperava. As opiniões parecem divididas, é certo, a respeito das bases para as limitações navaes propostas, o que era o principal dos problemas submettidos ao estudo; mas todas as nações estão de accôrdo quanto aos propositos de assegurar a paz mundial. Entretanto, é extranho que, em seu desejo de exprimir sua adhesão, a favor da paz mundial e sua ansiedade por ver o Japão livre do peso do militarismo, alguns dos nossos dirigentes politticos hajam perdido de vista o espirito marcial da nação. E' porém, um grande erro considerar-se o espirito marcial incompativel com a limitação dos armamentos. De certo modo, os armamentos são uma expressão de poder nacional, consubstanciando as energias individuais. A guerra moderna exige uma industria nacional, além dos canhões e cartuchos. Por consequente, se uma nação pretende conservar o posto que lhe corresponde na competencia industrial que necessariamente procurará manter na vigilância da paz, seu espirito marcial deverá ser alimentado e desenvolvido no mesmo gráo e ao inverso da redução dos armamentos.»

## AINDA O TRATADO DAS QUATRO POTENCIAS

A Camara dos Deputados franceza discutio a interpegação relativa ao accôrdo naval celebrado em Washington. O Sr. Briand, intervindo nos debates, confirmou que a delegação franceza á Conferencia do Desarmamento estava realmente prompta a consentir nas maiores concessões em relação aos navios de guerra de grande tonelagem. O total de 350.000 toneladas representado pelos navios desse typo fóra proposto porque se apresentava como base para a discussão quanto ás unidades ligeiras e aos submarinos. O ex-presidente do gabinete accrescentou que logo que obteve a respeito da arma naval defensiva as seguranças necessarias, a França tinha todas as concessões quanto ás grandes unidades.

## PRESIDENTE PILSUDSKI

A 19 do mez passado, commemorou a Polonia o natalicio de seu illustre presidente, o Marechal José Pilsudski. O chefe do Governo da novel republica é bem um symbolo da tenacidade e do esforço da grande patria, que resurge de um captivo secular, augmentada na sua gloria, pelo fulgor de um espirito indomavel. A unidade nacional nunca desapareceu no grande povo, cuja terra retalhada pela cubica das agulhas imperiaes de Petersburgo, de Berlim e de Vienna, não perdeu a fé na redempção, conquistada agora, sob o olhar admirado do mundo inteiro. O Marechal Pilsudski foi um dos grandes heróes dessa resistencia, com a gloria de ver a liberdade, que foi o sonho angustiado de outros patriotas indomaveis e que chamma a nas notas rutilas de «Polonaises», de Chopin — o grande polaco — como um hymno de gloria deslumbrante. A biographia do chefe do governo da Polonia se pôde confundir com a propria historia da libertação da Patria, nos seus transees dolorosos, nas suas fascinações radiantes. Nasceu de uma familia lidimamente poloneza de elevada hierarchia social, elle viu desde a infancia, pelo que soffrera os seus, logo após o movimento revolucionario de 1863, os horrores e os desmandos da tyrannia, e todas as suas energias, a partir da primeira mocidade, se consagraram á obra ingente e arriscada da liberdade de sua patria. Assim, em pleno regimen tsarista, elle iniciou como um apostolo que tudo sacrificava ao seu ideal patriótico a campanha em prol do reengultimento da nação poloneza abatida pelas duras provações da tyrannia. Com um esforço constante, arriscando-se aos maiores perigos — conspirador, jornalista, typographo e propagandista ao mesmo tempo —

elle conseguiu, durante annos, zombando do zelo terrorista das autoridades russas, manter uma folha revolucionaria clandestina, em que pregava a necessidade de todos os seus compatriotas se unirem com o proposito firme e irreductivel de conquistar a independencia de seu paiz. A obra de propaganda de Pilsudski, não obstante todas as difficuldades sem nome a vencer, conseguiu encontrar éo e interessar vivamente todas as classes da nação opprimida, principalmente o operariado, que já nessa occasião constituia um nucleo mais ou menos organizado, dando em resultado a fundação do "Partido Socialista Polonez", que teve um papel de primeira grandeza no desenrolar de toda a campanha em prol da independencia poloneza, dirigida e levada a termo feliz pelo grande patriota e homem de Estado, cujo anniversario registramos. As perseguições, as ameaças, a condemnação a 5 annos de degredo na Siberia, a prisão na cidadela de Varsovia, nada pôde contrariar a marcha irresistivel da sua propaganda incandescente que despertava no coração do seu povo um ardor santo e invencivel. Depois de haver interessado a massa dos seus compatriotas na obra da independencia Pilsudski passou a cuidar com o mesmo devotamento dos meios de realizar as aspirações de seu povo. Seu esforço todo elle se dirigio então para a organização de um exercito nacional, tarefa difficilissima em face do rigor e fiscalização exercidos pelos usurpadores da sua patria, a Russia, a Austria e a Prussia, contra as manifestações nacionalistas dos polonezes. Não obstante, conseguiu Pilsudski organizar, por meio de sociedades de tiro, um nucleo de officiaes e de soldados, imbuidos da idéa da independencia e que, ao iniciar da conflagração européa em 1914, poderam constituir legiões aguerridas, cheias de um desejo invencivel de combater pela causa da sua nação. Seguindo a orientação da sua politica, Pilsudski com as suas legiões gloriosas atravessou a fronteira russo-allema e foi dar combate á Russia, que era então o maior inimigo de sua patria. Com a derrocada da Russia, o grande General polonez, proseguindo no seu nobre objectivo de libertar sua nação do jugo estrangeiro, voltou-se contra a Allemanha e a Allemanha e a Austria, negando-se a prestar juramento de fidelidade aos imperios centraes, o que lhe valeu ser recolhido preso á fortaleza de Magdeburgo, emquanto as suas legiões eram cesarmadas e internadas nos campos de prisioneiros. Mas o genio organizador de Pilsudski havia previsto todos os contratempos e, logo após a conflagração, fundava a "Organização Militar Poloneza", a celebre associação secreta patriótica conhecida pela designação de "P. O. W.", que possuia nucleos de acção em todas as partes do territorio polonez, e, pela acção desta sociedade, a sua obra continuou intensa e incessante, até que a revolução allemã de Novembro de 1918 poz termo ao seu captivo em Magdeburgo. Livre da prisão, Pilsudski entrou victorioso em Varsovia, onde desde logo tratou de activar e consolidar a obra da independencia, proclamada dias antes em Lublin. Sua acção de então para cá, tem sido de um democrata esclarecido e de um militar da mais larga e magistral visão. Convocou a Dieta Constituinte e, se bem que lhe tivessem posto em mãos todos os poderes de um dictador, recusou quaesquer privilégios para garantir ao seu povo uma carta de liberdade, baseada nos mais avançados principios da democracia moderna. Ao mesmo tempo, foi o chefe militar sem igual que livrou o paiz, com os golpes da sua estrategia admiravel, da invasão terrivel das hordas volumosas do Exercito Vermelho.

SIC TRANSIT GLORIA MUNDI!

A morte do ex-rei e imperador Carlos, de Habsburgo, occorrida no ultimo dia do mez passado, em Bunchal, na ilha da Madeira, evoca-nos todo o fastigio e toda a gloria da grande e potente monarchia do Danubio, dominando a Europa, desde os tempos do machiavelico Maeternich até o momento em que o velho e alquebrado Francisco José, manejado pelos imperialistas da Wilhelstrasse, conflagrou o mundo. A guerra, porém, desorganizou o heterogeneo paiz, que a majestade apostolica dominava. Os grupos ethnicos diversos, unidos em torno á aguia bicephalica, pela força, ou pelo proprio prestigio da corôa, ou do velho imperador, só esperavam um ensejo para desmembrarem-se em nações livres e soberanas. A servidão augmentava o animo irredento cada dia a mais e, afinal, quando a derrota esmagou a alliança centro-européa, viram todos que a victoria das armas alliadas era a redempção almejada. A onda revolucionaria irrompeu e os monarchas fugiam, salvando-se de sorte mais adversa. O trono de Vienna, já occupado, por Carlos I, esvaiou-se e o imperante deposto, passou-se

para a Suissa, onde teve tres annos de exilio aparentemente quieto. Animado pelos successos da Grecia, que depuzeram do poder Venizellos e retronaram Constantino, tentou Carlos de Habsburgo aventura semelhante. Por duas vezes appareceu na Hungria, cercado de seus partidarios, dispostos a retomar o governo das mãos do Almirante Horthy. Em ambas, o fracasso foi absoluto, tendo, na segunda, sido feito prisioneiro e entregue aos alliados, que resolveram findar essas aventuras, exilando-o na ilha da Madeira, para onde seguiu com a ex-imperatriz e seus filhos, num navio inglez. Teve um exilio curtissimo. Cedo a morte lhe fechou os olhos, separado do mundo, da gloria e do poder. Por um instante a corôa de rei e imperador esteve em sua cabeça, mas Carlos I deveria pagar a dívida de um seculo de erros, resgatar os defeitos do Tratado de Vienna, as ambições da Austria, as torturas dos povos submissos. Sobre sua figura joven uma sombra negra fazia um ambiente tragico, em que desapareceu.

A MORTE DE DENYS COCHIN

Aos 70 annos de idade, acaba de fallecer, em Pariz, Denys Cochin, notavel como escriptor e como homem, como politico e podemos dizer, como herôe. Descendente de uma familia illustre, filho que era do philanthropo Augustin Cochin, o joven Denys levou para a Universidade, onde se matriculou para fazer o curso juridico, um nome a zelar e um nucleo vigoroso de energia e de vontade. Por temperamento, dedicou-se, desde muito cedo, ás grandes pesquisas scientificas por que anceavam os sabios do momento. Em plena mocidade e dispondo de todos os attractivos da riqueza Denys por essa época, preferio ir trabalhar no laboratorio do grande Pasteur. Pouco depois, explodia a guerra de 1870 e Denys, então, com vinte annos, patriota exarato, que sempre foi, partio para os campos de batalha, como sargento do 8º regimento de lancas. Denys Cochin, cujo nome começava a tornar-se da claridade gloriosa do prestigio da sciencia e das letras, tornou-se conhecido como um dos mais bravos defensores de sua patria. Mezes depois do seu primeiro combate, na campanha travada no lado este, foi Denys o porta-bandeira do General Bourbaki, e todos os sobreviventes dos dias turvos de setenta se recordam ainda, com carinhosa emoção, dos actos daquelle joven francez. Voltou a Pariz, depois da guerra, Denys Cochin se entregou a politica, onde fez uma das carreiras mais rapidas e mais brilhantes. Foi, em 1878, Prefeito de Condrait-Monteaux; eiegeram-no, em 81, conselheiro municipal de Pariz. Em 1893, entrou para a Camara franceza. Por varias vezes, occupou pastas ministeriaes. A sua grande actividade, porém, foi intellectual, porque Denys Cochin, antes de tudo, era o obreiro incansavel no silencio do gabinete. Collaborou, por muito tempo, na *Revista dos Dois Mundos*. Publicou obras, tanto scientificas como litterarias, que alcançaram grande exito. "Os trabalhos de Pasteur", "As falsificações e o Laboratorio Municipal", "A Campanha de Gaz e a Cidade de Pariz", "Quatro annos de Conselho Municipal em Pariz" deram a Denys Cochin uma reputação brilhante de escriptor. Alguns annos depois, publicou uma obra notavel, coroada pela Academia Franceza, "O Mundo Exterior", além de innumeradas outras produções que lhe concederam a credencial de homem de letras, entre os artistas e de homem de sciencia, entre os sabios.

AS VAGAS NA ACADEMIA FRANCEZA

Com a morte de Denys Cochin, occorrida recentemente em Pariz, ficam abertas tres vagas na Academia Franceza, não tendo sido ainda preenchidas as de Jean Aicard e Emile Boutroux, fallecidos, respectivamente, em 14 de Maio e 22 de Novembro do anno passado. Aspiram á vaga de Jean Aicard os Srs. Abel Hermant, Georges de Porto Riches e Louis Madelin, e á de Boutroux, os Srs. Charles de Goffic, Charles Richet, Emile Picard, Louis de Launay, Paul Appell e Pierre de Nolhac. De accordo com os precedentes da Academia Franceza, é possivel que alguns desses escriptores transfiram a sua candidatura para nova vaga, desistindo das outras. Denys Cochin fora eleito em 1911, tendo succedido a Albert Vandal. Os anteriores occupantes de sua cadeira desde a sua fundação da Academia foram Philippe Habert, Jacques Esprit, Jacques-Nicolas Colbert, Fraguier, Charles d'Orleans de Rothelin, Gabriel Girard, Paulmy d'Argeneon J. B. d'Aguesseau, Charles Briffaut, Jules Sandeau, Edmond About e Léon Say. Na Academia Brasileira existem duas vagas, de Paulo Barreto e Pedro Lessa, fallecidos respectivamente em 23 de Junho e 25 de Julho ultimos.



JOSE BEZERRA

Falleceu em Recife, o Dr. José Bezerra, Governador de Pernambuco, chefe politico de grande prestigio na Republica e industrial nesse Estado, onde era dos maiores usineiros. Sua acção politica, no governo do Estado, foi assinalada por uma grande harmonia de vistas, conciliando os diversos partidos e procurando unil-os em torno da grandeza do Estado. Tambem sua gestão financeira em Pernambuco foi das mais benéficas, quer pelo lado economico, pois num anno accumulou o saldo de 12.000 contos, como pelo tributario, supprimindo gradualmente o odioso e absurdo imposto de exportação, pelo imposto sobre a renda. O Sr. José Bezerra foi Ministro da Agricultura, no governo do Presidente Wenceslão Braz, deputado federal e senador da Republica, deixando sempre traços de sua acção benéfica. Era um dos maiores usineiros de Pernambuco, tendo sido um inquebrantavel defensor do grande producto do norte, tão esquecido pelos nossos homens de governo. São os seguintes seus dados biographicos:

O Dr. José Ruffino Bezerra Cavalcanti nasceu no municipio de Victoria, Estado de Pernambuco, no dia 16 de Agosto de 1865. Em 1880, depois de fazer o curso de humanidades na cidade do Recife, matriculou-se na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, onde obteve o titulo de agrimensor. Regressando ao seu Estado natal, foi nomeado para a Estrada de Ferro Central de Pernambuco, em 1883, demittindo-se do cargo para matricular-se na Faculdade de Direito de Recife, onde se bacharelou em 1886. Filiou-se ao Partido Conservador, no Imperio, e se apresentou extra-chapa candidato a uma das cadeiras da Camara provincial. Vencedor no municipio pernambucano, onde então residia, não conseguiu, porém, derrotar os seus contendores. Desgostoso, abandonou a vida politica, vindo exercer a advocacia, em sua terra natal, de 1887 a 1888. Casando-se em 1889, dedicou-se exclusivamente á vida agricola. Em 1890 adquiriu as propriedades que foram do Conde de Boa Vista, senador Luiz Felipe de Souza Leão, na cidade do Cabo, e em 1892 voltou á actividade politica, collocando-se em opposição ao governador de seu Estado natal, o Sr. Dr. Barbosa Lima. Substituido este pelo Dr. Corrêa de Araujo, o então chefe do Partido Republicano de Pernambuco, senador Rosa e Silva, duas vezes derrotado pelo Dr. José Bezerra, nas eleições municipaes da cidade de Cabo fez passar no Congresso Estadual uma lei dando ao governador o poder de nomear um prefeito para aquelle municipio. Filiou-se, então, o morto ao partido opposicionista, chefiado pelo Dr. José Mariano, de quem se divorciou em 1905.

Na 6ª legislatura, apresentou-se candidato a uma vaga de deputado federal, pela opposição, logrando ser eleito. Foi successivamente reeleito ás 7ª e 8ª legislaturas (1912 a 1914). Em 1915 pleiteou a cadeira de senador federal, vaga pela terminação do mandato do Dr. Gonçalves Ferreira, não sendo, porém, reconhecido, apesar de haver sido diplomado. Ainda em 1915 o Sr. Wenceslão Braz, Presidente da Republica, nomeou o Dr. José Bezerra para Ministro da Agricultura. Nesse cargo, que exerceu até o dia 28 de Novembro de 1917, teve occasião o Dr. José Bezerra de revelar suas qualidades de administrador, havendo realizado diversas e importantes reformas de repartições que superintendia, como Ministro da Agricultura. Afim de

"AMERICA BRASILEIRA"

Chamamos a attenção de nossos agentes que ainda não liquidaram suas contas com esta Revista, conforme já em circular lhes solicitamos, o obsequio de o fazerem o mais breve possivel. O mesmo pedimos quanto as contas referentes ao livro "Brava Gente".

desincompatibilizar-se deixou o Ministério a 17 de Novembro de 1917, sendo eleito pouco depois senador federal. Lavrava, então, profundo dissídio entre os chefes políticos do seu Estado natal, e com o fim de apalpar dificuldades e dar uma direcção desapaixonada ao governo estadual, foi escolhido o Dr. José Bezerra para chefe do executivo de Pernambuco, onde falleceu a 28 de Março proximo passado. O povo lhe tributou as mais significativas homenagens.



**O reconhecimento do Governo Mexicano pelos Estados Unidos**

Segundo declarações feitas por altos funcionarios do governo de Washington é muito provável que em breve se dê o reconhecimento do governo do General Obregon, no Mexico, pelo Presidente Harding. Esses mesmos funcionarios acrescentam que estão em franco progresso as negociações entabuladas entre os dois presidentes pessoalmente. Anteriormente, depois de firmada a pacificação mexicana, os governos dos Estados Unidos e do Mexico já havia entrado em entendimentos para que houvesse relações officiaes entre os gabinetes dos dois países, por meio do reconhecimento do governo Obregon. Por questões de detalhes ou talvez e principalmente porque ainda fosse prematuro qualquer acto dos Estados Unidos nesse sentido, as negociações chegaram a ser interrompidas e suspensas, para recommencarem em melhor oportunidade e com maiores probabilidades de êxito. Agora, os dois Presidentes tomaram a si o encargo de solucionar o caso e é de esperar que já não exista mais novos empecilhos ao reatamento das relações officiaes entre Washington e Mexico.

**Ligação ferro-viaria entre a Argentina e a Bolivia**

O Sr. Aramayo, Ministro da Bolivia em Paris, tendo recebido do Presidente da Republica, Sr. Saavedra, a confirmação do pacto assignado entre a Argentina e a Bolivia para o prolongamento do caminho de ferro de Yacuiba a Santa Cruz, fez a respeito, ás declarações seguintes: «Esta convocação é para a Bolivia e para a Argentina de uma importancia considerável. A convenção prevê a construção de uma linha de ferro de 740 kilometros, pelo governo argentino e ás suas proprias custas. Essas despesas serão elevadas, mas o governo argentino as recuperará numa rapidez, pois o transito será certamente muito consideravel. Sabemos, além disso, que a Bolivia se reservou o direito de comprar a linha ferrea em qualquer tempo, pagando o preço da construção e mais cinco por cento. A região que a nova via-ferrea atravessará é a mais rica da Bolivia, situada entre os contrafortes dos Andes e as planicies que terminam no Paraguay. Ella forma um vasto quadrilatero de 1.500 kilometros de comprimento sobre 300 de largura. E/ um país são, de zona temperada, com immensas pastagens, e que produz assucar, café, tabaco e algodão de qualidade superior. E' tambem uma região petrolifera, onde um grande syndicato americano seaba de adquirir vastas concessões. Em alguns annos, graças ao caminho de ferro, esta região ainda pouco habitada, se tornará num grande centro de grande actividade agricola e industrial. A linha permitirá tambem a Argentina de nos trazer os seus productos com facilidade e será no futuro um laço que unirá estreitamente nossos dois países, favorecendo o intercambio de todas as nossas actividades.

**A Universidade de Buenos Aires**

No dia 8 de Fevereiro ultimo a Universidade de Buenos Aires celebrou o centenario de sua organização. Foi a 8 de Fevereiro de 1822 que o brigadeiro D. Martin Rodrigues, governador proprietario da provincia de Buenos Aires, dictou o decreto, referendado pelo Ministro D. Bernardino Rivadavia, organizando a Universidade de Buenos Aires, dividida em seis departamentos, a-saber: departamento de primeiras letras; departamento de estudos preparatorios; departamento de medicina; departamento de jurisprudencia e departamento de sciencias sagra-

das. Dez mil pesos ouro foram assignados para os gastos da Universidade com o departamento de primeiras letras. Nos outros departamentos se orçaram as despesas de accôrdo com os ordenados dos lentes, 400, 600, 800 e 1.000 pesos annuaes, conforme a cadeira. Só o departamento de sciencias sagradas ficou sem lentes e sem alumnos, conforme a noticia de «Caras y Cerebras» de 17 de Fevereiro ultimo. O que se deve porém observar é o carinho com que já desde 1822 os argentinos cuidavam da instrução primaria.

**A politica exterior do Mexico**

Em um banquete offerecido ainda ha dias ao Ministro da Argentina, Sr. Manoel Malbran, o Sr. Pani, Ministro das Relações Exteriores do Mexico, pronunciou um interessante discurso sobre a acção dos povos americanos em torno de uma reunião continental effectiva. Entre outros conceitos e considerações de alto valor, para definição do sentimento que ora orienta a politica internacional do Mexico, disse o Sr. Pani que todo o povo consciente de suas obrigações moraes deveria sympathisar com os demais povos da terra, pois, a humanidade é a mesma em todos os países; que, especialmente os povos do Continente Americano, vindos de uma mesma origem e que soffreram, soffrem e soffrerão as mesmas vicissitudes para alcançar os mesmos ideaes, deveriam estar unidos em estreita e indestructivel solidariedade, pois, é evidente que taes povos, ao desempenhar a missão civilizadora a que são chamados, poderiam se impor a obrigação de não resistir á concordia universal, desenvolvendo suas relações em um terreno livre dos preconceitos e validades, que frequentemente engendram uma suposta ou real superioridade de outros na escala do progresso humano, illuminado, além disso, pela justiça, visto como o sentimento desta se manifesta em razão directa da franqueza material que se transforma em força e orgulho legítimos. Os povos americanos, acrescentou o Sr. Pani, da mesma raça e civilização, deverão estreitar suas relações de amizade, não para constituirem uma entidade contraria a outra entidade racional ou mais bem unida, mas sim para cooperarem harmoniosamente, baseados no direito, em instituições e tendencias politicas e sociaes, semelhantes em todos os povos que habitam este Continente, em proveito de cada um delles e do bem estar e da paz comuns. Recordo postulados anteriores da ethica internacional, pois, quasi sempre são esquecidos e raramente praticados, havendo uma grande distancia entre a theoria dos deveres e a realidade dos factos. Esta é a orientação racional e nobre da diplomacia pan-americana, que, pelo que respeita a meu Governo, não é senão o reflexo dos sentimentos que palpitam em cada mexicano e se crystallizam, por exemplo, no preceito constitucional que reduz os requisitos para naturalização dos indios, não como mira egoistica de extensão, mas para que gosem dos mesmos direitos que os mexicanos. São estes altos sentimentos de democracia e de paz que inspiraram a obra de approximação mexico-brasileira, e que o nosso Governo, com o apoio de todo o povo brasileiro, completou ha dias com o auspicioso decreto de elaboração da nossa representação diplomatica no Mexico á categoria de Embaixada.

com a collaboração de effectivos consideravel e exactamente na região mais indicada. E' um esforço cujo valor não precisamos encarecer e que revela o muito que já temos progredido nesse terreno. Correram brilhantemente as manobras de quadro e as manobras de tropa realizadas do Rio Grande do Sul, com assistencia do Sr. Ministro da Guerra. Das manobras de tropa ainda não temos informações completas, mas podemos noticiar um pouco menos laconicamente as manobras de quadro, que duraram de 7 a 15 do cadente, constituindo um signal evidente dos progressos do Exército, depois que a Missão Franceza começou a diffundir entre a nossa brillante officialidade os ensinamentos da guerra moderna. A alta direcção das manobras coube ao Sr. General de Divisão Celestino Alves Bastos, Chefe do Estado-Maior do Exército. Commandou o III exercito Sr. General de Divisão Tasso Fragozo; as I, V e XV divisões de infantaria e as I e II divisões de cavalaria foram commandadas respectivamente, pelos Generaes de Brigada Estilac Leal, Eduardo Socrates, Cândido Rondon, Alexandre Leal e Fabio Azambuja. Compuzeram os estados-maiores destas divisões officiaes com o curso de aperfeiçoamento, de estado-maior e de revisão, que preencheram as funções de chefes das primeiras, segundas e terceiras secções e encarregados de serviço, officiaes da intendencia, administração, saúde e aviação. Só as divisões e brigadas tiveram representação de quadro. No dia 2 de março as divisões partiram, com os respectivos comboios, as quaes se incorporaram as novas viaturas cozinhas, para retomar a situação que lhes competia, iniciando o exercicio. O serviço de transmissão, dirigido pelo Major Thebert e officiaes do 1º batalhão de engenharia, foi irreprehensivel. Todas as divisões marcharam convergentemente para S. Gabriel, onde se terminaram as manobras com êxito completo. O serviço de estado-maior funcionou admiravelmente no III exercito, como nas divisões. Diz o «Jornal do Commercio» a quem devemos esta noticia que se tinha a impressão de uma guerra verdadeira. Os «bureau» funcionavam até horas adelantadas da noite no preparo e expedição de ordens de operações e preparatorias boletins de informação; os serviços de etapas eram feitos em perfeita ordem devidamente localizados os comboios administrativos e os trens de estacionamento, T. Q. 1 e T. E. 2, com as ambulancias cirurgicas e as ordinarias, disponiveis e carregadas. Continuamente eram fornecidas pelos arbitros (da M. M. F.) as informações sobre o inimigo, colhidas pelos respectivos órgãos, cobresahindo as das esquadilhas de aviação. Os P. C. eram mudados á medida da progressão do ataque. A impressão do General Gamein foi confortadora para os nossos officiaes e elle se exteriorizou em palestras com os mesmos. A conferencia critica sobre a manobra foi realizada pelo chefe da M. M. F. que em seguida deu a palavra ao General Tasso Fragozo, commandante do III exercito. Este fez uma bella preleção sobre a concepção da manobra, a actuação de seu exercito e exito do exercicio, que nos revelou o grande aproveitamento das lições dos meses, tres francezes. Discorreram sobre os detalhes da manobra os Coronéis Derougemont e Barrat Teñentes Coronéis Dalmassy e Dr. Marlan. Encerrou a conferencia com chave de ouro o General Gamein, que se alongou brilhantemente sobre a doutrina da guerra, do ponto de vista brasileiro.



**As grandes manobras militares**

As noticias que chegam do Rio Grande do Sul, sobre as grandes manobras militares de quadro e de tropa que alli estão sendo realizadas sob a direcção da Missão Militar Franceza, de-tem encher do mais legitimo orgulho a joven officialidade do Exército, que é a que mais enthu-siasticamente se preoccupa com os interesses da defesa nacional. De facto, todos os objectivos dessas manobras têm sido brilhantemente atingidos. Vê-se bem que os ensinamentos da Missão Franceza têm sido apprehendidos e aproveitados. O nosso aparelhamento militar, no tocante ao Exército, já é uma promissora realidade. Realizamos, pela primeira vez, manobras de quadros



**O ensino primario em S. Salvador**

O numero de escolas publicas primarias que funcionam na Republica de S. Salvador, atingio em 1921 a 805, das quaes 514 são urbanas, 206 rurales e 85 nocturnas. Nas escolas diurnas estavam matriculados 21.031 alumnos do sexo masculino e 19.166 do sexo feminino. A matricula das escolas nocturnas foi de 2.757 alumnos e 1.581 alumnas, apresentando a media de frequencia, respectivamente de 1.471 e 889. Quanto ás escolas diurnas a frequencia media foi a seguinte: 14.187 do sexo masculino e 13.416 do sexo feminino. Varias municipalidades mantêm 27 escolas, com a matricula de 1.606

alunos. Os collegios particulares, em numero de 40, matricularam 3.265 alumnos, obtendo a frequencia media de 2.811. Em todas as escolas publicas e particulares da Republica de São Salvador estavam matriculados no anno passado 49.406 alumnos, sendo a media da frequencia de 33.602.

**A "Casa da Bahia" no Centenario**

Afim de levantar, por occasião do Centenario, um monumento que, na Bahia, marque a grandeza prodigiosa de sua acção na cultura nacional, o Instituto Historico e Geographico dirigiu um appello ás colonias estrangeiras, pedindo-lhes o auxilio para esse grande tentamen. O appello é feito, mais em particular á colonia portugueza, a quem o Instituto se dirigiu nestes termos:

"Honrada e prestimosa colonia portugueza na Bahia — Passado um seculo da nossa separação do glorioso Portugal, vimos nós os mais genuinos representantes no centro historico da Bahia appellar para os descendentes dos autores da nossa existencia, filhos do luzido solar da nossa linhagem, aqui identificados nos idéas da nacionalidade brasileira com quem nos integramos pelos llares do sangue e pela unidade das almas. Quando vamos commemorar a mais ruilante ephemeride da nossa Patria, descoberta por vossos marinheiros num dia de sol, povoada por vossos irmãos em extremos de sacrificios, educada por vossos mestres da Companhia de Jesus, colonizada pela raça immortal dos luzitanos, protegida pela vossa bandeira immaculada no redor de 322 annos, quando cuidamos de tão grandiosos projectos, não é demais que vos imploremos a ajuda na construcção do templo, em cujos cofres se abriga o magnifico patrimonio de dous povos irmãos e em cujo adro pompeirão as imagens dos nossos maiores, que são os vossos tambem.

Ampara-nos ainda a soliditação o pensamento aqui proclamado de que a festa do Centenario da nossa soberania deve ser a festa maior da confraternidade luso-brasileira; e isto porque nos estreitavam cada vez mais num longo amplexo de amor as mesmas directrizes mentaes, os mesmos antecedentes historicos, os mesmos interesses concordantes, a aliança perenne de filhos e de paes. Se nos separam centenas de milhas da estrada Atlantica, se politicamente somos organizados em nucleos independentes, constituimos tambem do ponto de vista moral e ideal um todo inseparavel: "cidadãos de uma lingua", agentes de uma historia, descendentes de uma só progenie. Seja o vosso mimo á terra que Portugal diviso primeiro entre as do Brasil, o auxilio á construcção do Monumento Commemorativo do Centenario da Independencia na Bahia."

**"Annaes Pernambucanos"**

A Camara dos Deputados de Pernambuco, por iniciativa do Sr. Deputado Souto Filho que, a respeito, apresentou um projecto á consideração dos seus pares, prestaram um grande serviço ao patrimonio historico de Pernambuco, si effectivar a resolução de editar a importante obra *Annaes Pernambucanos*, da autoria do velho mestre da historia de nossa terra Sr. Dr. Pereira da Costa. Esse trabalho, é pelos seus numerosos dados e documentos, a chronica mais completa da vida pernambucana. Vem muito a proposito a edição desse valioso registro historico, quando vamos commemorar o Centenario da Independencia politica do Brasil. Todos os nossos votos são que, approved o projecto, não demore o executivo em dar-lhe a sua sanção, tão opportuno é esse tentamen.

**A gloria de Castro Alves**

Numa das ultimas sessões da Academia Brasileira, o Sr. Afranio Peixoto chamou a attenção de seus pares para uma homenagem prestada no estrangeira a Castro Alves.

Trata-se de um bello artigo publicado no ultimo numero da "Revue de l'Amérique Latine", de Março de 1922, da autoria do Sr. George Le Gentil, professor de Literatura Portugueza, na Faculdade de Letras da Universidade de Paris. Precisamente allude o escriptor á commemoração academica, consubstanciada no numero da "Revue de l'Académie" que conspiciu a apologia e critica a Castro Alves, nestes cincoenta annos transcorridos. "A Academia, diz elle, na piedosa homenagem que consagra á memoria do poeta, quiz evocando tanto o favor como a censura, reconstituir a verdadeira physionomia do fundador da escola condoreira, dar as razões de sua voga persistente, marcar o lugar excepcional que elle occupa na evolução das literaturas americanas". O estudo do Professor Le Gentil, perfeitamente documentado e persuasivo, não só traça a caracteristica de Castro Alves no seu meio e

no seu tempo, como indica a sua filiação espirituai com os grandes poetas e pensadores euro-peus que o precederam, sem perder a originalidade de concepção e de forma que a natureza virgem da America lhe havia de impor ao genio soberano. Investiga, commenta, cita, produzindo formosos trechos da poesia do nosso vate, para embevecer-se no mais perfeito de seus poemas, "A Cachoeira de Paulo Affonso" do qual diz, como remate: "Neste drama habilmente conduzido, de uma perfeita unidade, embora se divida em quadros pitorescos, ora graciosos ora terrificos, encontra-se toda a poesia de Castro Alves, com a sua poderosa rhetorica, sua visão desmedida dos homens e das coisas. Nesse episodio obscuro da vida do sertão soube elle encerrar, além de idéas generosas, tomadas ás mais velhas civilizações, a ternura dos ascendentes luzitanos, a suavidade brasileira, a commoção dos grandes espectaculos ignotos. Sua voz é a da joven e livre America no momento em que ella se honrava com um sacrificio livremente consentido — a liberdade de uma raça escravizada — que ella mudara em reparação devida. Seria injusto quando "A Cabana de Pae Thomaz" conquistou seu lugar na literatura universal de não admittir aqui a seu lado "A Cachoeira de Paulo Affonso". Ninguem aqui, nenhum de nós brasileiros e homens de letras, deixará de se commover e entusiasmar com a altura e a espontaneidade dessa homenagem, que a Castro Alves, hoje indiscutivelmente tão glorioso na sua terra, confere fóros de nomeada além della, com uma obra que entra na literatura universal, para depôr do genio e da generosidade de nossa raça.



ILDEFONSO FALCAO

Pelo "Curvello" seguiu para a Europa o Sr. Ildefonso Falcão, auxiliar do nosso Consulado em Bremen.

Distincto homem de letras e zeloso funcionario, o Sr. Ildefonso Falcão, nos postos em que tem servido na sua curta mas brilhante carreira, tem se sabido impôr pelo seu talento e pela dedicação patriótica com que procura servir ao paiz. Em Buenos Aires, de onde acaba de ser removido para Bremen, o Sr. Ildefonso Falcão foi um esforçado divulgador da nossa cultura e das nossas causas, prestando com o seu talento os melhores serviços á obra de aproximação intellectual argentino-brasileira, tendo adquirido nos circulos litterarios e artisticos da capital platina uma situação de estima especial, que elle soube applicar em beneficio do nosso paiz e das nossas relações com a Argentina.

**O NOVO MINISTRO DO PERU'**

No corrente mez deixará Lima, com destino a esta capital, o Sr. Dr. Ernesto de Tezanos Pinto, novo enviado extraordinario e Ministro Plenipotenciario do Peru, no Brasil. O illustre diplomata goza de grande prestigio nos meios cultos, muito principalmente na America Latina e vem prestando relevantes serviços á sua patria. Foi adjunto de legação do Peru no Chile, chefe da secção diplomatica do Ministerio das Relações Exteriores, secretario de 1ª classe da legação na Colombia e na Venezuela, consul geral em Iquique, secretario de 1ª classe encarregado de negocios e ministro plenipotenciario na Argentina, na Colombia. Ultimamente desempenhava essas funcções em La Paz, donde foi transferido para o Rio de Janeiro.

**O EMBAIXADOR AMERICANO**

A bordo do vapor Inglez "Almanzora" partiu para a Europa o illustre diplomata Sr. Edwin Morgan, Embaixador Norte-Americano. Vae S. Ex. por exigencias da sua saude, afim de fazer uma estação de aguas e pretende regressar dentro de alguns mezes ao posto em que tantos serviços tem prestado á politica do continente e especialmente á intensificação da politica de leal amizade entre o seu paiz e o nosso. A ausencia do eminente diplomata será muito sentida em nossa sociedade, perante a qual o Sr. Morgan tem uma situação invejavel, graças ás altas qualidades do seu espirito e á sua fina distincção pessoal. Desejamos ao viajante illustre os melhores resultados para a sua saude e breve regresso ao seu posto.



**NOSSA BALANÇA COMMERCIAL**

Num artigo do abalizado economista Sr. Ramalho Ortigão, publicado na *Gazeta da Bolsa*, encontramos interessantes dados acerca dos resultados de nossa balança commercial em 1921. Verificamos que o Brasil importou, durante o anno de 1921, 2.578.236 toneladas de mercadorias, no valor de 1.639.860 contos ou £ 60.466.000, sendo: no primeiro semestre contos ou £ 38.356.000, e no segundo, 219.927 toneladas, no valor de 688.874 contos, ou ... £ 22.110.000. A exportação, durante o mesmo periodo, attingiu a 1.919.421 toneladas de mercadorias no valor de 1.709.722 contos ou ... £ 58.587.000, sendo 905.533 toneladas no primeiro semestre, valendo 725.065 contos ou £ 26.726.000, e 1.013.888 toneladas no valor de 984.657 contos ou £ 31.861.000, no segundo. Estes resultados demonstram que exportamos menos do que importamos, 658.815 toneladas de mercadorias, emquanto o valor global da exportação excedeu o da importação em 19.853 contos, ou sejam £ 1.879.000. Vê-se, apreciando esses dados, que o valor médio da importação foi de 655\$440, ou £ 23,91, por tonelada, emquanto o da exportação se expressa em 890\$740, ou £ 30,10,6, igualmente por tonelada. O cambio médio anda em cerca de 87/16 d, por mil réis. Apreciando em conjunto o movimento do nosso commercio exterior em 1921, diz o Sr. Ramalho Ortigão que se observa, em todo caso que o seu balanço vaie tardando a se equilibrar, em seguida á extraordinaria perturbação que occorreu nos tres ou quatro annos anteriores; pois que a deficiência do valor da exportação para cobrir a importação, que era em 1920 de £ 17.484.000, ficou reduzida a £ 1.879.000.

**O BANCO DO BRASIL**

Foi publicado o relatório do Banco do Brasil relativo ao anno de 1921 e por esse documento se vê não só a que gráo de potenciaalidade attingiu o nosso primeiro instituto de credito como ainda os relevantes serviços que prestou á economia brasileira e ao commercio em geral. Os depositantes accorreram num crescendo de confiança. As contas correntes, sem juros, elevaram-se de ..... 125.396:067\$956, em 31 de Dezembro de 1920, a 367.362:019\$093, em igual data de 1921; as contas correntes com juros, de 127.146:268\$933 a 250.151:617\$737 e os depositos a prazo fixo de 36.156:092\$302 a 242.070:507\$834. Assim, a somma total de depositos passou de réis ..... 288.698:429\$196, em fins de 1920, a réis ..... 859.584:144\$664, em 1921. Os empréstimos em conta corrente subiram de 138.824:584\$783 a 291.121:670\$794; as letras descontadas de réis 139.157:735\$305 a 437.968:470\$090. As contas de cambio, que tinham sido em 1920 num total de libras 38.431.331, subiram a um total de libras 138.054.780, em 1921. O Banco effectuou, gratuitamente, no periodo de 13 de Junho a 31 de Dezembro de 1921, a compensação de cheques na importancia total de réis 2.060.555:965\$334, intensificando a circulação e augmentando, portanto, correspondentemente, a eficiencia da nossa moeda.

O Banco do Brasil redescontou até 31 de Dezembro ultimo 10.187 titulos, na importancia de 567.307:163\$725; e tendo pago no Thesouro juros na importancia de 1.676:506\$560 apurou 2.147:663\$012 de lucros, sem ter verificado um só prejuizo. Os descontos na Carteira Commercial attingiram no anno passado, a réis ..... 625.246:195\$801, cinco vezes a importancia das transacções de 1920. A média da taxa cobrada, no primeiro semestre foi de 9 1/3 %; no segundo, de 7 1/3 %, e em todo o anno de 7 15/22 %. Os lucros liquidos elevaram-se a 12.486:480\$217, depois deduzidos ..... 15.523:961\$930, que pertencem ao anno corrente e os prejuizos não excederam de 0.37 % sobre o valor dos titulos vencidos.

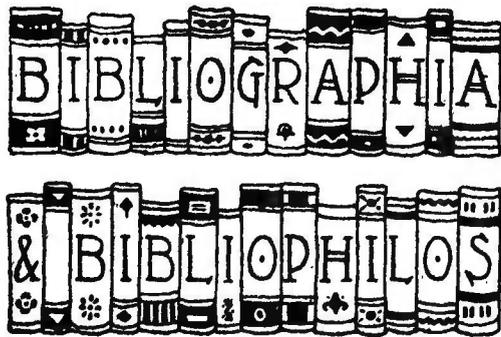
Foram consideráveis os lucros alcançados durante o anno. O saldo do balanço encerrado em 31 de Dezembro de 1920 tinha sido de réis 9.381.839\$545; no balanço seguinte de réis 11.287.843\$899; e do ultimo semestre elevou-se a 17.703.703\$276, depois de deduzidos réis... 15.573.961\$900 de descontos que pertencem ao presente exercicio. Não resultou este augmento extraordinario da applicação de taxas excessivas; pelo contrario, a média das taxas baixou de 8 1/3 % a 7 1/33 %; nem tão pouco de especulações cambiais; e lucro da Carteira Cambial foi, como já referi, relativamente moderado; — mas teve como causa, unica e animadora, o desenvolvimento geral de todas as transações. Os resultados alcançados permitiram que os dividendos fossem elevados a 12 % no primeiro semestre e a 18 % no segundo.

**PRODUÇÃO AGRICOLA**

A estimativa da produção agricola do Brasil e do seu valor no anno de 1920-1921, feita pela Directoria do Serviço de Fomento Agricola, estabelece que o nosso paiz produziu, nesse periodo, 9.415.710.909 kilos e 139.944.484 litros dos diversos generos de exportação e consumo, no valor de 4.284.189\$300, assim distribuidos:

| Productos           | Kilos         | Total           |
|---------------------|---------------|-----------------|
| Milho.              | 4.736.095.866 | 949.219.173\$   |
| Café.               | 854.723.966   | 1.025.992.759\$ |
| Algodão.            | 242.995.843   | 485.991.686\$   |
| Assucar.            | 695.516.400   | 417.309.840\$   |
| Arroz.              | 638.264.086   | 319.132.043\$   |
| Feijão.             | 644.444.364   | 232.555.527\$   |
| Matte.              | 260.000.000   | 156.000.000\$   |
| Fumo.               | 86.632.705    | 129.950.042\$   |
| Farinha de mandioca | 572.307.920   | 114.461.584\$   |
| Borracha            | 60.858.602    | 97.373.788\$    |
| Batatas.            | 190.852.580   | 76.341.032\$    |
| Trigo.              | 135.845.225   | 67.922.612\$    |
| Cacão.              | 61.052.615    | 61.052.615\$    |
| Alfafa              | 161.634.500   | 59.804.765\$    |
| Aguardente (Litro). | 133.720.162   | 33.430.040\$    |
| Vinho (litro)       | 47.280.000    | 23.640.000\$    |
| Centeio.            | 19.605.072    | 9.803.536\$     |
| Côco.               | 39.035.000    | 7.807.000\$     |
| Alcool (litro)      | 12.944.322    | 6.472.161\$     |
| Cevada              | 8.777.655     | 5.266.593\$     |
| Avela.              | 8.723.569     | 3.489.427\$     |
| Marçona.            | 8.344.941     | 1.668.988\$     |

Nesse trabalho não foram incluídos outros artigos de nossa produção como o amendoim, batata doce, cebola, alho, ervilhas, hortaliças, bananas e outras fructas. Também não estão ali computados os productos do Maranhão, bem como os de 29 municipios de Goyaz, 49 de Minas Geraes e 34 da Bahia. Por tudo isso, pôde calcular-se que a nossa produção agricola, no anno de 1920-1921, foi muito além da somma de 4.284.684:189\$300.



**CATALOGO DE LIVROS RAROS**

O Sr. J. Leite, livrelro estabelecido nesta Capital, á rua Tobias Barreto n. 12, acaba de publicar o seu primeiro catalogo de livros raros. Essa publicação merece ser aqui destacada com muita sympathia. Numa terra em que os estudos de bibliographia são muito descurados por parte dos eruditos e em que os negociantes de livros usados, na quasi generalidade, não têm a noção do commercio desses livros, a obra que inicia o joven livrelro José Leite é digna de todos os encômios. Organizou elle um catalogo de divulgação minucioso, contendo cada especie bibliographica, além dos característicos principaes e das indicações relativas ao valor estimativo ou venal do livro, commentarios eruditos acerca da obra e do autor. De algumas obras rarissimas fez a reprodução zincográfica do frontispicio ou da portada. O cata-

logo abrange 171 numeros, e entre as obras de excepcional raridade ou preciosas que annuncia figuram o livro *Revelatio de tribulatio*, etc., de Hieronymus, publicado em 1496, em caracteres gothicos, pelo preço de £ 300, a primeira edição, preciosissima, de xtrema raridade, da *Fides, religio morerque*, etc., de Damlão de Goes, pelo preço de £ 30, e o *Atlas Historique*, de Gueudéville, também muito raro, pelo preço de £ 30. O Sr. J. Leite não se tem poupado a esforços e dispendios para renovar os methodos e praxes do commercio de livros usados no nosso paiz, e ao seu amor ás boas letras e ao seu bom gosto devemos ainda as edições photo-zincographicas das *Reflexões sobre a vaidade dos homens*, obra do classico paullista Mathias Alres, cuja primeira edição, hoje rarissima, é de 1752, e da *Summa Politica*, de D. Sebastião Cesar de Menezes, extremamente raro. O catalogo do Sr. J. Leite repetimos, presta innegavelmente um grande serviço, tanto aos livreiros como aos bibliographos ou simples amadores de bons livros, e por isso merece os nossos applausos.



**FAUSTO (Ensaio sobre o Problema do Sér) — Renato Almeida.**

Editado pelo *Anuario do Brasil*, acaba de apparecer o novo livro do nosso companheiro de redacção, Renato Almeida, *Fausto, ensaio o problema do ser*. Trata-se de um longo estudo, em que o autor procura analisar as directivas do pensamento moderno, através da tragedia de Fausto, em que symbolysa a historia do homem, buscando pela intelligencia a finalidade universal. Aproveitando os motivos da obra de Goethe, o escriptor brasileiro, no seu profundo ensaio, depois de fixar a crise racionalista do Doutor Fausto, que é a tortura humana, propõe como solução, para o problema do sér, a redempção pela harmonia entre o Eterno Masculino e o Eterno Feminino, de onde brota a fé, pois aquelle representa a Intelligencia e este o Sentimento. E só o Sentimento elevado, acima da Razão, conclue, pôde redimir a creatura, numa effusão de amor, que é a suprema justificativa do Universo. Melhor do que quaesquer commentarios, o prefacio de Ronald de Carvalho explica, numa synthese admiravel, as tendencias philosophicas do livro. Vale transcrever-o:

"Conhecels, porventura, aquelle symbolo terrivel de Dürer? Conhecels a sua "Melancolia"? O mestre germanico fixou, alli, toda a brutalidade e toda a subtilidade da tortura humana. Aquelles instrumentos com que a sciencia procura illudir-se, aquellas retortas, aquelles compassos e aquellas reguas inflexiveis, toda aquella materia poderosa que o rythmo dos numeros tenta dominar num esforço vigoroso e supremo, representa a imagem atrevida da Intelligencia em face do Mundo. A voz dos seculos agita aquella poeira illustre. Todas as lutas do homem, todas as suas esperanças e todas as suas decepções vibram no metal daquelles cadinhos fumegantes, resoam nas paredes crystallinas daquelles alambiques, mordem a pedra inquebrantavel daquella chão impassivel. Tudo inutil, tudo em vão! O mysterio da terra se confunde com o do céu. Aquillo não é um laboratorio, mas um campo de batalha, onde cada destroço é uma derrota de mil annos de heroismo innocuo.

E que Musa formidavel é aquella que preside aos restos do festim doloroso? Seus olhos immotos, sua face carregada, sua fronte carancuda, lembram mascara de Górgona e, ao mesmo tempo, a da Esphyngue. Ha, porém, nas suas mãos paralyzadas uma dôr que commove, uma dôr de má, que humaniza o aspecto da figura tenebrosa. Ha, nelhas, o gesto de quem não espera mais nada senão o milagre, o milagre, que é o ultimo logro para quem appella o coração.

Aquella "Melancolia" é a Razão.

Fausto a conheceu, porque Fausto é apenas o Homem. Com as armas da sciencia quiz chegar até Deus, quiz explicar o mundo pelo seu

demonio. E o seu demonio era a Razão. Foi ella quem, sob os cambiantes disfarces de Mephistopheles, lhe fez as mais bellas promessas, os mais tentadores convites. Fausto, como qualquer um de nós, como os melhores dentre nós, acreditou demasiadamente nas miragens do seu microcosmo. Fausto, quer dizer Platão é Aristoteles, Descartes e Spinoza, Leibniz e Pascal, a inquietação na posse, a anciedade no desejo, o desconsolo na alegria. Para comprehender o mundo, para refazelo, não recuou diante de nada. O pacto com o Diabo é o pacto consigo mesmo, a confiança nas forças impponderaveis que nos regem, nos proprios, elementos universaes. Certo de que estava na posse desses elementos subteis, foi levado por todas as vertigens da razão. Percorreu os seculos, sondou a substancia primeira, desceu á voragem das cousas, varou o tempo e o espaço, pesou o bem e o mal, abriu com a chave de Salomão o templo das Madres sybilinas, para voltar, por fim, desilludido, aos torvelinhos do seu tormento interior. Que lhe restava da temerosa viagem através os elementos encontrados? A imagem do homunculo, de Wagner! Eis tudo quanto conseguira a sua sciencia: a um verme tremeluzindo no concavo de uma retorta...

"Dem Tüchtigen ist diese Welt nicht stumm!" Não é para quem pensa o globo mudo, eis a triste conclusão da sua experiencia. A Eternidade, talvez creada por nós mesmos, é uma bocca insaciavel que nos devora, que não nos dá um momento de repouso, que nos comprime como um pedrouço desconforme. Que valem as nossas sondas, as nossas miseraveis sondas no seu oceano illimitado? "Was braucht er in die Ewigkeit zu schweifen!" Vogaremos sempre ao sabor dos seus mares alterosos, aos impulsos das suas ondas empolladas e infrenes.

Fausto, entretanto, consegue salvar-se. Ante a sua razão, que lhe diz: "Ich bin der Geist, der stets verneint", elle não se amedronta. Reage. Mephistopheles será vencido e, se Fausto não chega a Deus, chega ao menos á perfeição; quero dizer, ao dominio das suas duvidas.

A historia dessa reacção é justamente o fundamento do bellissimo ensaio do Sr. Renato Almeida. Este livro é o espelho da inquieta adolescencia, que não se contenta com o amargo prazer da duvida, mas quer resolver-a pelo sentimento, já que o raciocínio é impotente e incapaz de vencel-a. "A felicidade não existe no homem que pensa; augmentando tua sciencia, augmentarás tua desgraça", exclama o Sr. Renato Almeida, num dos captulos mais profundos da sua obra. Fausto, sendo "o mais miseravel dos homens", não poderia deixar de ser o mais intelligente. Enquanto ouvio a voz enganadora da razão, foi infelz, demonstra o pensador brasileiro. De nada lhe servio divagar com os calculos da intelligencia. "Onde o homem puzer a intelligencia não terá amor, mas só tortura..." Tudo lhe falhou. O céu das suas esperanças dia a dia se afastava; sómente o inferno das suas duvidas lhe refervia aos pés. O cumprimento do pacto parecia, pois, inevitavel. A labareda que o deveria consumir já lhe abrazia os svãos reconditos de sua alma.

Fausto, porém, possuia a natureza dos herões. Era contradictorio e impulsivo. As fórmulas e as regras não conseguiriam nunca prender o curso caprichoso da sua imaginação. A semelhança dos herões, elle creava as fórmulas e as regras que o momento exigia. Fausto salvou-se pela fé, observa com aguda penetração o Sr. Renato Almeida. Pela fé no amor, na acção harmoniosa que dirige todas as cousas. Goethe percebeu, genialmente, que o mundo vive da luta entre o Eterno Masculino e o Eterno Feminino. Aquelle representa a força, este o Amor. Da combinação dos dous, nasce a fé. Ora, sendo Fausto o Sér no que elle tem de mais alto e mais puro, só chegaria a Deus pelo equilibrio desses dous factores. Nem a simplicidade de Perceval, como apontou Wagner, nem a sabedoria da razão, como queria Fausto, seriam bastantes para resolver o problema. Aquella é mesquinha, porquanto só attingimos á perfeição pela dôr; esta é vaidosa, e a vaidade é a mais orgulhosa expressão da duvida metaphysica, a vaidade de explicar sem comprehender.

Precisamos amar e crer para que não nos arraste o turbilhão das cousas...

A solução que o Sr. Renato Almeida propõe para o "problema do sér", redimindo Fausto pelo amor, além de consoladora, parece-me a mais verdadeira, a mais acorde com o pensamento de Goethe e com as irremediaveis contingencias do mundo. "A razão não é uma luz secca", disse Bacon, é mistér que a lagrima das cousas a fecunde para que o demonio da duvida não nos tente com as suas promessas...

Este livro admiravel é uma alta profissão de fé. Aquelle que nunca duvidou lhe atire a primeira pedra..."

*Tonkas*, Nico D. Hourigoutchi.  
Editions du Fauconnier, Paris.

Os poemas japoizes do Sr. Nico Hourigoutchi não nos revelaram apenas uma feição moderna da poesia do extranho paiz do Oriente. Bem mais do que isso. Sentimos, nelles, a emoção nova de um poeta differente, cujo lyrismo delicioso, ora suave, outras vezes bizarro, nos envolve com doçura, como velhas canções, sensíveis ao coração. A melancolia de suas vozes de penumbra, ás vezes com certos tons trágicos, não vos fere, mas deixa uma magua profunda, o rastro da lagrima chorada.

Je gravé sur une perle  
Tom nom et le mien.  
C'est la tombe de notre amour

Mas, nem sempre a existencia é amarga, porque consegue afastar, por um instante, a tristeza do coração, alegrando-se com a belleza universal, que faz florir as arvores e que o faz poeta.

Ce qui fait la beauté du monde:  
Les fleurs, enchantement de la terre;  
Ces poèmes, joie de mon âme.

Perpassa, nesses poemas, um perfume de natureza, de flôres que se abrem e de folhas que tombam, de outornos acinzentados e luars melancolicos, dos velhos poetas romanticos... Sente-se, no temperamento do Sr. Nico Hourigoutchi a influencia, do symbolismo, na preferencia por certos motivos vagos que, nos seus versos, ganham um admiravel fulgor, tornando-se muito suaves e muito aligeros. E' que as proprias sensações, quando as reflecte, sabe tiralhes a agrura, que empresta o contacto brutal com as cousas, para crescer o prestigio da suggestão. Por isso, seus versos não se destinam senão aos ambientes de eleitos, onde possam ser ouvidos a meia-voz, numa luz morna e macia:

Loin du monde et du bruit  
Dans les monts solitaires,  
Pan accompagne mes chants.

*A mi hermano el Obrero* —  
Diego Carbonell. — Typ.  
do Anuario do Brasil. —  
Rio — 1922.

O illustre D. Diego Carbonell, antigo Reitor da *Universidad de los Andes*, membro do *Ateneo de Caracas* e da *Academia Nacional de Medicina*, Ministro Plenipotenciario da Venezuela, no Brasil, tem consagrado, entre nós, a reputação de um escriptor de tempera, reunindo uma cultura solida e polyforme a uma maneira elegante de escrever, num estilo claro e brilhante, que cerca do maior interesse as suas produções. Depois dos *Juicios Históricos*, em que se revelou um critico de alto valor, procurando applicar os principios scientificos á obra de historia, de sorte a tornal-a essencialmente philosophica, D. Diego Carbonell acaba de publicar *A mi hermano el Obrero*, contendo escriptores de psychologia social, através de alguns dos mais sérios problemas postos em função pelos coefficientes pessoases, além de outras produções de assumptos ethnicos e literarios.

Sempre os prendeu, porém, na mesma estrutura scientifica e philosophica, como observou, em seu erudito prefacio, o professor Oscar de Souza, que estuda numa synthese admiravel, o espirito do illustre escriptor. As paginas que consagra ao problema sexual, sobretudo: "La trémenda cosa del sexo y la fragilidad infantil" — em que estuda o momento trágico da puberdade, com a *vulcanização* do sistema nervoso, bem como seus ensaios sobre a questão ethnica na America, affirm de buscar as linhas primaciaes de nosso caracter nas tãras ancestraes, nos dão a medida exacta de sua cultura e, sobretudo, de seu espirito de observação e analyse, feitas sob um alto criterio scientifico. E' que, na sua formação mental cabe a melhor parte ao biologo e é, sob o cadinho dessa sciencia, que faz passar todos os ph. nomes, sujeitos assim a seu imperioso de terminismo. Sem entrar na indagação de suas tendencias philosophicas, o novo livro de D. Diego Carbonell é um trabalho digno da maior divulgação, porque nelle seu autor se revela, como observou argutamente o professor Oscar de Souza, "um profundo medico social", estudando os aspectos mais sensíveis dos males sociais e apontando o meio de evitar os desequilibrios da personalidade, afinal reflectidos sobre o meio, contaminando-o. *A mi hermano el Obrero* é um livro que deve ser familiar aos homens de acção, dos paizes novos da America, como um excellente aviso, de quem sabe ver, sentir e analysar.

*Na cidade da Paz* — Armando Braga — Typ. Nascimento. — Pirapóra. — MCMXXI.

A fantasia em verso do Sr. Armando Braga — *Na Cidade da Paz* — é um symbolo da nossa dor angustiosa em face do destino inexoravel. Mostra-nos que o drama da existencia não é a luta do individuo com o meio, mas a

a tragica contradicção do nosso temperamento, o conflicto doloroso e irremediavel de cada psyché. Assim, *Mauricio*, foge do mundo vario e de delirio infrenes,

do abysmo hiante  
Que tudo attrahe, tudo seduz, tudo profana"

para a paz immensa de um cemiterio, onde pudesse, livre dos homens e das paixões, encontrar a tranquilla quietação para sua alma fatigada. Estaria resolvido o profundo problema da felicidade. Revelada a essencia da perfeição. Naquelle canto repousado, a vida tambem se immobilizou, nos negros cyprestes dos tumulos frios. O silencio enorme é a unica voz, o aviso inquietador do momento instantaneo. Só para *Mauricio* assim não é. As arvores têm palavras, as estatuas mudas se vivificam e os mortos são sombras que fallam e desejam e têm formas que apetezem. Tudo se renova, como no torvelhinho da vida. E' que a tragedia do homem é a luta da consciencia e da intelligencia, da vontade, do sentimento e do instinto, num tumulto insano, permanente e irremediavel. Nesse theatro intimo, não ha juizes e só a fatalidade subsiste num ondear descompasado. Vêde o espirito de *Mauricio*! Elle aore, ditou na *cidade da paz*. Cedo, porém, a tortura o desentantou, revelando que a tranquillidade não é o isolamento, mas o dominio sobre o universo, pela vontade, subjugando as contingencias ephemeras.

Este é o sentido da fantasia do Sr. Armando Braga. Seu pensamento transborda á forma, nem sempre igual e harmoniosa, entrecortada por certos effeitos de gosto duvidoso. A influencia do lirismo pomposo e espectacular do Sr. Guerra Junqueiro e de certos modos peculiares á poesia do Sr. Julio Dantas quebra, não raro, á sua originalidade, obrigando-o a exagerar os pendores para as notas de retumbancia e de desvaírismo, que obscurecem a clareza da idéa. Por fim, registemos a edição, bem cuidada e feita com esmero, em officinas typographicas do sertão de Minas.

*Violetas* — Versos de Rosalina Sandoval — Alagoas.

Não é uma poetisa nova essa das *Violetas*. Isto é, não surge agora, dedilhando a lyra mais visosissima. Vem de outra geração. Quando surgiu foi com um livro forte: *Alvorada*. Anunciava-se poetisa de folego, cheia de mocidade e de fé.

Com os dias que foram vindo a alma tomou um ermo e numa desolação sem remedio. Ficou-se no isolamento da provincia, erradia voluntaria, soltando as suas endíaxas, como uma ave num recesso de gruta. Cada dia a vida lhe dá, na sua realidade, mais um motivo de scepticismo e de desesperação. O mundo faz-se para a cantora dos *Trevo*s uma noite em te-nebras, na qual aconceia o roscicler de uma aurora — uma outra vida onde as creaturas sejam menos cruéis e as penas mais soffrivéis:

E enquanto a vida nova não chega, Rosalina Sandoval vai cantando no lyrismo dos seus versos, as suas maguas commoventes:

"Minh'alma é um horto, triste, sombrio,  
aonde os lyrios brotam maguados,  
á morbidez do inverno frio...  
Que lyrios roxos e desolados!  
Essa tristeza dos desamados!  
essa dolencia da ave-marã!  
o pranto amargo dos desherdados...  
vivem nest'alma triste, sombria."

Toda a poetica de Rosalia Sandoval vivida dessa tristeza, boia na melancolia que se não sabe se vem de um sonho que se diluiu em saudades, ou é ainda um sonho melancolico. Pagina á pagina, verso a verso, a alma da poetisa só desabrocha em prantos, em desesperanças, em desejos de morte. Mas nem por isso *Violetas* é um livro de desespero.

A tristeza que ha nelle é uma tristeza boa, que se communica a quem o lê, porque é uma tristeza humana que se sente nas horas de descanço e de perdída illusão.

Ha no *Violetas* sonetos como este, de tão maviolos encantos evocativos:

ETERNA PRIMAVERA

"E's o velho casal. Andar pausado...  
Tanto mais velho quanto mais unido  
por esse affecto nunca desmentido,  
esse amor que parece ainda um noivado.

E vão pelo caminho já traçado,  
buscando a sombra do pomar florido,  
lendo livro da vida já tão lido,  
revivescendo os quadros do passado.

Cae uma flor do laranjal cheirosos  
na touca branca da velhinha. O esposo  
diz a sorrir: "Como floreste linda!"

Continua a conversá interrompida:  
— Como eu te amava!... Lembra-te, Gol-cida?  
— Como não me lembrar! ee te amo ainda!"

Alagoas tem, vivendo na serenidade bucolica de Coqueiro Secco, ouvindo as aguas sonoras da lagua Manguaba, boa e velhinha, uma grande alma poetica — Alcina Leite, de que podia orgulhar-se. Não é de mais juntar-lhe a gloria nova de Rosalia Sandoval. São na sua poesia as duas figuras femininas mais interessantes.

O *Diccionario de Moraes* —  
Reedição pelo Dr. Laudelino Freire.

Nunca serão muitos os louvores tecidos ao illustre philologo Dr. Laudelino Freire, director da "Revista da Língua Portuguesa", que é fructo valioso de seu grande amor á pureza de nosso formoso lexico, pela iniciativa de reeditar a 2.ª edição do "Diccionario de Moraes", havido como o maior monumento do genero, em nossa lingua. Para melhor authenticidade, a reprodução é feita em photographia das paginas da edição autorizada de 1813, sendo publicada em fasciculos quinzenaes, devendo estar concluida até o Centenario, de que é esse tentamen das mais notaveis commemorações. Resolveu, destarte, o Dr. Laudelino Freire o problema de nosso diccionario, sempre difficil para os que não tinham as centenas de mil réis precisas para adquirir um Vieira ou uma segunda edição de Moraes. Por outro lado, o illustre Professor, pelo processo de reprodução, evitou as duvidas futuras quanto á authenticidade da reedição, de incontestavel merito. Oxalá essa iniciativa não fique perdída e nossos editores, imitando-lhe o exemplo fecundo, cuidem de reeditar nossos classicos, cuidadosamente, como fez, ha pouco, o Sr. A. J. de Castilho, com os "Apologos Dialogaes", de D. Francisco Manoel de Mello, numa admiravel edição, e o Sr. Solidonio Leite, com o livro do nosso delicioso Mathias Ayres — "Reflexões sobre a validade entre os Homens", tambem em reprodução photographica. Com taes esforços, contribuiremos para melhor amar a lingua, que não está em imitar o *portuguez de lei* dos velhos classicos, mas em penetrar o espirito do idioma, evitando corrupção, que quebra a sua suave harmonia. E' digno, pois, dos maiores elogios a obra tentada pelo Dr. Laudelino Freire, numa contribuição inextimavel para "quem quizer saber a lingua e escrevel-a com acerto."

*Hispano-América* — Revista Mensual — Caracas — Venezuela — N. 1.

Recebemos o primeiro numero desta revista, que se inicia sob os melhores auspicios, procurando ser um órgão "destinado a la difusión de la cultura continental, y hacer obra de acercamiento y armonia entre aquellos pueblos que por tradición y espíritu deben en un futuro intelectual y materialmente, constituir unidos la Raza, en cuya frente escribió el destino la más inverosímil de las civilizaciones." Uma larga parte da revista é dedicada ao Brasil, com photographias de nossa capital e a tradução do "Sonho de Atlantida", de João do Rio, e de um soneto, "Ultima pagina", de Olavo Bilac. E' pois, com o mais vivo entusiasmo, que saudamos nossos confrades venezuelanos, almejando o melhor exito para essa noble tentativa, de estabelecer o mutuo conhecimento entre os povos latinos americanos. Só um grande esforço poderá remover essa difficuldade, de que resultou ao Brasil, por ser o unico paiz que não fallou o castelhano, ficar só, no Continente. Acreditamos, contudo, no esforço da *Hispano-América*, ainda que, pelo seu titulo, devamos estar um tanto á margem de seu programma. E acreditamos, porque a Venezuela é, exactamente, um dos ramos paizes americanos em que somos conhecidos e onde nossos escriptores são estimados. Olavo Bilac e Oliveira Lima encontraram em Eduardo Carreño, poeta do melhor quilate, e Angel César Rivas, jurista e publicista de grande renome, traductores excellentes para suas obras, permitindo sua diffusão em todo o continente. Os Srs. Ruy Barbosa, Graça Aranha, Rodrigo Octavio e muitos outros de nossos escriptores têm obtido para suas obras a melhor divulgação no admiravel paiz, cuja cultura igualmente prezamos, através de seus mais illustres representantes. Dentre estes, occupa lugar de justo realce o Sr. Ministro D. Diego de Carbonell, cujos altos meritos temos tido ensejo de applaudir, quer como litterato, quer como cientista. A sua eleição para a "Academia Nacional de Medicina", a mais antiga de nossas instituições scientificas, representa a merecida consagração ao illustre medico, biologo, psychologo e sociologo e não pôde deixar de reflectir sobre toda a intellectualidade da Venezuela, de que o Ministro Carbonell é dos mais fortes expoentes. Na permanencia, entre nós, do illustre diplomata, acompanhamos, com agrado e desvanecimento, o desenvolver de seu esforço, para tornar a cordialidade sul-americana, não simplesmente uma formula vazia de protocollo, mas o resultado do conhecimento mutuo entre os paizes, de suas forças vivas, do merito de suas elites e das tendencias de seus espiritos. Que a nova revista venezuelana acompanhe essa directriz, contribuindo, effizadamente, para a realização desse formoso ideal, é o nosso voto muito sincero.

*Tabaréos e Tabaróas* — Mario Hora — Livraria Scheitino — 1922 — Rio.

Concorrendo ao torneio da Academia de Letras com um livro de contos — Mario Hora teve o prazer de ver o producto do seu esforço distinguido com uma menção honrosa.

Chama-se o seu livro *Tabaréos e Tabaróas*, nelle descrevendo-nos cousas e gentes do sertão nortista.

De quantos volumes se têm editado com caracter de sertanismo, ultimamente — quer em theatro, poesia ou novellas, o livro de Mario Hora é um dos mais interessantes, como descripção das gens que a civilização da metropole vai isolando, pôde-se dizer, baroamente.

Descuidado por vezes na grammatica como no estylo, revela-se, contudo, o escriptor, um observador seguro e harmonioso, desenvolvendo com muita belleza local typos que animam a vida longinqua, heroica e melancolica do sertão nordestino.

Nós temos admirado a litteratura regional em que avulta o capira paulista como o gaúcho destemeroso, e mesmo obras de escriptores nortistas notaveis, dizendo das almas e das paisagens das terras esquecidas do norte. E ao lado de todas ellas, *Tabaréos e Tabaróas* adquire um relevo que se não pôde occultar.

É um livro bom, revelando um escriptor brasileiro.



**ARTE BRASILEIRA NA FRANÇA**

Federação dos Artistas Francezes, de arte, pretende realizar em Julho proximo uma exposição de quadros de artistas brasileiros, para o que a respeito escreveu ao marinhista Navarro da Costa.

Não ha como applaudir a idéa generosa da Federação. Resta apenas saber como attende-rão á solicitação amavel dos nossos artistas. Não nos daria cuidado a figura que na grande cidade podessemos fazer com a nossa manifesta-ção esthetica. O que ficamos a pensar é em como chegaríamos lá. O Governo não quererá au-xiliar, já não diremos a ida dos nossos artistas á França, mas o simples envio de suas obras. Sociedades de arte não temos que em beneficio faça alguma cousa. Uma Sociedade de Bellas Artes que temos é pura ficção. Uma blague.

Abiscotando do Governo uma subvencão de vinte contos de réis (20.000\$000!), até hoje-nem uma exposição realizou, não tem um bo-fetim, nada que justifique a necessidade daquel-le auxilio. Individualmente nada pôdem fazer os nossos artistas.

Como figurarem nestas condições, no cer-tamen da Federação dos Artistas Francezes?

No entanto é pena, porque os artistas como: os Bernardelli, Visconti, Baptista da Costa, Vil-lares, Latour, Treidler e outros mais novos, po-diam lá figurar com brilho, evidenciando o nosso progresso artistico.

Mas já que não pode ser assim...

**ESCULPTURA EM AREIA E BARRO**

Na igreja matriz de Santos, ainda em con-strução, á rua José Bonifacio, foi inaugurada, e constituiu um grande acontecimento artistico, os trabalhos em areia e barro do esculptor Gusman, que vem percorrendo a America do Sul, numa peregrinação de bohemia e arte.

Gusman, que tem o seu studio na propria igreja, já executou em barro, uma reprodução do celebre quadro "A Ceia de Christo" e um estudo admiravel sobre os doze apóstolos e o "O Martyr".

Os trabalhos de Gusman, que é artista já muito popular em Santos, pelos trabalhos que realisava em nossas praias, alcançaram muito successo, tanto mais quanto o resultado dessa exposição destina-se ao proseguimento das obras da matriz.

**MONUMENTO A PINHEIRO MACHADO**

O Ministerio do Interior começou a publicar no dia 20 do mez findo, o edital abrindo con-currencia publica para a apresentação de "ma-quettes" de uma estatua do General Pinheiro Machado, a ser erigida em uma das praças des-ta capital.

O prazo para apresentação das "maquet-tês" será de cento e vinte dias, a contar da publicação do edital, sendo aceitos projectos de artistas nacionaes e estrangeiros domiciliados no Brasil. Os concurrentes terão a mais sim-pla liberdade de concepção do monumento des-

de quel o projecto traduza e concretize condi-gnamente a homenagem á personalidade do Ge-neral Pinheiro Machado. Ao autor ou autores do projecto classificado em 1.º lugar será con-ferido o premio de dez contos, ficando o mesmo projecto de propriedade do Governo, que servirá para base da concurrencia para a construção do monumento.

**ARTE RETROSPECTIVA E CONTEMPORANEA NO CENTENARIO**

Dentre os varios numeros constitutivos da grande festa commemorativa do Centenario do Brasil, contam-se a Exposição de Arte Retros-pectiva, para a qual se acham convidados todos aquellos que, possuindo colleções de antiguida-des sobre os nossos usos e costumes, desejarem contribuir, desse modo, para enriquecer essa inestimavel feira de objectos artistico-históri-cos, enviando especimens dignos de nella figu-rarem e a Exposição de Arte Contemporanea que vem substituir a annual Exposição Geral de Bellas Artes.

Para ambas essas exposições a secretaria da Escola Nacional de Bellas Artes prestará todas as devidas informações aos interessados.



# BANCO HOLLANDEZ DA AMERICA DO SUL

**Casa Matriz: AMSTERDAM**

**Filiaes na America do Sul: Rio de Janeiro  
— S. Paulo — Santos — Buenos Aires  
Santiago do Chile — VALPARAISO**

Capital autorizado: florins 50.080.000  
Capital realizado e reservas: florins 30.180.000

Fundado pela Rotterdamsche Bankvereniging Amsterdam — Rotterdam —  
Haya, cujo Capital Realizado e Reservas montam  
a florins 114.000.000

**Succursal no RIO DE JANEIRO**

**11-13, RUA BUENOS AIRES, 11-13**

Telephones: Norte 5356, 5357 e 5358

## Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud

SOCIÉDADE ANONYMA

**CAPITAL . . . . . FR\$ 50.000.000**

**CAPITAL REALIZADO**

**Acções Frs. 50.000.000**

**Obrigações Frs. 65.000.000**

**Fundo de reserva Frs. 12.500.000**

Empréstimos sobre prímios hypotheca a curto e longo prazo, reembolsavels a praz fixo ou por amortizações semestras com direlto de reembolso antecpado

Contas correntes garantidas por hypothecas e de movimento. Dinheiro para construcções.  
Abertura de credito para construcções de predios até 50 % do valor dos memos,  
inclusive o terreno

Adiantamento sobre titulos, mercadorias e warrants.

Gerencia de Immoveis, cobrança de juros sobre apolices, acções e debentures, guarda de valores, etc.

**Séde Social em Paris: 39, BOULEVARD HAUSSMANN, 39**

**SEDE DE OPERAÇÕES E DIRECÇÃO GERAL: AVENIDA RIO BRANCO, 44**

Endereço Telegraphico: BRÉSIFONCI

RIO DE JANEIRO

Directoria N. 4.116  
Telephones Secretaria N. 2.085  
Expediente N. 3.750

Caixa Postal 1.307

**Agencia — RUA S. BENTO, 24 — S. PAULO**